

COLEÇÃO
SHERLOCK HOLMES
Série 2

O ARPOADOR MALDITO E OUTRAS HISTÓRIAS

Sir Arthur Conan Doyle

1ª Edição

 EDITORA
RIDEEL



PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de Maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stonehurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador; o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão *Shearer*, que significa “barbeiro”, assim como *Sherlock* na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente, o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza.

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no *Strand Magazine* a sua primeira novela, “Um Estudo em Vermelho”, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar “O Signo dos Quatro” e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o *Strand Magazine* propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de Julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

SUMÁRIO

A PEDRA MAZARINO	7
O CONSTRUTOR DE NORWOOD	24
OS BONECOS BAILARINOS	49
O DESAPARECIMENTO DO JOGADOR DE <i>RUGBY</i>	77
AS TRÊS EMPENAS	97
AS LUNETAS DE OURO	114
OS TRÊS ESTUDANTES	134
A CICLISTA SOLITÁRIA	150
O ARPOADOR MALDITO	167

A PEDRA MAZARINO

Para o Dr. Watson, era agradável encontrar-se novamente na desarrumada sala do primeiro andar da Baker Street, que tinha sido o ponto de partida de tantas aventuras. Relanceou os olhos pelos certificados científicos colocados na parede, pela bancada de produtos químicos enegrecida pela ação da queimadura dos ácidos, pela caixa do violino encostada num canto, pelo balde de carvão que, noutros tempos, continha os cachimbos e o tabaco. Finalmente os seus olhos voltaram-se para o rosto sorridente de Billy, o criado jovem mas discreto, que ajudara a preencher a solidão e isolamento que se formara em torno da figura taciturna do grande detetive.

— Parece que não houve qualquer modificação, Billy. Você também não muda. Espero que se possa dizer o mesmo do seu patrão.

Billy lançou um olhar inquieto para a porta fechada do quarto.

— Creio que ainda está dormindo — confidenciou.

Eram sete horas da tarde de um belo dia de verão, mas o Dr. Watson não se surpreendeu, porque conhecia Sherlock Holmes de longa data e sabia que o seu amigo não tinha noção do tempo.

— Isso significa que temos um novo caso?

— Sim, senhor. Neste momento parece muito interessado em solucioná-lo. Chego a recear pela sua saúde. Está ficando macilento e não quer comer nada. A Sra. Hudson até lhe perguntou: “Quando é que quer jantar, Sr. Holmes?”. “Depois de amanhã, às sete e meia” — respondeu o patrão. O senhor já sabe como ele é, quando cisma com alguma coisa.

— Sim, Billy, sei muito bem.

— Está seguindo alguém. Ontem saiu disfarçado de operário à procura de trabalho. Hoje transformou-se numa velha. Até a mim me enganou; a mim que já devia estar habituado às suas andanças.

Sorrindo, Billy indicou um bojudo guarda-chuva apoiado contra o sofá.

— Aquilo faz parte da indumentária da velha — disse o rapaz.

— Mas para que é tudo isto, Billy?

O criado baixou a voz, como quem discute grandes segredos de estado:

— Não me importo de lhe dizer, doutor, mas a coisa não deve sair daqui. É esse tal caso do diamante da Coroa.

— O quê? O roubo do diamante de cem mil libras?

— Exatamente. Tem de ser recuperado. Se eu lhe disser que o Primeiro-Ministro e o Ministro do Interior estiveram ambos sentados nesse mesmo sofá? O Sr. Holmes tratou-os com muita consideração. Prometeu fazer o que pudesse. Depois foi Lorde Cantlemere...

— Ah!

— Sim, senhor Doutor. Para mim, esse sujeito não passa de um convencido. Não desgosto do Primeiro-Ministro e nada tenho contra o Ministro do Interior que me pareceu homem cortês e bondoso, mas não tolero o lorde. O Sr. Holmes também o detesta. Ele não acredita no Sr. Holmes e foi contrário a que lhe confiassem o caso. Preferiria que o patrão falhasse.

— E ele sabe disso?

— O Sr. Holmes sabe sempre tudo o que é preciso saber.

— Bem, esperemos que não falhe e que Lorde Cantlemere fique confundido. Mas diga-me, Billy, para que é aquela cortina atravessada na janela?

— O Sr. Holmes mandou pô-la ali, há já três dias. Está encobrindo uma coisa interessante.

Billy avançou e correu o pano que tapava o côncavo da sacada.

Watson não pôde reprimir um grito de espanto. Havia ali uma autêntica efígie do seu velho amigo, de roupão, com o rosto virado a três quartos para a janela e inclinado para baixo, como se estivesse lendo um livro invisível, ao passo que o corpo se achava enterrado numa poltrona. Billy descolou a cabeça e segurou-a no ar.

— De quando em quando, a colocamos em ângulos diferentes de modo a dar mais a impressão de realidade. Eu não ousaria tocar-lhe se a persiana não estivesse descida. Mas quando está levantada pode ver-se, do outro lado da rua, a figura simulada.

— Já uma vez usamos um estratagema parecido.

— Antes de eu estar aqui, não é verdade?

Abriu as cortinas da janela e olhou para a rua.

— Há pessoas nos observando. Vejo mesmo um sujeito à janela.

Watson dera um passo à frente, quando a porta do quarto se abriu e apareceu o vulto esguio de Holmes, com o rosto pálido, mas o passo e o porte firmes como de costume. De um salto correu a persiana da janela.

— Basta, Billy! — censurou. — Você esteve em perigo de vida, meu rapaz, e, de momento, você é-me imprescindível. Bem, Watson, é agradável vê-lo novamente nos seus velhos aposentos. Chegou numa ocasião crítica.

— É o que acabo de saber.

— Pode ir, Billy. Esse rapaz é um problema, Watson. Até que ponto posso ser responsabilizado por estar expondo-o ao perigo?

— Perigo de quê, Holmes?

— De morte súbita. Estou à espera de qualquer coisa esta noite.

— À espera de quê?

— De ser assassinado, Watson.

— Que idéia, Holmes! Está brincando!

— Até mesmo o meu limitado senso de humor era capaz de inventar uma brincadeira melhor do que esta. Mas enquanto o pau vai e vem, folgamos as costas. É-lhe permitido beber? O bico de gás e os charutos estão no mesmo lugar de sempre. Quero vê-lo de novo na sua habitual cadeira de braços. Espero que não despreze o seu cachimbo e o meu lamentável tabaco. É o que nos últimos dias me tem substituído a comida.

— Mas, por que não come?

— Porque as faculdades tornam-se mais apuradas quando me ponho a pão e água. Como médico, meu caro Watson, há de convir que o que a digestão assimila para abastecer o sangue, fica perdido para o cérebro. E eu sou cérebro, Watson. O resto da minha pessoa é um mero apêndice. Portanto, só o cérebro me importa.

— Mas esse perigo, Holmes?

— Ah, é verdade. Se isso ocorrer, convém que você retenha na memória o nome e o endereço do assassino. Pode denunciá-lo à Scotland Yard, com recomendações e uma bênção de despedida. O nome é Sylvius: Conde Negretto Sylvius. Tome nota: Moorside Gardens, N. W., nº 36.

Watson sabia perfeitamente os imensos perigos a que Holmes se expunha e não ignorava que o que ele dizia talvez pecasse por falta e não por excesso. Watson era um homem de ação e mostrou-se à altura das circunstâncias.

— Pode contar comigo, Holmes. Estou de folga durante um ou dois dias.

— As suas qualidades não melhoram, Watson, pois acrescentou agora o vício da mentira aos seus outros vícios. Traz todos os sinais do médico atarefado com chamadas de hora a hora.

— Não são chamadas assim tão importantes. Mas, você não pode mandar prender esse indivíduo?

— Sim, Watson, realmente podia. É isso que o preocupa tanto.

— Nesse caso por que não o manda prender?

— Porque não sei onde está o diamante.

— Ah! Billy contou-me: a pedra preciosa que roubaram da Coroa!

— Sim, a grande pedra amarela conhecida por “pedra Mazarino”. Lancei a minha rede e apanhei os meus peixes. Mas não tenho a pedra. Podemos limpar um pouco o mundo metendo-os na “gaiola”. Mas não é esse o meu propósito. O que eu quero é a pedra.

— E esse Conde Sylvius é um dos peixes.

— Sim. É um tubarão e morde. O outro, é o pugilista Sam Merton. Este não é mau sujeito, mas o conde tem-se servido dele. Sam não é um tubarão; apenas um tolo cadoz com cabeça de touro. Mas mesmo assim está se debatendo na minha rede.

— Por onde anda esse Conde Sylvius?

— Estive toda a manhã ao lado dele. Você devia ter-me visto disfarçado de velha, Watson. Nunca representei melhor um papel. Ele chegou até a apanhar-me, certa vez, o guarda-chuva. “Com licença, madame”, disse, com a pronúncia de italiano que é, com a maneira graciosa dos povos do Sul quando está bem disposto; mas é um demônio, quando o sangue lhe ferve. A vida, Watson, está cheia de caprichosas ocorrências.

— Podia ter sido uma tragédia.

— Podia. Segui-o até à oficina do velho Straumbensee nos Minories. Foi Straumbensee quem lhe fez a espingarda de ar comprimido; uma perfeição, segundo consta, e quer-me parecer que, neste momento, está na janela fronteira. Você já viu o manequim. Pois bem, a qualquer instante, pode receber uma bala na cabeça. Ah, Billy, que é?

O rapaz reentrava na sala trazendo um cartão sobre uma pequena bandeja. Holmes relanceou os olhos pelo cartão, ergueu as sobrancelhas e sorriu divertido.

— O homem em pessoa. Eu já esperava que viesse. É a hora de demonstrar coragem e sangue-frio, Watson. Talvez você tenha ouvido falar na fama deste homem como exímio atirador de caça. Seria um remate condigno da sua excelente folha de atividades cinegéticas se conseguisse

juntar-me à sua coleção de troféus. Isto é uma prova de que os meus pés estão pisando os seus calcanhares.

— Mande chamar a Polícia.

— É o que provavelmente vou fazer. Mas não neste momento. Quer dar uma olhadela lá para fora, Watson, e ver se há alguém na rua, rondando a casa?

— Sim, está junto da porta um tipo de aparência rude.

— Deve ser Sam Merton, o fiel mas bastante imbecil Sam. Onde está o cavalheiro, Bill?

— Na sala de espera.

— Mande-o entrar, quando eu tocar.

— Sim, senhor.

— Se eu não estiver aqui, mande-o entrar, da mesma forma.

— Sim, senhor.

Watson esperou que a porta se fechasse e, então, voltou-se para o seu companheiro:

— Veja lá, Holmes, isto não pode ser. Aquele homem é um aventureiro sem escrúpulos. Pode ter vindo aqui para assassiná-lo.

— Isso não me surpreenderia.

— Insisto em ficar aqui com você.

— Você atrapalharia.

— A você ou a ele?

— A mim, meu caro amigo.

— Mas não posso deixá-lo só!

— Sim, Watson, pode. E vai fazê-lo, porque você nunca me deixou no meio do caminho. Aquele homem veio com certos fins, mas acabará por resignar-se aos meus. — Holmes tirou do bolso o seu bloco de notas e rascunhou algumas linhas. — Apanhe um trem e vá até à Scotland Yard onde entregará isto a Youghal, do Departamento de Investigação Criminal. Volte com a Polícia para prender o tipo.

— Farei isso com prazer.

— Antes de você voltar, talvez eu tenha tempo suficiente para descobrir onde está a pedra. — Tocou a campainha. — Creio que é melhor sairmos pelo quarto. Esta segunda saída é extremamente útil. Prefiro ver o meu tubarão, sem que ele me veja, e tenho a minha própria maneira de consegui-lo.

Foi, portanto, numa sala vazia que, um minuto depois, Billy introduziu o Conde Sylvius. O famoso caçador, desportista e mundano elegante, era um sujeito alto e moreno, com um enorme bigode preto que lhe encobria uma boca cruel, de lábios finos, encimada por um nariz comprido e curvo, semelhante ao bico de uma águia. Vestia-se bem, mas a sua gravata luxuosa, o alfinete fulgurante e os anéis brilhantes demais causavam um efeito espaventoso. Quando a porta se fechou, olhou ao redor com olhos precavidos, como se desconfiasse de uma armadilha. Sobressaltou-se ao ver a impassível cabeça e a gola do roupão que se destacavam, acima da poltrona, na janela. A princípio a sua expressão foi de puro espanto. Depois o clarão de uma horrível esperança lampejou-lhe nos olhos assassinos. Certificou-se de que não havia testemunhas e, na ponta dos pés, com a grossa bengala meio levantada, aproximou-se da silenciosa figura. Curvava-se já para vibrar o golpe final, quando uma voz zombeteira o saudou da porta do quarto.

— Não o quebre, conde! Não o quebre.

O assassino recuou, perturbado. Por um instante, tornou a erguer a bengala, como se quisesse transferir o golpe, da efígie para o original, mas, nos olhos firmes e no sorriso de satisfação de Holmes viu qualquer coisa que lhe fez baixar a mão.

— É uma bela obra — disse Holmes, avançando para o manequim. — Feita por Tavernier, o modelador francês. É tão hábil em obras de cera como o seu amigo Straumbenzee o é em espingardas de ar comprimido.

— Espingardas de ar comprimido! Que quer dizer com isso?

— Ponha o chapéu e a bengala em cima dessa mesa. Queira sentar-se. Quem sabe se o senhor não quererá também pôr de lado o seu revólver. Muito bem, prefere sentar-se em cima dele. A sua visita é muito oportuna porque preciso muitíssimo conversar com o senhor.

O conde franziu o sobrolho ameaçadoramente.

— Eu também desejava dizer-lhe algumas palavras, Holmes. É por isso que aqui estou. Não nego que pensei em agredi-lo.

— Efetivamente concluí que vinha com essa intenção. Mas a que devo essas atenções pessoais?

— Deve-as ao fato de pôr os seus homens no meu encalço.

— Os meus homens? Garanto-lhe que não!

— A mim não me engana. Olhe que mandei segui-los. Pelo menos, dois estão no jogo, Holmes.

— Trata-se de um pequeno pormenor, Conde Sylvius, mas faça o obséquio de tratar-me por Senhor quando se dirigir a mim. Deve compreender que, com a minha rotina de trabalho, costumo tratar familiarmente metade da galeria dos patifes, e há de concordar que as exceções são odiosas.

— Bem, então, Sr. Holmes.

— Ótimo! Asseguro-lhe que está enganado a respeito dos agentes que imaginou.

O conde riu desdenhosamente.

— Não é só o senhor que me persegue. Ontem foi um velho desportista. Hoje era uma velha. Não me perderam de vista durante todo o dia.

— Realmente, o senhor lisonjeia-me. O velho Barão Dowson disse, na noite anterior ao seu enforcamento, que, no meu caso, o palco perdera o que a lei ganhara. E agora o senhor elogia os meus modestos disfarces!

— O quê? Era o senhor... em pessoa?

Holmes encolheu os ombros.

— Pode ver, naquele canto, o guarda-chuva que tão cortesmente me entregou nos Minorities, antes de ficar com a pedra no sapato.

— Se eu tivesse me apercebido disso, o senhor nunca mais...

— ... teria voltado a este humilde lar. Percebi-o muito bem. Todos nós temos de deplorar oportunidades perdidas.

As sobancelhas do conde franziram-se ainda mais sobre os olhos ameaçadores.

— O que o senhor acaba de dizer só serve para piorar a situação. Não eram agentes seus, mas o senhor perseguiu-me disfarçado de comediante! Por quê?

— O senhor já caçou leões na África?

— Sim, e daí?

— Por que o fez?

— Pelo desporto em si... o nervosismo da caçada... o perigo!

— E, sem dúvida, para livrar a região de uma fera, não?

— Exatamente!

— Pois aí estão, em duas palavras, as minhas razões.

O Conde pôs-se de pé como acionado por uma mola e, involuntariamente, a mão escorregou-lhe até o bolso traseiro das calças.

— Queira sentar-se! Havia uma outra razão mais prática. Eu quero esse diamante amarelo!

O Conde Sylvius tornou a sentar-se na cadeira com um sorriso malicioso e Holmes proferiu:

— O senhor sabia que era por isso que eu andava no seu encalço. O verdadeiro motivo da sua vinda aqui, esta noite, é descobrir até onde chega o meu conhecimento do assunto e até que ponto é absolutamente essencial a minha eliminação. Pois bem, eu diria que, do seu ponto de vista, é absolutamente essencial eliminar-me, porque sei tudo, menos aquilo que o senhor vai me dizer ainda esta noite. Onde está o diamante da Coroa?

O Conde olhou atentamente para o seu interlocutor.

— Como demônio estaria eu em condições de dizer-lhe onde ele está?

— O senhor está em condições de informar-me e vai fazê-lo.

— Realmente!

— Não me ilude, Conde. — Os olhos de Holmes, cravados em Sylvius, contraíram-se e iluminaram-se até se transformarem em dois ameaçadores pontos de aço. — O senhor diante de mim é como um espelho. Até vejo o avesso da sua alma.

— Então, também vê onde está o diamante!

Holmes bateu palmas, divertido.

— Então o senhor sabe. Acaba de reconhecê-lo.

— Não reconheço coisa nenhuma.

— Agora, Conde, se quiser ser razoável, poderemos negociar. Do contrário, quem sairá vencido não sou eu.

O Conde Sylvius ergueu os olhos para o teto.

Holmes fitou-o, pensativo, como um jogador de xadrez que planeja o lance final. Nisto abriu a gaveta da mesa e tirou um bloco de notas.

— Sabe o que guardo neste livro?

— Não sei!

— Guardo o senhor!

— Eu?

— Sim, o senhor! Está aqui cada ato da sua existência vil e perigosa.

— Vá para o inferno, Holmes! — gritou o Conde. — A minha paciência tem limites!

— Está tudo aqui, Conde. Os fatos relativos à morte da velha Sra. Harold, que lhe legou a sua propriedade de Blymer, e que o senhor tão rapidamente consumiu no jogo.

— Está sonhando!

— E a biografia completa da Srta. Minnie Warrender.

— Essa é boa! Que ganha o senhor com isso?

— E mais ainda. Está aqui o assalto levado a cabo, no trem de luxo que ia para a Riviera, no dia 13 de fevereiro de 1892. Está aqui o cheque falsificado, no mesmo ano, sobre o Crédit Lyonnais.

— Não. Nisso não tem razão!

— Quer dizer que a tenho, nos restantes casos! O Conde é um jogador de cartas. Quando o outro jogador tem todos os trunfos, se o senhor desistir do jogo, poupará tempo.

— Que tem a ver toda essa conversa com o diamante de que falou?

— Tenha calma. Deixe-me agir à minha maneira vagarosa. Tenho tudo isto contra si e, sobretudo, tenho uma acusação séria contra o senhor e o seu espadaúdo cúmplice no caso do diamante da Coroa.

— Tem realmente?

— Sei qual foi o cocheiro que o transportou ao Whitehall e o que de lá o levou para longe. Sei do mensageiro que o viu perto do estojo. Sei de Ikey Sanders, que recusou cortá-lo a seu pedido. Ikey soltou a língua e tudo se acabou.

As veias da fronte do conde dilataram-se. As suas mãos cabeludas crispavam-se convulsivamente com a emoção contida. Tentou falar, mas não conseguiu articular as palavras.

— Está vendo o meu jogo, Conde? Ponho-o sobre a mesa. Falta-me, porém, um trunfo. O de ouros. Não sei onde está a pedra.

— E nunca saberá.

— Seja razoável, Conde. Reflita sobre a situação. O senhor e Sam Merton vão apanhar vinte anos de cadeia. Que partido tirará do seu diamante? Absolutamente nenhum. Mas, se o entregar, poderemos entrar num acordo, ainda que pouco limpo. Não é o senhor, nem Sam, que queremos. Queremos a pedra. Entregue-a e, por mim, pode partir em liberdade, contanto que,

no futuro, se porte bem. Se der mais uma escorregadela, será a última. Mas, desta vez, a minha tarefa é apanhar a pedra.

— E se eu recusar?

— Se recusar, terei de apanhar o senhor e não a pedra.

Billy aparecera, atendendo a um toque de campainha.

— Penso, Conde, que era conveniente que o seu amigo Sam tomasse parte nesta conferência. Afinal de contas, os interesses dele devem também ficar representados. Você, Billy, vai ver lá fora, à porta, um sujeito feio e enorme. Convide-o a subir.

— E se ele não quiser, Sr. Holmes?

— Nada de violências, Billy. Não o trate com grosseria. Se lhe disser que o Conde Sylvius quer lhe falar, ele virá certamente.

— Que vai fazer agora? — perguntou o Conde, depois de Billy sair.

— O meu amigo Watson estava aqui comigo, ainda há pouco. Eu disse-lhe que tinha na minha rede um tubarão e um cadoz; agora estou puxando a rede e vão ambos subindo juntos.

O Conde pusera-se de pé e tinha as mãos atrás das costas. Holmes segurava qualquer coisa que fazia volume no bolso do seu roupão.

— Holmes, você não há de morrer na cama.

— Já tive mais de uma vez o mesmo pressentimento. Terá isso grande importância? Afinal, Conde, a sua própria saída deste mundo é mais provável que seja perpendicular do que horizontal. Mas essas previsões do futuro são macabras. Por que não aproveitar estritamente a hora presente?

Um súbito clarão de ódio fulgiu nos olhos ameaçadores do mestre do crime. O vulto de Holmes pareceu crescer enquanto ele se empertigava e se preparava para o que desse e viesse.

— Não adianta apalpar o revólver, meu amigo — advertiu com voz tranqüila. — O senhor sabe perfeitamente que não tem coragem de utilizá-lo, mesmo que eu lhe desse tempo de empunhá-lo. Isso de revólveres, Conde, são coisas desagradáveis e ruidosas. Fique pelas espingardas de ar comprimido. Ah! Creio que ouço os passos delicados do seu estimável parceiro. Como vai, Sr. Merton? Um tanto monótona a rua, não acha?

O pugilista, ainda novo, de constituição sólida e cara larga, denotando estupidez e obstinação, parou desajeitadamente à porta, olhando ao redor. O tom simples de Holmes era para ele uma experiência nova e, embora

Sam pressentisse que se achava diante de um inimigo, não sabia como fazer-lhe face. Voltou-se para o Conde em busca de auxílio.

— Que se passa, Conde? Que quer este sujeito?

O Conde encolheu os ombros e foi Holmes quem respondeu:

— Fique sabendo, Sr. Merton, que, agora, não há nada; já houve.

O pugilista continuou a dirigir a atenção para o seu associado.

— Este sujeito quer se fazer engraçado, ou quê? Não estou achando graça alguma.

— Acredito — disse Holmes. — E com o avançar da noite, ainda achará menos graça. Escute, Conde Sylvius. Sou um homem ocupado e não posso perder tempo. Vou para aquele quarto. Na minha ausência queiram pôr-se à vontade. O senhor, sem o constrangimento da minha presença, pode explicar ao seu amigo em que pé está o negócio. Entretanto, vou ensaiar, no meu violino, a *Barcarola de Hoffmann*. Voltarei dentro de cinco minutos para saber a sua resposta definitiva. Creio que percebeu bem a alternativa, não é verdade? Vamos levá-lo preso a menos que devolva a pedra.

Holmes retirou-se, levando, ao passar, o violino. Passados momentos, as notas plangentes da inesquecível melodia atravessavam brandamente as frestas da porta fechada do quarto.

— Que se passa? — perguntou Merton ansiosamente. — Ele sabe do caso da pedra?

— Sabe muito mais do que devia. E ninguém me assegura que ele não saiba já tudo.

— Raios! — exclamou o pugilista, cujo rosto moreno se tornou um pouco pálido.

— Ikey Sanders deu com a língua nos dentes.

— Então há de pagar-me. Nem que eu tenha de ir para a forca.

— Isso de pouco nos valerá. O que importa é tomarmos uma decisão.

— Um momento — disse o pugilista olhando com desconfiança para a porta do quarto. — Este sujeito é fino como um coral. Quem sabe se está a ouvir-nos?

— Como pode ouvir-nos com o barulho da música?

— É verdade. Mas não é impossível que esteja alguém atrás de uma cortina. Há cortinas demais nesta sala.

Ao relancear os olhos pelo quarto, viu pela primeira vez a efígie na janela. Parou, de olhos fitos nela e apontou-a com o dedo, tão embasbacado que não podia dizer uma palavra.

— Aquilo é apenas um manequim — elucidou o conde.

— Para iludir-nos, hein? É de tirar o chapéu! Nem que tivesse saído do museu de cera de Madame Tussaud. É o homem, tal e qual, de roupão e tudo. Mas essas cortinas, Conde?

— Deixe lá as cortinas! Estamos desperdiçando tempo, que já é pouco. Sabe que pode mandar-nos para a cadeia por causa daquela pedra.

— Por que não o faz?

— Deixa-nos escapar se lhe dissermos onde está a pedra.

— O quê? Perder cem mil libras?

— Ou uma coisa, ou outra.

Merton coçou a cabeça de cabelo cortado à escovinha.

— Ele está sozinho ali. Vamos liquidá-lo. Os mortos não falam.

O conde abanou a cabeça.

— O homem está armado e prevenido. Se atirássemos contra ele, com dificuldade conseguiríamos fugir de um lugar como este. Além disso, é muito provável que a Polícia esteja inteirada das provas que possui contra nós. Olá! Que é isto?

Ouvia-se um ruído vago que parecia provir da janela. Ambos deram um salto, mas tudo estava em sossego. A sala parecia deserta. Apenas havia aquela estranha figura sentada na cadeia.

— Foi alguma coisa na rua — concluiu Merton. — Escute, Chefe, o senhor que tem boa cabeça, com certeza vai achar uma saída. Se não se fala em violência, então a coisa já não é comigo, é com o senhor.

— Já enganei pessoas mais espertas do que ele — respondeu o conde. — A pedra está aqui no meu bolso secreto. Não quero correr o risco de perdê-la, deixando-a em qualquer lugar. Pode sair de Inglaterra, esta noite, e ser cortada em quatro pedaços, em Amsterdam, antes de domino. Ele nada sabe a respeito de Van Seddar.

— Pensei que Van Seddar só partisse na semana que vem.

— Assim era. Mas agora tem de seguir no primeiro vapor.

— Um de nós tem de ir imediatamente com a pedra à Lime Street para colocá-lo a par do que se passa.

— Mas o esconderijo ainda não está pronto.

— A coisa tem de ser feita, seja qual for o risco. Não há um momento a perder.

Novamente, com o sentido de perigo que nos desportistas se converte em instinto, fez uma pausa e olhou para a janela. Não havia dúvida que aquele débil som proviera da rua.

— Quanto a Holmes — continuou o Conde —, podemos enganá-lo facilmente. Como sabe, o toleirão não nos prenderá, até obter a pedra. Pois bem, prometemos-lhe a pedra. Vamos colocá-lo na pista falsa e, até descobrir que está enganado, a pedra estará na Holanda e nós fora do país.

— Parece-me bem! — concordou Sam Merton, sorridente.

— Vá dizer ao holandês que se mexa. Eu encarrego-me deste pateta e façó-lhe uma confissão falsa. Vou dizer-lhe que a pedra está em Liverpool. Esta maldita música piegas complica-me com os nervos! Quando ele verificar que a pedra não está em Liverpool, já ela estará no seu lugar e nós sulcando os mares. Você vai e volta o mais depressa possível. Aqui está a pedra.

— Admiro-me como o senhor tem coragem de trazê-la consigo!

— Onde poderia tê-la mais segura? Se fomos capazes de roubá-la do Whitehall, também outra pessoa podia levá-la dos meus aposentos.

— Deixe-me vê-la.

O Conde Sylvius lançou um olhar não muito lisonjeiro ao seu associado e não fez caso da mão pouco limpa que se lhe estendia.

— O quê! Será que o senhor pensa que vou roubá-la? Olhe, começo a aborrecer-me com os seus modos.

— Nada de melindres, Sam! Não podemos discutir. Chegue-se aqui para a janela, se quer apreciar devidamente esta beleza. Agora segure-a contra a luz!

— Obrigado!

Com um único salto, Holmes pulara da cadeira do manequim e agarrara a jóia preciosa. Agora segurava-a numa das mãos, enquanto a outra apontava um revólver à cabeça do Conde. Os dois gatunos, completamente atônitos, recuaram cambaleando. Antes que se refizessem do espanto, Holmes carregara no botão da campainha.

— Nada de violências, cavalheiros, nada de violências, é o que lhes rogo! Poupem a mobília! Vocês devem ter percebido que a sua posição é insustentável. A Polícia já está lá em baixo à espera.

A perplexidade do Conde foi mais forte do que a raiva e o receio que sentia.

— Mas como diabo...? — titubeou, engasgando-se.

— A sua surpresa é muito natural. O senhor não podia saber que há, no meu quarto, uma segunda porta que abre por trás daquela cortina. Imaginei que tivessem me ouvido quando desloquei o boneco, mas a sorte esteve do meu lado. Isto deu-me ensejo a escutar a sua conversa que teria lamentavelmente sido secreta, se vocês tivessem notado a minha presença.

O Conde fez um gesto de resignação.

— Damos a mão à palmatória, Holmes. Creio que você é o Diabo em pessoa.

— Pelo menos, pareço-me com ele — concedeu Holmes, com um sorriso delicado.

A inteligência retardada de Sam Merton só aos poucos foi compreendendo a situação. Agora que o som de passos pesados se fazia ouvir na escada exterior é que conseguiu quebrar o silêncio:

— Um passarão — comentou. — Mas que me diz daquela rabeca do inferno? Ainda posso ouvi-la!

— Sim, senhor! — explicou Holmes. — Tem toda a razão. Deixe-a tocar! Estes gramofones modernos são uma invenção admirável!

Os policiais entraram, as algemas emitiram o clássico estalido e os criminosos foram conduzidos ao carro que os aguardava.

Watson ficou com Holmes, congratulando-se com ele, por mais aquele florão acrescentado à sua coroa de vitórias. A conversa foi novamente interrompida pelo imperturbável Billy com a bandeja para bilhetes de visita.

— Lorde Cantlemere — anunciou.

— Faça-o subir, Billy. É este o eminente par do Reino, representante dos mais altos interesses — elucidou Holmes. — É uma pessoa excelente que pertence à velha guarda. Convirá fazê-lo perder a calma? Poderemos tomar certas ligeiras liberdades com ele? Temos razões para supor que nada sabe do que se passou.

A porta foi aberta para dar passagem a uma figura austera e magra, de traços angulosos, com suíças pendentes, como se usavam aí por meados da época vitoriana, que mal se adaptavam aos seus ombros arredondados e ao andar incerto. Holmes adiantou-se com afabilidade e apertou a mão pouco amigável do fidalgo.

— Como está, Lorde Cantlemere? Faz frio para esta época do ano, mas aqui está muito calor. Quer que lhe tire o capote?

— Não, obrigado. Não o tiro.

Holmes conservava insistentemente a mão sobre a manga do capote do cavalheiro.

— Dê-me licença! O meu amigo Doutor Watson pode garantir-lhe que estas mudanças de temperatura são bastantes traiçoeiras.

Contudo, o Lorde, um tanto impaciente, libertou-se da mão de Holmes.

— Sinto-me bem. A demora é pouca. Passei apenas para saber em que ponto está a incumbência de que o senhor se encarregou.

— É muito difícil.

— Eu já receava que a achasse difícil.

Os modos do velho eram escarninhos.

— Qualquer homem compreende as suas deficiências, Sr. Holmes, mas pelo menos isso cura-nos das fraquezas do amor-próprio.

— É verdade. Tem-me deixado perplexo.

— Sem dúvida.

— Especialmente a respeito de um ponto. Quem sabe se o senhor pode me ajudar com uma sugestão.

— Pensei que o senhor possuía métodos infalíveis. Em todo caso, estou pronto a ajudá-lo.

— Não há dúvida quanto à possibilidade de intentarmos um processo contra os ladrões, não é verdade?

— Sim, depois de o senhor os ter preso.

— Exatamente. Mas a questão é esta: como proceder em relação àquele que foi o receptor da pedra?

— Isso não é um tanto prematuro?

— Faz parte do plano de ação. Que consideraria o senhor como prova cabal contra o receptor?

— A posse atual e efetiva da pedra.

— Em tal hipótese, o senhor prendia-o?

— Sem dúvida alguma.

Holmes raramente ria, mas quase riu.

— Nesse caso, meu caro Lorde, vejo-me na dura contingência de dar-lhe voz de prisão.

Lorde Cantlemere ficou vivamente irritado.

— É demasiada confiança, Sr. Holmes. Em cinqüenta anos de vida pública não me recordo de nenhum caso semelhante. Sou um homem atarefado, com negócios importantes, e não tenho tempo nem gosto para brincadeiras. Posso dizer-lhe que nunca acreditei nos seus poderes e que fui sempre de opinião que o negócio estaria mais seguro nas mãos da força policial regular. O seu procedimento vem confirmar todas as minhas conclusões. Passe muito bem, Sr. Holmes.

Este mudara rapidamente de posição e achava-se agora entre o par do reino e a porta.

— Um momento — exigiu. — Retirar-se com a pedra Mazarino seria um delito mais grave do que ser encontrado na posse temporária da mesma.

— Isto é intolerável! Deixe-me passar.

— Meta a mão no bolso direito do capote.

— Que significa isso, Sr. Holmes?

— Vamos, faça o que eu digo.

No instante seguinte, o estupefato dignitário ficou com os olhos piscando, com a grande pedra amarela na mão, e gaguejou:

— O quê? Como! Que é isto, Sr. Holmes?

— Muito mal, Lorde Cantlemere! — exclamou Holmes. — O meu velho amigo lhe dirá que tenho o hábito de pregar peças. E também lhe dirá que não posso resistir a uma situação dramática. Tomei a liberdade de introduzir a pedra na sua algibeira.

O velho par do reino volvia os olhos da pedra para a cara risonha de Holmes.

— Estou pasmado. Mas... não há sombra de dúvida. É a pedra Mazarino. Estamos-lhe imensamente devedores, Sr. Holmes. O seu senso de humor pode ser um pouco exagerado e essa demonstração bastante inoportuna, mas, pelo menos, devo retirar a referência que fiz às suas maravilhosas faculdades profissionais. Mas como...

— O caso está apenas meio concluído; os pormenores podem aguardar um pouco. Sem dúvida, Lorde Cantlemere, que o prazer que terá em falar

a respeito deste feliz resultado, no círculo brilhante a que pertence, há de atenuar o seu desagrado pela minha brincadeira. Billy, queira acompanhar Sua Excelência à porta e, depois, diga a Sra. Hudson que eu gostaria que mandasse servir, o mais depressa possível, um jantar para dois.



O CONSTRUTOR DE NORWOOD

— Sob o ponto de vista do perito criminólogo, Londres tornou-se singularmente sem interesse, desde a morte do professor Moriarty — considerou Holmes.

— Duvido que encontre muitos cidadãos respeitáveis que concordem com você — repliquei.

Levantando-se da mesa, após o café matinal, o meu amigo reconheceu:

— Bem, não devo ser egoísta, visto que, indubitavelmente, a humanidade foi beneficiada e ninguém sofreu qualquer prejuízo, a não ser o pobre perito em matéria criminosa que se vê sem ocupação. Com aquele homem em campo, os jornais matutinos ofereciam numerosas possibilidades de investigação. Geralmente, o mais leve indício, a menor pista, bastavam para alertar-me que o cérebro maligno se encontrava em ação... tal como o mais ligeiro estremecer da teia nos indica que a aranha espia a sua presa. Desde pequenos roubos a assaltos monstruosos, chantagem e ultrajes intencionais, tudo isso esse homem controlava como detentor da chave-mestra. Para o estudioso do mundo do crime, nenhuma capital da Europa oferecia, naquela época, tantas vantagens como Londres. Mas, agora...

Holmes encolheu os ombros, sorrindo sardonicamente, ao criticar uma situação para a qual ele próprio contribuía.

Já havia algum tempo que o meu amigo regressara e, tendo eu, por sua sugestão, vendido o meu consultório clínico, voltara a residir, com ele, na Baker Street. Comprara-o um jovem médico, chamado Verner, que, sem regatear, pagara-me o preço mais alto que eu me atrevera a pedir, fato que só mais tarde foi explicado, quando eu soube que Verner era parente afastado de Holmes e que fora o meu amigo quem lhe emprestara o dinheiro.

Na realidade, esses meses, que ali voltamos a viver de parceria, não tinham sido tão monótonos como ele achava, visto que, ao rever os meus apontamentos relativos a esse período, deparei com o caso do presidente Murillo e também com o caso dramático do navio holandês “Friesland”, em que ambos estivemos prestes a perder a vida.

Contudo, o temperamento frio e orgulhoso de Holmes era contrário a tudo quanto se assemelhasse a publicidade e levou-me a jurar que eu não

diria uma palavra acerca da sua pessoa, dos seus métodos e êxitos, proibição essa que só agora foi levantada.

Após aquela sua irônica lamentação, o meu amigo achava-se recostado na poltrona e abria o jornal despreocupadamente, quando um violento toque de campainha, logo seguido de pancadas na porta, nos fez sobressaltar.

No instante imediato a ser aberta, ouvimos passos apressados, na escada, e um jovem pálido irrompeu pela sala, com os cabelos em desalinho e uma expressão de desespero. Olhou para um e para outro e, perante o nosso ar inquiridor, quis desculpar-se pela sua intrusão pouco cerimoniosa.

— Perdoe-me, Sr. Holmes... Não me censure, pois estou quase louco. Sou John Hector McFarlane.

Declarou isso, como se bastasse para justificar a sua visita e atitude intempestiva, mas notei pela expressão do meu amigo que aquele nome significava tão pouco para ele como para mim.

— Queira aceitar um cigarro, Sr. McFarlane — ofereceu Holmes, estendendo-lhe a cigarreira. — Estou certo de que, com esses sintomas, o meu amigo Doutor Watson não deixará de receitar-lhe um sedativo. Realmente, nestes últimos dias, a temperatura tem estado muito elevada. Quando se sentir mais calmo, apreciaria que se sentasse nessa cadeira e nos dissesse, coerentemente, quem é e o que deseja. Pronunciou o seu nome, como se eu devesse conhecê-lo, mas garanto-lhe que, além de notar que é solteiro, advogado, maçom e asmático, nada sei a seu respeito.

Já habituado aos métodos do meu amigo, não foi difícil acompanhar o seu raciocínio e observar no visitante um certo descuido na roupa; um volume de documentos processuais, que lhe saíam da algibeira; um emblema maçônico e a respiração ofegante e sibilante que tinham provocado tais deduções.

O jovem ficou atônito, confirmando:

— Efetivamente sou tudo isso e também o homem mais infeliz de Londres. Pelo amor de Deus, Sr. Holmes, procure ajudar-me. Se vierem prender-me, antes de eu terminar o meu relato, faça com que me permitam acabar de contar toda a verdade. Não me sentiria tão desamparado na prisão, se soubesse que o senhor se encarregava do meu caso.

— Na prisão? — animou-se Holmes. — Mas isso é magnífico... muito interessante. De que espera ser acusado?

— Do assassinato do Sr. Jonas Oldacre, de Lower Norwood.

O rosto expressivo do meu amigo manifestou um interesse, não desprovido de satisfação.

— Extraordinário! Precisamente há instantes, durante o café da manhã, dizia ao meu amigo, Doutor Watson, que os casos sensacionais tinham desaparecido dos jornais.

Com uma mão trêmula, o nosso visitante pegou no *Daily Telegraph* que ainda repousava sobre os joelhos de Holmes.

— Se já tivesse lido o jornal de hoje, saberia por que motivo vim procurá-lo. Creio que o meu nome e a minha desgraça andam na boca de todo o mundo.

Abriu o jornal nas páginas centrais e acrescentou:

— Aqui está. Se me permite, Sr. Holmes, vou ler a notícia para o senhor. Eis o cabeçalho:

“O CASO MISTERIOSO EM LOWER NORWOOD
Desaparecimento de um conhecido construtor
Suspeita-se de homicídio e de incêndio intencional”

Estou certo de que a pista colocará a Polícia no meu encalço. Desde a estação de trem que estou sendo seguido e creio que apenas esperam pelo mandado de captura, para me levarem com eles... Minha mãe vai morrer de desgosto!

Desesperado, o jovem comprimia as mãos e agitava-se, na cadeira, para a frente e para trás.

Observei melhor aquele jovem, acusado de um crime de morte. Tinha cabelos castanhos-claros e era relativamente atraente, com olhos azuis assustados. Trazia o rosto bem barbeado e a sua boca denunciava possuir uma índole tímida e sensível. Aparentava ter vinte e sete anos e, tanto pela roupa, como pela atitude, parecia ser um cavalheiro. Do bolso do casaco, extraiu o maço de documentos, já parcialmente visível, que sugeriam a sua profissão.

— Temos de aproveitar o tempo — alertou Holmes. — Queira ter a bondade, Watson, de ler a notícia que nos interessa.

Peguei no jornal e, sob a manchete que o nosso cliente apontara, estava escrito o seguinte, que li em voz alta:

“A noite passada, ou hoje de madrugada, em Lower Norwood, ocorreu um incidente que, segundo parece, indica ter-se perpetrado um crime muito grave.

O Sr. Jonas Oldacre, solteiro, de cinqüenta e dois anos de idade, residente na ‘Deep Dene House’, da Deep Dene Street, do lado de Sydenham, sempre teve a reputação de ser um homem excêntrico, misterioso e reservado. Julga-se que esteja, já há alguns anos, retirado do exercício da sua profissão que, segundo consta, lhe proporcionou uma avultada fortuna.

No pátio dos fundos da casa, existe ainda um depósito de madeira e ontem, por volta da meia-noite, foi dado o alarme de que ali se ateara um incêndio. Os bombeiros acorreram prontamente, mas a madeira seca ardia violentamente e foi impossível extinguir o fogo, antes que uma grande parte se calcinasse completamente.

Este incidente pareceria destituído de importância, não fossem os indícios de que se trata de crime. Causou surpresa a ausência do proprietário no local do incêndio e, posteriormente, verificou-se que desaparecera de casa, já que o exame no seu quarto indicou que não dormira lá. O cofre-forte encontrava-se aberto e grande número de documentos estavam pelo chão. Detectaram-se sinais de luta e manchas de sangue, assim como foi encontrada uma bengala de carvalho, também ensanguentada.

Parece que o Sr. Oldacre, ontem à noite recebeu um visitante no seu quarto. A bengala foi identificada como pertencente a um jovem advogado de Londres, John McFarlane, sócio da firma de consultores jurídicos, ‘Graham & McFarlane’, com escritórios nos ‘GRESHAM BUILDINGS’, nº 426 da East City. A polícia considera que as provas reunidas permitem admitir um motivo pertinente para o crime e não duvida de que a investigação conduza a um desfecho espetacular.

ÚLTIMA HORA

No momento de fecharmos a edição, corre o rumor de que John Hector McFarlane foi detido sob a acusação de ter assassinado Jonah¹

¹ Na língua inglesa, em sentido figurado, o nome bíblico de Jonah pode significar “pessoa que dá mau agouro”, encrenqueiro. (N. do T.)

Oldacre. Está, pelo menos confirmado que, esta manhã, foi expedido um mandado de prisão contra o presumível homicida, já que no decurso da investigação foram descobertos novos indícios de caráter sinistro.

Além dos vestígios de luta travada no quarto do infeliz construtor de Norwood, sabe-se agora que as janelas e a porta do seu quarto, que fica no piso térreo, foram encontradas abertas, apresentando no batente marcas que atestam o arrastar de um corpo pesado. Finalmente, entre as cinzas do incêndio, acharam-se restos de um corpo carbonizado.

A polícia inclina-se para a hipótese de um crime sensacional, admitindo que a vítima tenha sido brutalmente assassinada. Os documentos do cofre arrombado apresentavam-se revolvidos. Presume-se que o homicida tenha arrastado o cadáver para a pilha de madeira a que depois ateou fogo, para encobrir o crime.

O inquérito foi confiado ao inspetor Lestrade da Scotland Yard que decerto está seguindo a pista com a energia e sagacidade que lhe são peculiares.”

Com os olhos fechados e os dedos entrelaçados, Sherlock Holmes ouviu a empolada notícia jornalística e sondou, languidamente:

— Quer explicar-me, Sr. McFarlane, por que motivo se encontra ainda em liberdade, uma vez que se acumularam indícios incriminativos que justificam a sua prisão?

— Acontece, Sr. Holmes, que vivo com os meus pais em Torrington Lodge, em Blackeat. Contudo, na noite passada, tendo de tratar de negócios até tarde com o Sr. Oldacre, pernoitei numa estalagem em Norwood, e vim de lá esta manhã diretamente para o escritório da firma. Só aqui tive conhecimento da terrível ocorrência. Percebi, imediatamente, como era medonha a minha situação e corri a solicitar-lhe que se encarregue do caso. Vi um homem seguindo-me, desde a estação de trem até aqui. Se não me prenderam no escritório, não tarda que... Santo Deus!...

Ouviu-se um toque de campainha, logo seguido de passos na escada. Instantes depois, o nosso velho amigo, inspetor Lestrade, apareceu à porta. Por cima dos seus ombros, distingui dois policiais fardados.

— Sr. John Hector McFarlane — nomeou o inspetor.

O nosso infeliz cliente ergueu-se, lívido.

— Considere-se preso, sob a acusação de homicídio da pessoa de Jonah Oldacre, de Lower Norwood.

Com um gesto de desespero, McFarlane virou-se para nós e deixou-se cair novamente na cadeira, como que aniquilado.

— Um momento, Lestrade — interveio Holmes. — Meia hora a mais ou a menos não lhe causará grande diferença. Este cavalheiro estava nos relatando a sua versão do caso extraordinário em que se viu envolvido e talvez isso nos auxilie a decifrá-lo.

— Não é tarefa difícil decifrar um problema tão óbvio — replicou o inspetor, severamente.

— Apesar disso, se me permite, gostaria de ouvir a exposição do Sr. McFarlane.

— Está bem, Sr. Holmes. É difícil recusar-lhe qualquer coisa, visto que o senhor já teve várias vezes ocasião de ajudar a Polícia e, na Scotland Yard, devemos alguns favores ao senhor. No entanto, terei de manter-me ao lado do preso que está sob custódia policial... E vejo-me obrigado a adverti-lo, Sr. McFarlane, de que tudo quanto disser será usado no processo contra o senhor.

— Não importa — retorquiu o jovem. — Peço, apenas, que me ouçam... e que acreditem que estou dizendo a verdade.

Lestrade olhou para o relógio.

— Dou-lhe meia hora — concedeu.

— Em primeiro lugar, tenho a declarar que não conhecia o Sr. Oldacre a não ser de nome, pois meus pais, em tempos, tinham mantido relações com ele, mas, depois, afastaram-se. Portanto, fiquei muito admirado quando ontem, às três da tarde, vi-o aparecer no meu escritório, na cidade... e mais abismado fiquei, quando me contou o motivo da sua visita. Trazia várias folhas de papel manuscritas, colocou-as sobre a mesa e declarou:

“Aqui está o meu testamento. Desejo que o redija em termos legais, Sr. McFarlane. Ficarei aqui sentado, à espera, enquanto estiver trabalhando.”

Comecei a fazer a devida redação e imaginem o meu espanto quando verifiquei que, com pequenas exceções, me legava todos os seus bens. É um homem estranho, baixo, de ar astuto, olhos cinzentos e pestanas quase brancas. Notei que me fitava com uma expressão divertida ao ver a minha incredulidade perante aquele rascunho testamentário. Então, Sr. Oldacre

explicou-me ser solteiro, sem parentes vivos, ter conhecido os meus pais e ouvido dizer que eu era um rapaz honesto. Estava convencido de que o dinheiro não poderia cair em melhores mãos.

Balbuciei alguns agradecimentos, terminei a redação do documento e ele assinou-o, tendo o meu ajudante assinado, também, como testemunha. Aqui tem o papel selado, Sr. Holmes... e aqui tem o rascunho que ele antes, redigira, pelo seu punho.

Então, o Sr. Oldacre acrescentou ter em sua casa vários documentos, como contratos de aluguel, certificados de propriedades, registros de hipotecas e outros, que convinha que eu apreciasse. Afirmou não ficar tranquilo enquanto não estivesse tudo legalizado e pediu-me que fosse, nessa mesma noite, a sua casa em Norwood, levando comigo o testamento. Pretendia combinar as nossas futuras relações e condicionou:

“Não fale disto a seus pais, até este assunto estar ultimado. Quero que a minha decisão seja, para eles, uma surpresa.”

Insistiu neste particular e fez-me prometer que guardaria sigilo.

Deve calcular, Sr. Holmes, que me senti na posição de não poder recusar-lhe, fosse o que fosse. Surgia-me como um benfeitor e cumpria-me satisfazer-lhe a vontade. Portanto, telegrafei para casa, informando ter de tratar de um negócio importante e ser-me impossível prever até que horas ficaria ocupado.

O Sr. Oldacre sugeriu-me que eu ceasse com ele, às nove horas, pois receava não estar em casa antes disso. Tive alguma dificuldade em encontrar a casa e eram quase nove e meia, quando lá cheguei. Fui encontrá-lo...

— Um momento — interrompeu Holmes. — Quem lhe abriu a porta?

— Uma mulher de meia-idade que suponho seja a sua governanta.

— Foi ela que o anunciou ao patrão?

— Exatamente.

— Queira continuar, Sr. McFarlane.

O jovem advogado enxugou a testa com um lenço e prosseguiu:

— A mulher introduziu-me numa sala onde nos foi servida uma ceia ligeira. Mais tarde, Oldacre conduziu-me ao seu quarto, onde estava um pesado cofre-forte. Abriu-o e extraiu um maço de documentos que examinamos juntos. Por fim, guardou-os em espessos envelopes que lacramos, já cerca das onze, onze e meia. Então sugeriu ser melhor não incomodar a governanta e fez-me sair pela porta-janela que, durante todo o tempo, tinha permanecido aberta.

— Tinha a persiana descida?

— Creio que sim... pelo menos até o meio... Estava, sim. Lembro-me agora de que teve de erguê-la, para abrir a porta. Ao despedir-me, não encontrei a minha bengala. Ainda a procurei, sem achar, mas Oldacre tranqüilizou-me, observando:

“Não se incomode com isso, meu rapaz. Como teremos de encontrar-nos mais vezes, a guardarei, até que venha buscá-la.”

Deixei-o com o cofre aberto e os envelopes empilhados sobre a mesa. Era tão tarde que não podia voltar para casa, pois já não havia trem para Blackheat. Assim, resolvi passar a noite na Anerley Arms e nada mais soube, até ler a horrível notícia no jornal desta manhã, depois de ter chegado a Londres.

— Deseja mais alguma coisa, Sr. Holmes? — inquiriu o inspetor que, durante o relato de McFarlane, franzira o sobrolho, por duas ou três vezes.

— Não... antes de ir a Blackheat.

— A Norwood, o senhor quer dizer... — corrigiu Lestrade.

Com um sorriso enigmático, o meu amigo concordou:

— Tem razão... Era isso o que eu queria dizer.

Por experiência adquirida nos contatos com Holmes, o inspetor sabia que aquele cérebro privilegiado podia antever, claramente, a distância, fatos e conseqüentes fenômenos que ele não conseguia enxergar. Olhou com curiosidade para o meu amigo e murmurou discretamente:

— Gostaria de trocar umas impressões com o senhor, Sr. Holmes.

Virando para McFarlane, indicou, em voz sonante:

— Estão ali dois agentes e, na rua, há um carro à sua espera.

O jovem ergueu-se e, dirigindo-nos um último olhar suplicante saiu da sala. Os policiais acompanharam-no ao carro, mas o inspetor permaneceu parado, vendo Holmes reunir as páginas do rascunho do testamento e analisando-as atentamente.

— Há alguns pontos interessantes no teor deste documento, não é verdade, Lestrade?

O detetive, com um ar perplexo, examinou os papéis.

— Autênticos rabiscos — comentou. — Só consigo interpretar as primeiras linhas desta página; as do meio, da segunda e uma ou duas, da última. As restantes são de péssima caligrafia e algumas, absolutamente ilegíveis.

— Mas, no todo, que lhe sugere este documento?

— E ao senhor?... Que consegue ver nisso?

— Que foi redigido num trem. As partes mais legíveis, foram escritas nas paradas das estações; as mal caligrafadas, com o trem em movimento e as quase indecifráveis, nos cruzamentos das vias dos entroncamentos.

Um perito teria logo deduzido que este texto foi redigido num trem que serve as estações suburbanas, e não num rápido, pois, só nas imediações das grandes cidades se encontram tantas vias cruzadas onde é necessário fazer os desvios. Se o homem tivesse viajado, num “expresso”, que só pára uma vez, entre Norwood e London Bridge, o rascunho seria mais legível.

O inspetor começou a rir e reconheceu:

— Quando começa com as suas teorias, Sr. Holmes, é forte demais para mim... Mas, que tem a ver com o caso?

— Corrobora a história de McFarlane, permitindo-nos supor que Jonah Oldacre só rascunhou aquele testamento, não em casa, como seria natural, mas de improviso, ontem quando viajava para Londres. Não lhe parece estranho que um homem que escreve um documento tão importante como um testamento, o faça de uma maneira tão casual? Dá nitidamente a impressão de que não lhe atribuíra grande valor prático, como se não tencionasse dar-lhe seguimento. Estava, portanto, cometendo uma falsidade.

— Se o fez, assinou ao mesmo tempo a sua sentença de morte — comentou Lestrade.

— Acha que sim?

— E ao senhor que lhe parece?

— O assunto ainda não está claro para mim.

— Não está claro? Nesse caso, que poderá estar claro? Temos um rapaz que, subitamente, fica sabendo que se o velho morrer herda uma fortuna. Bastará eliminá-lo para ficar rico. Então, que faz? Não diz nada a ninguém mas arranja um pretexto para, em vez de voltar para casa, ir visitar o benfeitor à noite. Só uma outra pessoa... uma mulher... vive ali. Por conseguinte, espera que ela vá para a cama e, em seguida, na solidão do quarto, mata o homem com a bengala; arrasta o corpo até as pilhas de madeira que se

encontram no pátio dos fundos; coloca-o em cima de uma delas e ateia fogo. Depois de convencer-se de que o cadáver ficará carbonizado, vai para uma estalagem.

As manchas de sangue detectadas no quarto e na bengala são ligeiras. Uma ou duas bengaladas foram suficientes para liquidar o homem... e não fizeram ruído bastante para acordar a governanta. É até provável que o rapaz, na sua precipitação, não tenha reparado nesse sangue e pensado que as chamas eliminaram completamente os vestígios do processo que empregara para assassiná-lo... Contudo, foram esses mesmos vestígios que o acusaram. Não acha isto claro, Sr. Holmes?

— Não muito claro, meu caro Lestrade. Você devia acrescentar às suas muitas qualidades um pouco de imaginação. Se estivesse no lugar de McFarlane, teria escolhido precisamente a noite em que soubera do testamento para cometer o crime? Não lhe pareceria evidente e perigosa a relação entre os dois incidentes? Iria você logo escolher uma ocasião em que a sua visita àquela casa fora presenciada pela mulher que lhe abrira a porta?... Não preferiria agir numa altura em que ela estivesse de folga, ou ausente? Finalmente, após o tremendo trabalho para esconder o cadáver, deixaria a bengala como prova de que cometera o crime? Confesse, meu caro Lestrade, que tudo isto é muito improvável.

— Quanto à bengala, Sr. Holmes — retrucou o inspetor —, o senhor sabe tão bem como eu que, após o crime, um assassino fica excitado, perturbado, e faz coisas que uma pessoa não faria a sangue-frio. Decerto o rapaz teve medo de voltar ao quarto. Terá, Sr. Holmes, de conceber uma outra teoria que se adapte melhor aos fatos.

— Poderia até apresentar-lhe uma dúzia delas. Por exemplo, aqui tem uma que não só é possível, mas até provável. Pode ficar com ela, de presente: o velho tinha o cofre aberto, para mostrar ao rapaz documentos de evidente interesse; um vagabundo que, nesse momento, passa por diante da porta-janela, cuja persiana está subida até o meio da vidraça, vê a cena bem iluminada no interior da sala; espera que o jovem advogado saia... e é a sua vez de entrar. Pega a bengala que encontra onde aquele a deixou, mata Oldacre e vai-se embora, depois de ter queimado o corpo.

— E por que motivo um vagabundo iria dar-se ao trabalho de queimar o morto?

— Por que motivo o teria feito McFarlane?

— Para eliminar os vestígios.

— Nesse caso, também é provável que o vagabundo não quisesse que o seu crime fosse descoberto.

— Sendo assim, por que razão não levou nada com ele?

— Porque não encontrou dinheiro, mas unicamente documentos que não teria possibilidade de negociar.

Embora não parecendo tão seguro de si como no princípio, o inspetor abanou a cabeça, relutante em aceitar a nova teoria.

— Muito bem, Sr. Holmes, o senhor, se quiser, pode ir à caça do seu vagabundo, enquanto nós ficamos com o nosso homem. O futuro dirá quem tem razão. Até agora, que se saiba, não foi roubado documento algum e o preso é a única pessoa no mundo que não tinha motivo para roubá-los, visto que era o herdeiro... O que tinha era pressa de entrar na posse da riqueza.

Holmes pareceu impressionado com aquela alegação pertinente e reconheceu:

— Não nego que esse seu argumento seja válido e há circunstâncias a favor da sua teoria, Lestrade. Apenas sublinhei que há outras teorias, paralelamente admissíveis. Como o meu amigo muito bem observou, o futuro o dirá. Talvez, durante o dia, eu vá até Norwood, para ver como corre o seu caso. Passe bem, inspetor.

Depois de o detetive ter partido, Holmes ergueu-se, preparando-se para a ação, com o ar animado de alguém que tem diante de si uma tarefa a seu gosto.

— Os nossos primeiros passos, Watson — programou —, serão na direção de Blackheat, como há pouco mencionei.

— Por que não começa por Norwood? — estranhei.

— Porque, no presente caso, noto um incidente singular paralelo a outro incidente não menos singular. A Polícia está cometendo o erro de concentrar toda a atenção no segundo, em virtude de este parecer ser o incidente criminoso. Contudo, na minha opinião, o método lógico de nos aproximarmos da solução é procurarmos esclarecer o primeiro, ou seja, o estranho testamento, feito tão improvisada e subitamente, com a escolha de

tão inesperado herdeiro. Pode ser que esta investigação preliminar me ajude a perceber o que se seguiu.

Não, meu caro Watson — acrescentou, adivinhando o meu desejo de acompanhá-lo. — Não creio que, por enquanto, você possa ajudar-me. Não há qualquer indício de perigo próximo, pois, do contrário, não iria sem você. Quando voltarmos a encontrar-nos, esta noite, espero já poder anunciar-lhe que consegui fazer alguma coisa por esse infeliz rapaz que veio colocar-se sob a minha proteção.

Era já bastante tarde quando o meu amigo voltou para casa. Pela expressão abatida e preocupada do rosto, apercebi-me de que as suas esperanças não tinham se concretizado. Durante uma hora, devotou-se a tocar violino, como se, dessa maneira, procurasse acalmar os nervos. Por fim, pôs de lado o instrumento e narrou-me pormenorizadamente os seus contratempos.

— Está tudo correndo mal, Watson! O pior possível! Mostrei-me eufórico diante de Lestrade, mas torna-se possível que, pela primeira vez, ele vá na pista certa e eu, na errada.

— Foi a Blackheat? — sondei.

— Sim, Watson, e não tardei a descobrir que o falecido Oldacre era um requintado patife. O pai de McFarlane estava ausente, à procura do filho. A mãe, uma senhora baixa, ansiosa, de olhos azuis, mostrava-se trêmula de inquietação e indignação. De maneira alguma é capaz de admitir a possibilidade de o filho ser culpado... mas a morte de Oldacre não a penalizou. Pelo contrário, referiu-se a ele com tal desagrado que, inconscientemente, reforça a opinião da Polícia, pronta a concluir que, se o rapaz já a ouvira falar do homem de modo tão condenatório, esse antagonismo poderia tê-lo predisposto ao ódio e à violência.

A Sra. McFarlane não hesitou em declarar-me:

— Johan Oldacre mais parecia um gorila malévolo e astucioso do que um ser humano... E já era assim na sua juventude.”

— Conheceu-o nessa época Sra. McFarlane?”

— Perfeitamente. Para ser exata — confidenciou —, pretendeu casar comigo. Graças a Deus, tive o bom senso de fazer com que se afastasse e de casar com um homem bem melhor, embora muito menos abastado. Cheguei a ficar noiva de Oldacre, Sr. Holmes, mas quando soube que se divertira

soltando um gato num aviário, fiquei tão horrorizada com essa crueldade, que nunca mais quis saber dele.”

Procurou numa gaveta e mostrou-me uma fotografia que fora cravada de facadas em vários pontos e explicou:

“— É o meu retrato. John Oldacre devolveu-me nesse estado, com a sua maldição, precisamente no dia do meu casamento.”

“— Contudo — objetei —, esse homem perdoou-lhe, minha senhora, visto ter legado a seu filho toda a fortuna que possuía.”

“— Meu filho não o conhecia e decerto nunca aceitaria coisa alguma desse indivíduo se viesse a saber quem ele era — replicou, briosamente. — Creio em Deus, Sr. Holmes! E se Deus puniu esse homem mau, fará com que se prove que as mãos de meu filho não estão manchadas de sangue.”

Após um pausa, o meu amigo prosseguiu:

— Ainda tentei efetuar mais algumas diligências, mas nada descobri que possa favorecer a nossa hipótese. Desisti e dirigi-me a Norwood. A “Deep Dene House” é uma moradia moderna, de tijolos, no meio de um bom jardim, com um vasto relvado na frente. Ao fundo do terreno e à direita, bastante distante da rua, fica o pátio onde Oldacre guardava a madeira e que foi incendiada. Aqui tem uma folha do meu bloco de notas, em que esbocei uma planta. A porta-janela do quarto de Oldacre é a da esquerda e, como vê, pode ser avistada da rua. Esta foi a única consolação que tive hoje.

Não encontrei Lestrade, mas um dos policiais de serviço fez-me as honras da casa. Tinham acabado de fazer uma importante descoberta. De manhã, ao revolverem as cinzas, em volta dos resíduos orgânicos carbonizados, encontraram vários discozinhos de metal. Ao examiná-los, verifiquei serem botões de calças. Notei até que um deles tinha marcado o nome “Hyams” que é o do alfaiate de Oldacre. Depois, observei cuidadosamente o relvado em busca de marcas e vestígios, mas o calor tem tornado o chão duro como ferro. Mesmo assim, distingui que um corpo, ou um objeto pesado, fora arrastado através de uma cerca baixa, ao lado da pilha de madeira incendiada. Evidentemente, tudo isto se adapta à teoria da Polícia. Arrastei-me pelo relvado, com o sol de agosto a malhar-me nas costas, mas ao cabo de uma hora tive de desistir, sem nada ter descoberto.

Após este fracasso no exterior, examinei o quarto. As manchas de sangue eram muito ligeiras, descoloridas, mas, indubitavelmente recentes. Já tinham

removido a bengala, mas sei que nela as nódoas de sangue também eram tênues. O rapaz confessou ser a sua. No tapete, detectei pegadas de dois homens, sem indício da passagem de um terceiro, o que também se mostra favorável à teoria da Polícia cujas provas se acumulam, enquanto que a minha parece desvanecer-se.

Apenas tive uma réstia de esperança, mas muito débil. Quase todo o conteúdo do cofre tinha sido espalhado sobre a mesa. Os documentos encontravam-se em envelopes lacrados, tendo a Polícia aberto alguns para examiná-los. Não parecem importantes quanto a valores pessoais, e a caderneta do banco indica que a situação econômica do Sr. Oldacre não era muito próspera. Mas pareceu-me que faltavam ali alguns documentos, pois deparei com referências a certas escrituras, provavelmente as mais valiosas, e não consegui encontrá-las. Naturalmente se pudéssemos prová-lo, o argumento de Lestrade ruiria pela base, visto que ninguém iria roubar um documento sabendo antecipadamente que este lhe viria às mãos por herança.

Por fim, perante o fracasso das minhas tentativas em encontrar uma pista, tentei a sorte com a inquirição da governanta. Chama-se Sra. Lexington, é baixa, morena, silenciosa, com um olhar fugidio. Tenho certeza de que sabe alguma coisa, mas fecha-se como uma ostra. Confirma ter aberto a porta, às nove e meia, a um tal McFarlane e lastima-se de tê-lo feito. Fora para a cama às dez e meia. O seu quarto situa-se nos fundos da casa. Lembra-se de que o Sr. McFarlane deixara o chapéu no vestíbulo e parece-lhe que também aí colocara a bengala. Só acordou com o alarme do incêndio. Está convencida de que o seu querido patrão foi odiosamente assassinado. Se tinha inimigos? Ora, todos os homens têm inimigos, mas o Sr. Oldacre era muito reservado; não mantinha relações sociais com ninguém e só se encontrava com outras pessoas por motivo de negócios. Viu os botões encontrados junto aos restos mortais do patrão e confirma pertencerem às calças que ele usara na véspera. As madeiras estavam muito secas, pois já há dois meses não chovia. Quando a governanta chegara ao local, nada se via além das altas chamas. Tanto ela como os bombeiros tinham notado o cheiro acre de carne queimada. Nada sabia quanto a documentos e negócios do Sr. Oldacre.

Aqui tem, meu caro Watson, os resultados de uma investigação infrutífera... e, no entanto...

Holmes comprimiu as mãos e acrescentou, com convicção:

— ... sei que está tudo errado. Sinto-o intimamente. As circunstâncias de natureza psicológica não se coadunam com os fatos. A mulher sabe qualquer coisa que não quer dizer. Li no seu olhar um desafio sombrio que denuncia um conhecimento culposos.

A não ser que tenhamos um golpe de sorte, receio, Watson, que este caso de Norwood não venha a figurar na crônica dos nossos êxitos.

— Decerto a aparência do rapaz há de influir para impressionar favoravelmente o júri — argumentei

— É um argumento precário, meu caro amigo. Lembre-se daquele terrível assassino, Bert Stevens, que pretendia que o defendêssemos, em 87. Conheceu alguma criatura de aparência mais suave?

— Tem razão.

— A não ser que consigamos fundamentar uma teoria diferente da adotada pela Polícia, o jovem McFarlane está perdido. Logo na fase inicial, não foi possível discernir uma falha no inquérito de Lestrade e as investigações subseqüentes só vieram reforçá-lo. Contudo, há algo de curioso naqueles documentos que talvez constitua um ponto de partida para dar um novo rumo à investigação. Ao examinar o livro de cheques, verifiquei que o decréscimo da conta bancária de Oldacre no último ano resultava, em grande parte, da emissão de avultadas somas a favor de um tal Sr. Cornelius. Confesso-me curioso por saber quem será este indivíduo com quem um construtor aposentado pudesse manter tantos negócios.

Estará esse Cornelius envolvido no caso? Pode tratar-se de um corretor da Bolsa, mas não deparei com qualquer documento que corresponda a tais operações. Sem qualquer outra pista, só me resta ir ao banco, averiguar a identidade desse homem que levantou tanto dinheiro. Receio, porém, que este caso termine ingloriamente com o enforcamento do nosso amigo devido à diligência de Lestrade... o que constituirá um triunfo para a Scotland Yard.

Nessa noite, não sei até que horas Sherlock Holmes dormiu, visto que na manhã seguinte ao descer para o café fui encontrá-lo já de pé e vestido. Estava pálido, abatido e os seus olhos ainda pareciam mais brilhantes, devido a sombrias olheiras.

Junto da poltrona em que se sentara, o tapete estava cheio de pontas de cigarro. Estava rodeado de jornais matutinos e, mal entrei, apontou-me um telegrama aberto sobre a mesa. Provinha de Norwood e dizia:

“Nova e importante prova material descoberta, McFarlane indubitavelmente culpado. Aconselho-o a abandonar o caso. Lestrade”

— Parece grave — comentei.

— É o grito de triunfo de Lestrade. Contudo, às vezes, uma nova prova constitui uma “faca de dois gumes”, pois pode apontar numa direção diferente daquela em que o inspetor se empenha. Beba o seu café, Watson, e vamos ver o que podemos fazer. Sinto precisar da sua companhia e apoio moral.

O meu amigo absteve-se do café da manhã, já que uma das suas particularidades era não ingerir coisa alguma quando se encontrava excitado e, em dada altura, tanto menosprezou cuidar das suas forças que chegou a desmaiar de inanição. Perante as minhas admoestações médicas costumava justificar: “No presente momento, não posso desperdiçar energias com a digestão.”

Portanto, não fiquei admirado ao vê-lo deixar intacta a refeição. Dirigimo-nos a Norwood e, ao chegarmos à “Deep Dene House”, encontramos um grupo de curiosos, mórbidos, em redor da casa. Lestrade recebeu-nos no jardim, corado de satisfação, numa atitude de exuberante júbilo.

— Então, Sr. Holmes, já conseguiu provar que estávamos enganados? Sempre desencovou esse seu “vagabundo”? — satirizou.

— Ainda não cheguei a qualquer conclusão — respondeu o meu amigo, precavidamente.

— Pois, pelo nosso lado, confirmamos a nossa. Desta vez, Sr. Holmes, terá de concordar em que o ultrapassamos.

— Você, Lestrade, está com um ar de ter descoberto algo de extraordinário.

O inspetor riu sonoramente e criticou:

— Como a maioria das pessoas, o senhor não gosta de mostrar-se derrotado. Mas ninguém pode conseguir sempre o que quer... Não é assim, Doutor Watson?... Venham por aqui. Lá dentro espero convencê-los, de uma vez por todas, que foi McFarlane quem cometeu o crime.

Conduziu-nos, por um corredor largo, a um vestíbulo escuro.

— Após ter assassinado Oldacre, McFarlane veio aqui buscar o seu chapéu — reconstituiu. — Agora reparem, meus senhores...

Com um gesto dramático, acendeu um fósforo e apontou-nos uma mancha de sangue na parede. Ao aproximar-lhe a chama, verifiquei ser mais que uma simples mancha. Era a impressão, bem nítida, de um polegar.

— Analise-a com a sua lente, Sr. Holmes — desafiou Lestrade.

— É o que estou fazendo.

— Sabe que não existem dois polegares iguais?

— Já ouvi falar disso².

— Pois bem, queira fazer o favor de comparar esta mancha com o molde de cera da impressão do polegar direito de McFarlane, que por minha ordem foi efetuada esta manhã.

Colocou o molde de cera ao lado da mancha da parede e não foi necessário utilizarmos a lente para verificarmos que ambas as impressões digitais eram idênticas. Tive, então, a certeza de que o nosso cliente estava irremediavelmente perdido.

— Isto é o ponto final — regozijou-se Lestrade.

— Assim parece — concordei.

— É realmente o ponto final — repetiu Holmes.

Estranhei-lhe o tom de voz e virei-me para encará-lo. A sua expressão mudara por completo; os seus olhos brilhavam e esforçava-se por conter o riso.

— Santo Deus! — acrescentou. — Quem poderia adivinhar uma coisa dessas? E como as aparências são enganadoras! Um rapaz tão distinto! Serve-nos de lição, para não acreditarmos na infalibilidade do nosso raciocínio, não é assim, Lestrade?

² Como se referiu, a página 13 do “Prefácio” do 1º volume desta coleção, só em 1920 foi praticada a primeira identificação, pelas impressões digitais, num caso de homicídio – o “Caso Morrison” –, em Londres; e a segunda, em 1935 – o “Caso Ruxton” –, em Glasgow. Ora, a presente aventura decorre em 1891, tendo-a Conan Doyle publicado, em 1904. Embora esta cronologia evidencie a não pertinência da investigação supra, prova-se, uma vez mais, o incontestável mérito do Autor, em matéria criminológica, de que foi um dos mais notáveis percursores, ulteriormente dignificado pela adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos de detecção criminal, por ele previstos e estruturados. (N. do T.)

— Exatamente, e há quem tenha demasiada confiança no senhor, Sr. Holmes. A insolência do inspetor era irritante, mas não podíamos argumentar.

— Foi realmente providencial o fato de o rapaz ter impresso o polegar na parede ao tirar o chapéu do cabide! De resto, pensando bem, foi um gesto muito natural.

Embora aparentemente calmo, Holmes estava intimamente excitado, como eu podia notar.

— Já agora, Lestrade — perguntou o meu amigo —, quem fez essa descoberta?

— A governanta, Sra. Lexington, que teve o cuidado de chamar o guarda imediatamente.

— Onde se achava o guarda que passou a noite aqui?

— Ficou no quarto onde foi cometido o crime, para que ninguém mexesse em nada.

— Só não entendo por que motivo, ontem, a Polícia não descobriu essa prova.

— Bem... não consideramos essencial examinarmos especialmente este vestíbulo... Além disso, como vê, a mancha não está muito em evidência.

— Pois não — reconheceu Holmes. — Tem a certeza de que essa impressão estava aí, ontem?

Lestrade encarou Holmes, como se o julgasse louco e confesso que também fiquei admirado de ver a expressão jovial do meu amigo, após ter feito uma pergunta tão absurda.

— Certamente não pensa, Sr. Holmes, que McFarlane saiu da prisão, no meio da noite, para vir aqui aumentar as provas da sua própria culpabilidade, pois não? — troçou Lestrade. — Desafio qualquer perito do mundo a negar que esta impressão seja dele.

— Não há dúvida que é a de McFarlane.

— Nesse caso, é mais do que suficiente. Sou um homem prático, Sr. Holmes, e, quando tenho provas, sei tirar as devidas conclusões. Se, depois, quiser falar comigo, me encontrará na sala, redigindo o meu relatório.

Holmes recuperara a calma, mas eu notava-lhe, no olhar, um brilho divertido.

— Com os diabos, Watson! Foi uma notícia muito desagradável, não acha? Apesar disso, há certos pormenores neste caso muito singulares... que me reavivam as esperanças, em benefício do nosso cliente.

— Apraz-me imensamente ouvir isso — afirmei, com sinceridade . — Receei que ele estivesse realmente perdido.

— Eu não iria tão longe, caro amigo, mas a verdade é que há uma importante falha neste indício a que Lestrade dá tamanha relevância como prova material.

— Não me diga, Holmes! Qual é ela?

— Apenas tenho uma certeza: sei que aquela impressão digital não estava ali quando, ontem, tive ocasião de examinar a parede. Agora, Watson, vamos espairar um pouco, lá por fora.

Com as idéias ainda confusas, mas muito mais esperançado, acompanhei o meu amigo numa volta pelo jardim. Holmes observou atentamente os lados exteriores do prédio. Depois, tornamos a entrar na casa e ele examinou-lhe todos os cantos, mesmo os dos três quartos que não estavam mobiliados.

Por fim, ao fundo do largo corredor do piso superior, de acesso a estes últimos que se achavam completamente vazios, desatou a rir.

— Este caso, Watson, apresenta aspectos extraordinários. Creio que chegou o momento de fazermos algumas confidências a Lestrade. Já teve o seu momento de euforia rindo-se à nossa custa, mas se a solução do problema for a que imagino, chegou a nossa vez de rir.

Quando Holmes foi ao seu encontro na saleta, o inspetor da Scotland Yard ainda estava ocupado escrevendo,

— Está redigindo o relatório oficial? — perguntou o meu amigo.

— Precisamente — confirmou Lestrade.

— Não acha prematuro? Continuo a achar que as provas são insuficientes.

Lestrade conhecia Sherlock Holmes suficientemente bem para não dar importância a essas palavras. Pousou a pena e fitou o meu amigo com curiosidade.

— Que quer dizer com isso, Sr. Holmes?

— Simplesmente quero adverti-lo de que há uma testemunha primordial que o senhor ainda não viu.

— E pode apresentá-la?

— Creio que sim.

— Nesse caso, apresente-a.

— Vou fazer o possível. Quantos guardas tem aqui em serviço?

— Estão aí três agentes, bem à mão.
— Esplêndido! São corpulentos e sadios... e com vozes potentes?
— Não tenho a menor dúvida, mas não vejo em quê as vozes possam influir...

— Talvez eu consiga ajudá-lo a ver isso, Lestrade. Faça o favor de chamar os seus homens.

Cinco minutos depois, estavam três policiais na sala e Holmes indicou-lhes:

— Agradeceria que me trouxessem duas grandes braçadas dessa palha que se encontra debaixo do telheiro. Creio que isso bastará para forçar a aparecer a testemunha de que preciso... Obrigado... Tem fósforos, Watson?... Agora, sugiro que me acompanhem todos ao piso superior.

Holmes conduziu-nos até o fim do corredor de acesso aos três quartos desocupados. Os guardas estavam sorridentes, mas a expressão de Lestrade era, agora, um misto de desdém e de expectativa. O meu amigo parecia um prestidigitador prestes a exhibir um truque.

— E agora, Lestrade, quer ter a bondade de mandar um dos seus homens buscar dois baldes de água?... Vocês amontoem a palha, aqui ao centro do quarto, bem afastada das paredes... Bem! Parece que estamos prontos. Só nos falta a água que logo estará aí.

O inspetor da Scotland Yard ficou vermelho de raiva.

— Que quer insinuar, com isso de água e de palha? Está brincando conosco? Se existe alguma nova testemunha, trate de apresentá-la e deixe de palhaçadas.

— Afianço-lhe, meu caro Lestrade, que tenho uma razão excelente para o que estou fazendo. Lembre-se de que ainda há pouco você troçava de mim, quando o vento soprava a seu favor. Portanto, não pode agora recusar-me um pouco de pompa e cerimonial... Quer abrir a janela, Watson?... Obrigado... Importa-se de atear fogo à palha?

Obedeci. O vento entrando pela janela aberta avivou o lume, provocando uma nuvem de fumaça que subiu ao teto, enquanto a palha inflamada crepitava.

— Tentemos agora, Lestrade, encontrar a testemunha de que você necessita para ultimar o seu inquérito... Peço a todos que, à minha indicação, gritem em uníssono: “Fogo!”. Atenção: um, dois, três...

— Fogo! — berramos, simultaneamente.

— Obrigado. Gritem uma vez mais, todos juntos.

— Fogo!

O brado, em coro tronitroante, devia ter ecoado por todo o bairro.

Então, sucedeu algo de extraordinário. Na superfície da parede do fundo do corredor que até aquele momento nos parecera sólida, abriu-se uma porta de onde emergiu um homenzinho contrafeito, como um coelho saindo da toca.

— Perfeito! — exclamou Holmes, calmamente. — É hora, Watson, de jogar a água sobre a palha... Basta!... Permita-me, Lestrade, que lhe apresente a sua principal testemunha, Sr. Johan Oldacre.

Abismado, o inspetor fitou o recém-chegado. Como que encadeado pela claridade das janelas do corredor, o velho piscava os olhos, ora para nós, ora para o fogo que se extinguia. Tinha uma expressão astuta e odienta, com olhos furtivos, de um cinzento-claro e pestanas brancas.

— Que raio significa isso? — inquiriu Lestrade. — Que diabo estava fazendo ali dentro... durante todo este tempo?

Com um riso constrangido, Oldacre recuou diante da atitude colérica do inspetor.

— Não fiz mal algum...

— Acha que não fez mal?... Você fez o possível para mandar um inocente para a prisão. Se não fosse a intervenção do Sr. Sherlock Holmes, talvez tivesse realizado esse seu infernal intento.

O miserável começou a choramingar, balbuciando:

— Garanto-lhe, senhor, que se tratou de uma brincadeira.

— Chama isso de brincadeira, hein ? Pois pode já estar certo de que daqui em diante não achará graça alguma. Levem este homem lá para baixo e esperem-me na sala.

Após os guardas terem se retirado com Oldacre, Lestrade virou-se para Holmes.

— Não quis falar diante dos agentes, mas não me importo de afirmar na presença do Doutor Watson que este foi o feito mais brilhante da sua carreira... embora eu ainda não tenha percebido como conseguiu. Salvou a vida de um inocente e evitou um escândalo tremendo que teria arruinado a minha reputação na Polícia.

Sorrindo, Holmes deu uma leve palmada no ombro do detetive.

— Mas, em vez de ficar com a reputação arruinada, a terá publicamente exaltada. Basta que faça algumas alterações no relatório que estava redigindo e todos reconhecerão ser difícil enganar o Inspetor Lestrade.

— E não deseja que o seu nome seja mencionado?

— De forma alguma! O meu trabalho é a minha recompensa... Talvez, mais tarde, eu venha a usufruir de uma parte da glória, quando permitir ao meu diligente biógrafo que se instale diante das folhas de papel... Hein, Watson?... Bem, vamos agora ver onde aquele rato tem estado escondido.

Uma divisão de madeira, estucada, fora montada a dois metros do fundo do corredor, como se fora uma parede. Havia ali uma porta, muito habilmente dissimulada. Aquele compartimento era apenas iluminado por fendas, abertas rente ao beiral do telhado. Viam-se escassas peças de mobília e tinha água e comida, assim como livros e papéis.

— Eis a vantagem de quem é construtor — comentou Holmes, ao sairmos. — Oldacre pôde fazer o seu esconderijo, sem necessitar da ajuda de um cúmplice... a não ser a sua preciosa governanta que você, Lestrade, também devia mandar prender.

— Não deixarei de fazê-lo... Mas, diga-me, Sr. Holmes, como conseguiu saber da existência deste esconderijo tão bem disfarçado?

— Parti do princípio que o patife tinha de estar oculto dentro desta casa. Quando a examinava, percebi que o corredor do piso superior era dois metros mais curto que o do andar térreo; portanto, compreendi onde ele devia ter-se escondido. Calculei então que o homem não teria coragem de permanecer assim escondido, após ouvir o alarme de incêndio. É claro que podíamos ter entrado na “toca” para prendê-lo, mas achei mais divertido fazer com que ele aparecesse pelos próprios pés. Além disso, Lestrade, eu tinha direito a uma desforra, depois de sofrer a sua zombaria desta manhã.

— Nesse caso, ficamos quites... Mas como diabo descobriu que Oldacre se ocultara nesta casa?

— Pela impressão do polegar. Você bem disse, Lestrade, que era o “ponto final”; e era realmente, só que o sentido era outro. Eu sabia que, na véspera, aquela parede não tinha mancha alguma. Como já deve ter notado, dou imensa importância aos pormenores. Ora, tendo examinado a parede com a maior das atenções, estava certo de que nela não havia a menor marca.

Por conseguinte deduzi que a do polegar só fora impressa durante a noite, quando o guarda vigiava, ou mesmo dormia, na sala.

— De qualquer modo, como conseguiria Oldacre imprimir a marca do polegar de McFarlane?

— Muito simplesmente. Quando lacravam os envelopes, Oldacre arranjou de McFarlane pôr o polegar no lacre ainda mole. Deve tê-lo feito tão depressa e com tanta naturalidade, que o rapaz não pensou mais nisso. Até podia ser o caso de acidente ocasional e que, no momento, nem o próprio Oldacre imaginava que isso pudesse vir a ser-lhe útil. Mais tarde, no seu cubículo, refletindo no caso, lembrou-se ser possível forjar uma prova terrível contra McFarlane.

Nada seria mais fácil do que soltar o lacre do envelope, manchá-lo com o sangue provocado por uma picada de alfinete e imprimir, durante a noite, aquela marca na parede. Se você examinar os papéis que ele levou para o seu esconderijo, estou certo de que encontrará um lacre com a impressão do polegar do rapaz. De resto, essa impressão estava em “negativo”, com as linhas digitais em branco. Para obter um “positivo” com as linhas tingidas seria necessário fazer um molde, gravando o lacre noutra matéria... como a cera, por exemplo.

— Fantástico! Fantástico! — exclamou Lestrade. — Explicado pelo senhor, tudo parece claro como água!... Mas, qual a vantagem de toda aquela encenação?

— Bem... não creio que seja difícil explicar. O homem que nos espera lá em baixo tem uma péssima índole e é vingativo. Sabia que ele, há muito tempo, pretendia casar com a mãe de McFarlane e que ela o desprezara?... O quê?... Não sabia que, antes de casar com o pai do rapaz, a Sra. McFarlane e Oldacre tinham sido noivos?... Mas eu disse-lhe, Lestrade, que era melhor ir a Blackheat antes de vir para Norwood!

Pois bem, Oldacre considerou aquela quebra de noivado como um medonho insulto que lhe roía o âmago da alma e, a partir de então, passou a vida desejando vingar-se, sem se lhe deparar uma oportunidade. Durante os últimos dois anos, os negócios correram-lhe mal... talvez por especulações desastradas... Então, resolveu lesar os credores e começou a passar cheques de avultadas quantias a um tal de Sr. Cornelius, que não é outro senão o próprio Oldacre, usando nome falso. Ainda não tive tempo de procurar os cheques, mas estou certo de que foram

depositados numa cidadezinha onde o patife deve ter vivido durante algum tempo com uma falsa identidade. É de concluir-se que tencionava mudar de nome definitivamente, levantar o dinheiro e fugir, recomeçando a vida noutro lugar.

— É bem provável.

— Pensou que, dando a impressão de que fora assassinado, ninguém o perseguiria e, dessa maneira, também conseguiria vingar-se da antiga noiva, fazendo com que o filho fosse condenado e enforcado. Concebeu essa obra-prima de vilania e executou-a com verdadeira perícia.

A idéia do testamento, que fornecia a McFarlane o móbil do crime; a visita que este lhe fez, sem que seus pais soubessem; a bengala que Oldacre escondeu; o sangue e os restos de um animal queimado e os botões encontrados nas pilhas de madeira calcinadas, foram expedientes muito engenhosos. Teceu uma tal rede, que eu próprio, ainda há poucas horas, pensava que ninguém poderia escapar-lhe. Mas Oldacre não possuía esse supremo dom do artista que é saber até que ponto se pode ir. Quis aperfeiçoar o que já era perfeito e ainda apertar mais a corda em torno do pescoço da sua vítima... Com isso, malogrou todo o plano diabólico... Vamos descer, Lestrade, pois quero fazer-lhe uma ou duas perguntas.

O miserável Oldacre achava-se sentado na sala da sua própria casa, mas com um policial de cada lado.

— Foi uma brincadeira, meus senhores — lamuriava-se, sem cessar. — Juro que apenas me escondi para ver o efeito que o meu desaparecimento causaria... Tenho certeza, inspetor, que o senhor não será injusto ao ponto de imaginar que eu permitiria que acontecesse algum mal ao pobre Sr. McFarlane.

— Isso compete ao júri decidir — replicou Lestrade. — De qualquer modo, o senhor será julgado por crime de denúncia caluniosa... se não o for, como merece, por tentativa de assassinato.

— E provavelmente — acrescentou Holmes —, os seus credores impedirão a transferência dos seus depósitos para a conta do Sr. Cornelius.

Oldacre virou-se para o meu amigo, com um olhar venenoso.

— Tenho a agradecer-lhe muitas coisas — sibilou. — Mas talvez, um dia, tenha oportunidade de pagar-lhe a minha dívida.

Holmes sorriu com indulgência e retorquiu:

— Creio que durante alguns anos terá todo o seu tempo ocupado... Já agora, que diabo pôs você na fogueira, ao lado das suas calças? Um cão morto, um carneiro, ou quê?... Não quer dizer-me?... Bem, acho que alguns coelhos poderiam ser responsáveis pelo sangue e pelos restos carbonizados.

Se algum dia, Watson, você descrever este caso, pode optar por uns dois coelhos.



OS BONECOS BAILARINOS

Durante bastante tempo Holmes permaneceu sentado em silêncio, debruçado sobre um tubo de ensaio, analisando um produto mal cheiroso. Nessa atitude, com o queixo apoiado no peito, lembrava uma estranha ave, magra, de plumagem opaca e penacho escuro.

— Olá, Watson! — saudou, ao ver-me entrar. — Então não vai comprar as ações sul-africanas?

Sobressaltei-me. Por mais habituado que estivesse às insólitas faculdades de Holmes, aquela sua súbita intrusão no meu pensamento era inexplicável.

— Como sabe disso?

Girou no banco rotativo com o tubo de ensaio na mão, contendo uma matéria espumante, e olhou-me com um sorriso brejeiro.

— Confesse, Watson, que ficou admirado.

— Pois fiquei!

— Eu devia fazê-lo assinar uma declaração a esse respeito.

— Por quê?

— Porque daqui a cinco minutos, você não deixará de comentar: “é absurdamente simples!”

— Não direi nada disso — afiançei.

Pousando o tubo de ensaio e com a atitude de um mestre que, na aula, se dirige aos alunos, Holmes começou a dissertar:

— Como sabe, meu caro Watson, não é difícil fazer uma série de deduções, todas elas simples em si mas sucedendo-se em cadeia. Em seguida, se anularmos as deduções intermediárias e apenas apresentarmos à nossa audiência a primeira e a última, poderemos causar um efeito perturbador, embora magicamente falso. Ora vejamos: olhando para a junção interdigital do seu polegar e do seu indicador da mão esquerda, não foi difícil concluir que você não se interessou em investir o seu pequeno capital nas ações de minas de ouro.

— Não estou vendo a relação...

— Provavelmente não a vê, mas posso mostrar-lhe. Eis os elos que suprimi à simples cadeia de deduções:

1º — Quando você voltou do clube na noite passada, tinha vestígios de giz entre os dedos indicador e polegar;

2º — É entre esses dois dedos que você segura o giz com que esfrega a ponta do taco de bilhar, para dar-lhe maior aderência;

3º — Ora, você nunca joga bilhar, a não ser com Thurston;

4º — Além disso, há quatro semanas, você contou-me que Thurston tinha uma opção, durante um mês, sobre uma propriedade mineira na África do Sul, e lhe propusera adquiri-la, como sociedade;

5º — Contudo, você tem o seu livro de cheques guardado na minha gaveta e não me pediu a chave;

6º — Portanto, é de concluir que não tenciona aplicar o seu dinheiro nesse negócio.

— É absurdamente simples! — exclamei.

— De fato — concordou Holmes, ligeiramente irritado. — Todos os problemas se tornam infantilmente simples, depois de explicados. Veja, Watson, se consegue resolver comigo este que tenho nas mãos.

Estendeu-me uma folha de papel e tornou a embrenhar-se na sua experiência química.

Olhei espantado para os estranhos hieróglifos que tinha em minha frente.

— Mas isto é um desenho de criança, Holmes!

— É o que lhe parece?

— Que outra coisa poderá ser?

— É o que o Sr. Hilton Cubitt, de Ridling Thorpe, em Norfolk, deseja saber. Esta charada chegou-me pelo correio da manhã, e o Sr. Cubitt preveniu-me de que viria para cá no próximo trem.

Olhe, Watson, estão tocando à campainha. Não me admiraria que fosse ele.

Ouviram-se passos na escada. Momentos depois, entrou um homem alto, de rosto bem escanhado e olhos claros, com uma tez corada que indicava morar bem longe do nevoeiro da Baker Street.

Parecia trazer consigo uma lufada da brisa pura e revigorante da costa leste. Depois dos cumprimentos formais, quando ia sentar-se viu sobre a mesa o desenho que eu acabara de comentar.

— Que me diz a isto, Sr. Holmes? — indagou. — Disseram-me que gosta de mistérios e não creio que encontre algum mais estranho do que este. Enviei-lhe, antes de eu chegar, para que tivesse tempo de examiná-lo.

— É realmente estranho e, *a priori*, poderia parecer uma brincadeira de garoto... Uma fileira de figurinhas lineares, representando bailarinos. Por que motivo, Sr. Cubitt, se preocupou com um desenho aparentemente tão grotesco como este?

E Holmes ergueu a folha de papel, contra a luz do sol.

Era uma página arrancada de um bloco, com a seguinte fileira de bonequinhos desenhados a lápis:



Depois de tê-la examinado, dobrou-a com cuidado e colocou-a dentro do seu caderno de apontamentos.

— Promete ser um caso interessante e fora do comum. Apesar do que me disse na sua carta, Sr. Cubitt, gostaria que repetisse o assunto para o Doutor Watson ouvir... se possível, com mais pormenores.

Abrindo e fechando as mãos nervosamente o nosso visitante preambulou:

— Não sou bom narrador de histórias, de maneira que peço que me interrompam sempre que me mostrar pouco claro... Vou começar pela época do meu casamento, no ano passado...

Devo esclarecer que não sou rico, embora a minha família tenha sido abastada e vivido durante cinco séculos em Ridling Thorpe, podendo considerar-se a mais conhecida da região de Norfolk. No ano passado vim a Londres para assistir ao Jubileu da Rainha, e hospedei-me numa pensão do Russell Square, porque o vigário da nossa paróquia também estava hospedado lá. Conheci então uma jovem americana, Elsie Patrick. Fizemos amizade e, antes de findar o meu mês de férias, reconheci ter-me apaixonado por ela. Casamos discretamente no civil, e levei-a a Norfolk.

Provavelmente, Sr. Holmes, achará estranho que um homem de boa família tenha casado desta maneira, pouco sabendo acerca da noiva e desconhecendo a sua origem familiar. Contudo, se a visse, compreenderia melhor o motivo da minha súbita decisão.

Elsie portou-se corretamente comigo, dando-me a oportunidade de reconsiderar, caso eu desejasse romper o noivado, e chegou a declarar:

“— Na minha vida decorreram fatos desagradáveis e, se casar comigo, Hilton, embora eu nada tenha feito de que possa envergonhar-me, a verdade é que terá de contentar-se com a minha palavra a este respeito, permitindo-me que guarde sigilo quanto ao meu passado... até o momento em que o conheci. Se considerar estas condições inaceitáveis, pode voltar para Norfolk, deixando-me sozinha.”

Respondi que aceitava as condições estabelecidas e cumpri a minha palavra. Estamos casados há quase um ano, e temos sido muito felizes. Contudo, há um mês, em fins de junho, surgiram as primeiras complicações. Certo dia, minha mulher recebeu uma carta da América, de que vi o selo, e notei que ficou mortalmente pálida ao lê-la, antes de atirá-la para as chamas da lareira. Como lhe prometera, não fiz a menor alusão ao caso, mas verifiquei que a partir de então Elsie nunca mais teve um momento de sossego. Passei a notar nela sempre uma expressão de medo estampada no rosto, como se esperasse uma ocorrência desagradável. Seria bem melhor que confiasse em mim e reconhecesse que sou o seu melhor amigo.

Pode crer, Sr. Holmes, que Elsie é uma mulher franca e, seja qual for o drama do seu passado, tenho a certeza de que não é culpada do que tenha acontecido. Sou apenas um proprietário rural, mas estou certo de que na Inglaterra não há quem mais preze a honra da família. Elsie sabia disso antes de casar-se comigo, e por isso nunca desejaria que o meu nome ficasse manchado. Agora vem a parte estranha do caso. Há uma semana, na terça-feira passada, encontrei no peitoril da janela uma série de bonequinhos desenhados como dançarinos, tal como esse que aí tem. Alguém os desenhara a giz e pensei que se tratasse de uma brincadeira do moço da cavalaria, mas o rapaz jurou nada saber a esse respeito.

As figurinhas tinham sido desenhadas durante a noite, quando ele estava dormindo. Mandeí lavar o peitoril e, quando mais tarde falei do assunto a Elsie, vi-a, para meu espanto, ficar perturbadíssima, pedindo-me que, se o caso se repetisse, eu não deixasse de informá-la.

Durante a semana nada mais aconteceu, mas, ontem, encontrei esta folha de papel no jardim, sobre o relógio de sol... e quando mostrei as figurinhas

a Elsie, ela caiu no chão desmaiada. Agora, parece ter-se transformado num fantasma da mulher que era, sempre com uma expressão aterrorizada. Foi esta a razão, Sr. Holmes, que me impeliu a escrever-lhe, porque a polícia riria de mim se eu aparecesse por lá com semelhante incoerência.

Não sou rico, como lhe disse, Sr. Holmes, mas se minha mulher corre algum perigo, estou disposto a gastar tudo quanto possuo para protegê-la.

Era óbvio que Hilton Cubitt depositava a maior confiança na mulher. Depois de ouvi-lo, Holmes manteve-se alguns instantes pensativo.

Finalmente, sugeriu:

— Não seria melhor, Sr. Cubitt, pedir que sua esposa lhe confesse o segredo que a atormenta?

— Não, Sr. Holmes. Quando faço uma promessa, tenho de cumpri-la. Se Elsie nada deseja contar-me, não serei eu a forçá-la a isso.

— Muito bem, Sr. Cubitt, estou pronto a ajudá-lo. Para começar, ouviu porventura alguém falar da presença de uma pessoa estranha na vizinhança?

— Não.

— Evidentemente, Ridling Thorpe é um lugar sossegado. Portanto, o aparecimento de qualquer estranho não deixaria de causar comentários... Mas, há outros lugares próximos?

— Existem algumas fontes termais não muito distantes, e os fazendeiros costumam receber pensionistas.

— Obviamente, esses hieróglifos contêm uma mensagem. Se não fizessem sentido, não se justificaria o seu repetido aparecimento no jardim. Portanto, não sendo um ato isolado, arbitrário, se a sua seqüência vier a mostrar-se sistemática, talvez possamos decifrá-los. Este único exemplar é insuficiente para uma decifração e os fatos que me descreveu são demasiado vagos. Sugiro, pois, que regresse a Norfolk e se mantenha atento a uma próxima mensagem. Logo que a receba, envie-me uma cópia dos desenhos.

É lamentável que não tenha copiado os que foram inscritos no peitoril da janela... Mal obtenha novas provas, Sr. Cubitt, não deixe de falar comigo e, se ocorrer algum incidente sério, tratarei de arranjar tempo para ir a Norfolk.

Esta entrevista impressionou o meu amigo que, durante os dias seguintes, retirou por várias vezes a folha de papel de dentro do seu caderno de

apontamentos para estudá-la, meditativo. Contudo, só quinze dias mais tarde referiu-se ao assunto, no momento em que eu ia sair após a minha visita.

— Talvez possa ficar mais uns instantes, Watson — sugeriu.

— Por quê?

— Porque esta manhã recebi um telegrama de Hilton Cubitt. Deve estar chegando de um momento para outro, e creio que há novidades.

Não esperamos muito, pois o homem de Norfolk veio diretamente da estação de Waterloo para a Baker Street. Parecia deprimido, com a testa enrugada e o olhar cansado.

Deixou-se cair numa poltrona e confessou:

— Este caso tem-me arrasado os nervos. Já é mau uma pessoa sentir-se rodeada de agentes invisíveis e desconhecidos, mas pior ainda é a presente situação. Não posso suportar ver a minha mulher definhando-se, dia a dia... Chego a recear que morra.

— Ainda não lhe contou coisa alguma?

— Não, Sr. Holmes. Às vezes, parece estar tentada a falar, mas logo se retrai com falta de coragem. Tentei ajudá-la, mas nada consegui. Limita-se a falar do tradicionalismo da minha família, à nossa reputação no condado, aos preconceitos de classe e do orgulho que temos da nossa honra... Sinto que pretende comunicar-me qualquer coisa, mas nunca chega a abrir-se comigo...

— E o senhor descobriu mais algum fato material?

— Sim, Sr. Holmes. Trouxe-lhe outra série de “bailarinos” e... o que é o mais importante... vi o homem.

— Que homem? O que fez os desenhos?

— Sim... Mas deixe-me expor-lhe a ocorrência, ordenadamente. Ao voltar para casa, no dia seguinte a ter estado com o senhor, Sr. Holmes, encontrei uma nova fileira de desenhos feitos a giz na porta de madeira, pintada de preto, da casa das ferramentas que fica em frente das janelas que dão para o jardim. Aqui tem uma cópia exata.

Hilton Cubitt desdobrou um papel e colocou-o sobre a mesa. Continha os seguintes hieróglifos:



— Esplêndido! — exclamou Holmes. — Continue, por favor.

— Após ter copiado os desenhos, apaguei-os. Contudo, dois dias depois, encontrei nova inscrição. Aqui está a sua cópia:



Holmes esfregou as mãos, de contentamento.

— O material começa a acumular-se, rapidamente — exultou.

— E agora, veja: três dias depois, esta outra mensagem foi colocada no relógio do sol, presa por uma pedra. Aqui a tem. Os caracteres são precisamente idênticos aos anteriores. Então, decidi esperar e postei-me no escritório, com o revólver à mão. Por volta das duas da manhã, enquanto estava no escuro e só o luar iluminava o jardim, ouvi passos atrás de mim. Era Elsie que, em roupão, vinha suplicar-me que eu fosse deitar-me. Respondi desejar ver quem fazia aqueles bonecos e ela, insinuando tratar-se de uma brincadeira, propôs:

“— Se isso o preocupa, o que diz de fazermos uma viagem...?”

“— Não, Elsie — redargui. — Não vamos ser expulsos da nossa própria casa por uma brincadeira de garoto. Todos ririam de nós.”

“— Está bem... mas, agora, venha deitar-se e discutiremos este assunto amanhã.”

Então, notei que a mão que tinha pousado no meu ombro se crispara e vi que ela empalidecera, aterrorizada. Algo se movia na sombra da casa das ferramentas. Depois, um vulto passou rente à casa e veio acocorar-se diante da porta de entrada. Peguei o revólver e ia correr para fora, quando Elsie me segurou com toda a sua força. Tentei soltar-me, mas agarrou-se a mim, desesperadamente. Quando consegui libertar-me e saí, o homem desaparecera. Contudo, deixara na porta a prova da sua presença: novos desenhos que, na mesma noite, copiei à luz da lanterna. O mais estranho é que o indivíduo não chegou a afastar-se muito do local, pois, ao romper da manhã, ao voltar a examinar a porta, vi que à fileira de bonecos fora acrescentada uma outra.

— Trouxe a cópia desses novos desenhos?

— Certamente. Esta série é mais curta. Aqui a tem, Sr. Holmes.



Pelo olhar de Holmes, depreendi que estava muito excitado.

— Estes desenhos tinham sido feitos na seqüência imediata dos anteriores — inquiriu —, ou achavam-se separados?

— Estavam separados dos primeiros, no outro lado da porta.

— Esplêndido! Isso é importante... Queira continuar o seu relato, Sr. Cubitt.

— Pouco me resta dizer, a não ser que me zanguei com Elsie por ter-me agarrado, impedindo-me de caçar o patife. Justificou-se com o receio de que me acontecesse qualquer mal. Confesso que, nesse momento, duvidei da minha mulher, porque estava armado, admiti a hipótese de ela ter receado que acontecesse qualquer mal... a ele. Não tenho a menor dúvida de que Elsie não só o conhece, mas que também compreende o significado das estranhas mensagens. Contudo, o seu olhar convenceu-me de que o seu verdadeiro temor fora pela minha vida, já que o homem, no escuro, também poderia estar armado.

Aqui tem, Sr. Holmes, o que aconteceu e peço-lhe que me aconselhe... Pensei em deixar alguns dos meus criados escondidos entre os arbustos do jardim, para sovarem o malandro caso ele voltasse a aparecer...

Erguendo a mão, Holmes observou:

— A questão é demasiado complexa, para um remédio tão simples. Quanto tempo tenciona permanecer ainda em Londres, Sr. Cubitt?

— Tenho de regressar hoje mesmo. Por nada deste mundo, nas presentes circunstâncias, deixaria Elsie sozinha. Encontra-se muito nervosa e suplicou-me que voltasse, sem demora.

— Acho que tem razão. Contudo, se pudesse ficar, talvez eu, dentro de um dia ou dois, conseguisse ir com o senhor. Deixe-me os desenhos, para eu tentar decifrar o assunto.

Até o visitante sair, Holmes manteve a sua calma profissional, embora eu percebesse que estava realmente excitado. Mal Cubitt desapareceu, o meu amigo correu para a mesa e, analisando os desenhos, começou a fazer cálculos complicados.

Durante horas empenhou-se em preencher folhas de papel, com hieróglifos e letras do alfabeto e, estava tão absorto no seu trabalho, que pareceu alhear-se totalmente da minha saída e do meu regresso. Ora cantarolava e assobiava em surdina, quando obtinha alguns progressos, ora permanecia perplexo, com um olhar vago.

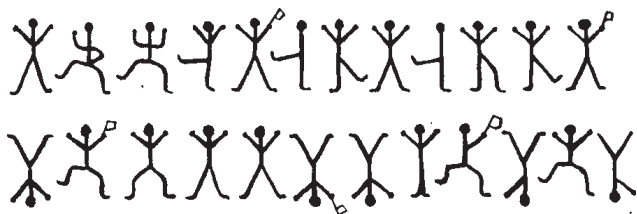
Finalmente, saltou da cadeira com uma exclamação de regozijo e pôs-se a andar de um lado para o outro, esfregando as mãos. Depois, pegou um impresso de telegrama e redigiu uma longa mensagem.

— Se, como espero, Watson, a minha solução para este problema estiver certa, você poderá incluí-lo na sua coleção. Creio que amanhã poderemos ir a Norfolk revelar ao nosso cliente informações definidas sobre este mistério.

Confesso que me sentia intrigadíssimo, mas como Holmes gosta de reservar as suas descobertas, aguardei pacientemente que se dispusesse a fazer-me confidências.

A resposta ao seu telegrama demorou e, durante dois dias, Holmes mostrou-se impaciente, ficando como que em suspenso, sempre que ouvia tocar à campainha. Por fim, na tarde do segundo dia, chegou uma carta de Cubitt. Na casa dele tudo corria como antes, embora nessa manhã tivesse surgido nova mensagem com os “bailarinos”, encontrada sobre o relógio de sol.

Eis a cópia do referido desenho:



Holmes debruçou-se sobre a bizarra mensagem e examinou-a durante alguns segundos, após o que se ergueu, com uma exclamação de surpresa e consternação. Estava pálido de angústia.

— Deixamos o caso ir demasiado longe! — concluiu. — Há algum trem hoje à noite para Norfolk?

Consultei o horário ferroviário e verifiquei que o último tinha acabado de partir.

— Nesse caso, teremos de levantar-nos muito cedo, para apanhar o primeiro trem da manhã. A nossa presença em Ridling Thorpe é absolutamente necessária.

A hospedeira da casa apareceu à porta da sala e Holmes exclamou:

— Até que enfim! Aqui vem a resposta ao nosso telegrama... Um momento, Sra. Hudson... Pode ser a resposta... Não, não é... É exatamente o que eu já esperava! Este telegrama prova que a nossa viagem ainda se torna mais urgente. Não podemos perder tempo em avisar Cubitt da nossa chegada. A teia que o envolve é demasiado perigosa para qualquer demora.

Assim era, de fato. Agora, ao chegar ao fim deste caso... que se afigurara infantil e grotesco para mim... sinto o mesmo confrangimento que me perturbou naquele momento.

Embora eu preferisse relatar aos meus leitores um epílogo mais agradável, devo contudo cingir-me à crônica dos acontecimentos que, durante alguns dias, fizeram com que a casa de Ridling Thorpe fosse comentada em toda a Inglaterra.

Mal tínhamos descido do comboio, o chefe da estação correu para nós, indagando:

— São os detetives de Londres?

— Por que pensa isso? — inquiriu Holmes, inquieto.

— Porque o inspetor Martin, de Norwick, acabou de passar por aqui... Mas talvez os senhores sejam médicos? Segundo as últimas notícias de Ridling Thorpe, a senhora ainda não morreu... Talvez ainda venham a tempo de salvá-la... embora, muito provavelmente, só a salvem... para que seja enforcada.

— Vamos, realmente, para a casa de Ridling Thorpe — confirmou Holmes —, mas ainda não sabemos o que aí se passou.

— Um caso horrível! Tanto o Sr. Cubitt, como a mulher, foram alvejados a tiro. Consta que foi ela que o matou, tentando suicidar-se em seguida... Pelo menos, esta é a opinião dos criados... Não há grandes esperanças quanto à possibilidade do Sr. Cubitt sobreviver... Santo Deus!... Uma das mais antigas e honradas famílias de toda a região!

Sem dizer palavra, Holmes correu para um carro e, ao longo do trajeto de sete quilômetros, manteve-se calado. Raras vezes eu o vi tão preocupado. Durante a nossa viagem de trem, embrenhara-se na leitura de vários jornais, mas, agora, reclinado no banco do carro, perdia-se em sombrias conjecturas, totalmente alheio à paisagem semeada de casas esparsas que representavam a população atual, enquanto que enormes igrejas acasteladas, de torres quadradas, nos falavam da glória e da prosperidade da Inglaterra de tempos idos.

Finalmente, avistamos a faixa verde da costa de Norfolk e, com o chicote, o cocheiro apontou para duas torres de tijolo que surgiam por cima do arvoredo.

— Ali está a casa de Ridling Thorpe.

Quando nos dirigimos para o grande portão da entrada, avistei ao lado da quadra de tênis, a casa das ferramentas, de porta negra, e o relógio de sol, já tantas vezes mencionado.

Um homenzinho vivo, de bigodes aparados, acabara de descer de outro carro. Apresentou-se como sendo o inspetor Martin, da Polícia de Norfolk, e admirou-se ao ouvir o nome do meu amigo.

— Sr. Sherlock Holmes?... Como pôde saber deste caso e chegar aqui ao mesmo tempo que eu, se o crime foi cometido hoje mesmo, às três horas da madrugada!

— Previ a tragédia e acorri imediatamente, na esperança de poder evitá-la.

— Nesse caso, tem certamente provas que ainda desconhecemos, tanto mais que sempre nos constou que o casal Cubitt era muito unido!

— Tive acesso ao indício dos “bailarinos”... Mas isso fica para depois. Mais tarde lhe explicarei do que se trata... Agora que a tragédia se consumou sem que tivéssemos podido impedi-la, resta-nos utilizar o conhecimento que tenho do caso para que seja feita justiça. Quer, que o auxilie na investigação ou prefere agir independentemente, inspetor?

— Teria muito orgulho, Sr. Holmes, em vê-lo trabalhar comigo — declarou Martin, com sinceridade.

— Nesse caso, queira fazer o favor de narrar-me o que se passou. Gostaria de examinar o local, sem demora.

O inspetor teve o bom senso de permitir que Holmes agisse à sua maneira e limitou-se a tomar notas do que via e ouvia.

O médico local, homem já de cabelos brancos, acabava de sair do quarto da dona da casa. Anunciou que o estado da Sra. Elsie Cubitt era melindroso, mas não desesperado. Como o ferimento causado pela bala era muito grave, talvez a senhora ainda levasse algum tempo para recuperar os sentidos.

Por enquanto, ainda não seria possível saber se fora atacada, ou se tentara suicidar-se. Não havia dúvida de que a arma fora desfechada à queima-roupa. Só foi encontrado na sala um revólver, cujo tambor apresentava dois cartuchos deflagrados, onde faltavam as respectivas balas.

O Sr. Cubitt fora alvejado no coração e, como o revólver se encontrava no chão, entre ele e o lugar onde estivera a mulher, tanto poderia supor-se que o marido disparara contra ela, matando-se em seguida, como admitir a hipótese de ter sido ela quem o assassinara, procurando suicidar-se depois.

— Mudaram a posição do cadáver? — inquiriu Holmes.

— Não tocamos em coisa alguma — respondeu o médico. — Limitamo-nos a levar a Sra. Cubitt para o quarto, pois não podíamos deixá-la, assim, no chão.

— Desde quando está aqui, Doutor?

— Desde as quatro horas da manhã.

— Esteve mais alguém com o senhor?

— Sim, um agente da Polícia.

— Tem certeza de que ninguém tocou em coisa alguma?

- Absoluta. Não se mexeu em nada.
- Agiram bem. Quem foi chamá-lo, Doutor?
- A criada mais nova, Saunders.
- Foi ela quem deu o alarme?
- Tanto ela, como a cozinheira, Sra. King.
- Onde se encontram, neste momento?
- Creio que na cozinha.
- Então, vamos ouvi-las.

Passaram à ante-sala, com velhos lambris de mogno e janelas altas, agora transformada em sala de interrogatório.

Holmes sentara-se numa cadeira de espaldar alto, com expressão abatida, mas olhar perscrutante. Percebi que estava decidido a levar a cabo a investigação, para que o seu cliente fosse vingado, já que não pudera ser salvo.

O correto inspetor Martin, o médico local e um agente da Polícia completavam, comigo, todo o grupo.

As duas criadas relataram os acontecimentos com bastante clareza. Tinham sido acordadas por uma forte detonação, logo seguida de outra, mais fraca.

As duas mulheres dormiam em quartos contíguos. A Sra. King correrá a chamar a jovem Saunders, tendo ambas descido as escadas, correndo. Encontraram a porta do escritório aberta e uma vela acesa sobre a mesa. O Sr. Cubitt estava deitado de bruços no soalho, já morto. A senhora encontrava-se agachada, junto da janela, com a cabeça encostada à parede. Achava-se gravemente ferida e tinha a face manchada de sangue. Respirava ofegantemente e nada conseguira dizer. Tanto o escritório, como o corredor e a escada, cheiravam a fumaça de pólvora.

Ambas afirmaram que a janela estava fechada por dentro. A criada Saunders correrá a chamar o médico e a Polícia. Depois, a Sra. King, com o auxílio de dois criados, tinha conduzido a patroa para o quarto, no piso superior.

Tanto a Sra. Cubitt como o marido já tinham se deitado. A senhora estava de camisola, mas ele enfiara um roupão. As criadas também não tinham tocado em qualquer objeto da sala. Sempre tinham considerado os patrões como um casal muito amigo e nunca os tinham ouvido discutir.

A uma pergunta do inspetor Martin, afirmaram que todas as portas e janelas da casa estavam fechadas por dentro e que ninguém teria podido fugir, fechando-as dessa maneira depois da saída.

A uma pergunta de Holmes, responderam ter cheirado a pólvora, mal tinham chegado à escada, ao saírem do quarto.

Virando-se para Martin, Holmes alertou:

— Chamo a sua atenção, inspetor, para este pormenor... do cheiro de pólvora... Agora, vamos examinar a sala. Esta, mobiliada como escritório, não era maior do que a ante-sala, com três estantes e uma escrivaninha diante da única janela que dava para o jardim.

A nossa atenção fixou-se no corpo de Cubitt, estendido no chão. Pela roupa que usava, deduzia-se que se levantara da cama apressadamente, não chegando a atar o cinto do roupão.

O tiro fora desfechado de frente e a bala alojara-se no coração, pelo que, certamente, a morte fora súbita e sem dor. Nem na manga do roupão, nem na mão do morto, havia vestígios visíveis de pólvora e, segundo as declarações do médico, o Sr. Cubitt apresentava resíduos de pólvora bem visíveis no rosto, mas nenhum nas mãos.

— A ausência de vestígios de pólvora nitidamente visíveis na mão nada significa — advertiu Holmes. — A menos que uma bala esteja mal incrustada no cartucho, a pólvora não volta para trás em quantidade suficiente para deixar marcas notórias à vista. Uma pessoa pode disparar várias vezes, sem que os cristais da pólvora queimada deixem marcas evidentes na mão que empunha a arma. Sugiro que se retire o corpo deste local... Ainda não extraiu a bala do corpo do Sr. Cubitt, não é, Doutor?

— Como bem sabe, Sr. Holmes, isso exige uma operação muito meticulosa.

Passou a mão pela cara e observou:

— Visto que o tambor do revólver ainda contém quatro cartuchos intactos e só encontrei dois ferimentos nos corpos, justifica-se a falta de duas únicas balas nos cartuchos deflagrados.

— Aparentemente, assim seria — admitiu Holmes —, mas, como se explica a existência de uma bala no caixilho da janela?

Virando-se para esta, apontou para um orifício que se via na madeira.

— Com os diabos! — admirou-se o inspetor. — Como é que descobriu essa marca?

— Porque já estava à procura dela.

— Espantoso! — exclamou o médico. — Nesse caso, Sr. Holmes, terá havido um terceiro tiro! Quer dizer que esteve aqui uma terceira pessoa? Mas, se esteve, quem foi e como conseguiu fugir?

— Esse é o problema que estamos prestes a solucionar. Lembra-se, Inspetor, de eu ter-lhe dito ser importante o pormenor de ambas as criadas terem notado o cheiro de pólvora quando chegaram à escada?

— Lembro-me, mas não entendo o motivo...

— Creio que, quando o primeiro tiro foi disparado, não só a porta do escritório, mas também a janela, estavam abertas. Se assim não fosse, o odor da pólvora não poderia ter-se espalhado pela casa, tão sensível e rapidamente. Para tal, foi necessário haver uma corrente de ar. Contudo, a janela só esteve aberta durante alguns escassos minutos.

— Como chegou a essa conclusão?

— Pelos pingos da vela que não chegaram a escorrer para um dos lados.

— Tem razão! — admirou-se o inspetor.

— Portanto, a janela fora aberta instantes antes da tragédia, e é de admitir que uma terceira pessoa tenha disparado do jardim para dentro de casa. Por outro lado, alguém desfechou um tiro de dentro para fora, contra essa terceira pessoa. Parti da hipótese de que este terceiro interveniente estaria em frente da janela. Como não há vestígios de que tenha sido atingida pelo tiro, admiti a possibilidade de a bala ter falhado o alvo. Podia ter-se perdido no exterior ou ter-se incrustado em qualquer lado. Neste caso, deveria ser procurada o mais perto possível da janela. Verifiquei esta probabilidade e encontrei a marca do impacto da bala no caixilho de madeira.

— Mas, se o Sr. Cubitt morreu instantaneamente — objetou o médico —, como se explica que a janela se apresentasse fechada por dentro?

— Porque o primeiro instinto da mulher seria fechá-la... Olhem!... Que é isto?

Era uma bolsa de senhora, de pele de crocodilo com fecho de prata, que se achava sobre a escrivaninha. Holmes abriu-a e espalhou o conteúdo sobre o tampo do móvel. Continha vinte e cinco libras em notas fixadas por um elástico. Nada mais.

— Esta prova material terá de estar presente no julgamento — indicou Holmes, entregando a bolsa e o dinheiro ao inspetor Martin. — Agora, cumpre-nos averiguar o que se passou com este terceiro tiro que, pela maneira como a madeira ficou estilhaçada, foi disparado de dentro para fora. Gostaria de tornar a interrogar a Sra. King...

Quando esta compareceu, Holmes indagou:

— Não é verdade, Sra. King, que acordou com uma primeira detonação muito forte, cujo estampido foi muito mais violento do que o do segundo tiro que ouviu?

— Sim, senhor. Foi esse estampido que me acordou... Foi tão forte que até fez eco!

— Aí está! Não poderiam ter sido dois tiros, disparados quase simultaneamente?

— Isso não sei, senhor... Talvez.

— Deve ter sido isso... Creio, Inspetor, que nada mais poderemos descobrir nesta sala. Se tiver a bondade de acompanhar-me, poderemos ir ver se o jardim nos apresenta alguns vestígios concludentes.

Ao chegarmos ao canteiro, junto da janela do escritório, verificamos que as flores tinham sido pisadas nesse mesmo local, e que a terra, branda, apresentava várias pegadas de sapatos de homem, de biqueira quadrada e muito larga, em relação ao calçado inglês.

Como um perdigueiro procurando a ave abatida, Holmes rebuscou o solo e, com uma exclamação de regozijo, encontrou um cartucho de latão vazio entre a relva.

— Foi o que pensei. Alguém disparou do exterior. Este cartucho foi expelido por uma pistola. Temos portanto uma terceira cápsula de cartucho, deflagrado por uma segunda arma. Creio, Inspetor, que este caso está prestes a concluir-se.

Martin mostrava-se espantado perante o rápido progresso da investigação de Sherlock Holmes. De início ainda manifestara certa dúvida quanto à teoria insinuada, mas, agora, estava pronto a seguir as deduções do meu amigo, até o fim.

— De quem suspeita? — sondou.

— Depois, trataremos disso. Ainda deparo, neste problema, com alguns pormenores que não consigo explicar... Mas, em breve, serão esclarecidos.

— Como quiser, Sr. Holmes, desde que possamos caçar esse indivíduo.

— Não quero mostrar-me misterioso, mas a verdade é que necessito agir sem demora, antes de entrar em complexas explicações. Já tenho o fio da meada na mão e, mesmo que a Sra. Cubitt não se salve, poderei reconstituir os fatos da noite passada, conseguindo que se faça justiça... Antes de mais nada, preciso saber se na vizinhança existe alguma estalagem chamada “Elrige’s”.

Nenhum dos criados foi capaz de elucidar-nos a esse respeito, mas o moço da cavalaria lembrou-se de uma fazenda cujo dono tinha esse nome, para os lados de East Ruston.

— Uma fazenda isolada? — perguntou Holmes.

— Sim, senhor.

— Nesse caso, talvez ainda não tenha chegado a notícia da tragédia e do estado em que se encontra a sua patroa...

— Talvez não, senhor.

O inspetor e o médico estranharam esta nova divagação do meu amigo cujo rosto, após alguns instantes de meditação, se iluminou num sorriso.

— Escute, moço — indicou. — Sele um cavalo, para ir levar um bilhete a essa fazenda.

Tirou da algibeira as folhas de papel que continham os desenhos dos “bonecos bailarinos”, sentou-se à escrivaninha e durante algum tempo escreveu, laboriosamente.

Quando o moço da cavalaria reapareceu, para anunciar que o cavalo já estava selado e pronto para partir, Holmes tinha terminado o seu trabalho. Estendeu o bilhete ao rapaz e recomendou-lhe que só o entregasse, em mãos, à pessoa a quem era dirigido e que se recusasse a responder a qualquer pergunta que alguém lhe fizesse, fosse ela qual fosse.

Notei, então, que a caligrafia com que Holmes redigira o envelope era muito irregular e bem diferente da sua. Estava endereçado a “*Sr. Abe Slaney, Elrige’s Farm, East Ruston, Norfolk.*”

Dirigindo-se a Martin, Holmes sugeriu:

— Talvez fosse melhor, Inspetor, requisitar uma escolta de agentes da sua esquadra de Norwick. Se os meus cálculos estão certos, terá de conduzir à cadeia um preso altamente perigoso. Antes que o moço parta, mande por ele o seu telegrama para Norwick.

Enquanto Martin pedia ao moço que aguardasse um instante, Holmes acrescentou:

— Julho, Watson, que se ainda houver trem, esta tarde, poderemos regressar a Londres. Este caso está praticamente concluído e tenho umas experiências químicas interessantes à minha espera, na Baker Street.

Depois de o moço da cavaliariça ter partido com o telegrama de Martin e o bilhete de Holmes, este deu instruções aos criados. Se alguém viesse procurar a Sra. Cubitt, não deviam, de forma alguma, falar-lhe do estado em que se encontrava a patroa e, sim, introduzir imediatamente o visitante na ante-sala.

Tendo insistido neste particular, conduziu-nos, a Martin e a mim (visto que o médico já tinha partido), ao escritório, declarando que só nos restava aguardar o desenrolar dos acontecimentos. E acrescentou:

— Creio que posso ajudá-los a passar o tempo deste entreato, de uma maneira cativante.

Sentou-se à escrivaninha e espalhou sobre ela as folhas de papel com os “bonecos bailarinos”, proferindo:

— Tenho, meu caro Watson, de pedir-lhe desculpa por não lhe ter satisfeito a sua natural curiosidade, durante tanto tempo... Para o senhor, Inspetor Martin, talvez este caso constitua um excelente estudo profissional... Terei de começar por expor-lhe as circunstâncias que levaram o Sr. Hilton Cubitt a ir consultar-me em Londres.

Depois de ter-lhe narrado os fatos que já descrevi, declarou:

— Tenho diante de mim os desenhos que poderiam causar sorrisos de desdém, se não tivessem sido os arautos da tragédia. Conheço todos os métodos de criptografia até hoje utilizados, e até sou autor de uma monografia acerca desse tema, em que analiso cento e sessenta códigos diferentes... Mas, confesso que este me deixou bastante perplexo. A intenção do indivíduo que o adaptou foi, naturalmente, dar a impressão de que se tratava de uma brincadeira de criança.

Após uma pausa, prosseguiu:

— Tendo-me convencido de que cada boneco era um símbolo, representando uma letra do alfabeto, utilizei as regras para decifração de fórmulas secretas e consegui, sem grande dificuldade, descobrir a solução criptográfica dos vários textos.

A primeira mensagem era tão curta, que só pude admitir que o símbolo representava a letra E.



Como sabem, na língua inglesa, a letra E predomina de tal maneira em relação aos restantes caracteres alfabéticos que mesmo numa brevíssima mensagem... e até numa só palavra... pode figurar várias vezes.

Dos quinze símbolos inscritos no primeiro bilhete, quatro eram iguais, de modo que os considereei como sendo a letra E. Contudo, em alguns casos, notei que o “boneco bailarino”, representando E, empunhava uma bandeira. Mas pela maneira como esses Es estavam distribuídos, parti do princípio de que aqueles que empunhavam a bandeira serviam para concluir a palavra, terminada em E, separando-a de outra palavra imediata. Generalizando este princípio, admiti que qualquer símbolo com uma bandeira representava o fim de uma palavra, mas só para distingui-la da seguinte. Cheguei, então, a uma situação mais difícil. Em seguida ao E, as letras mais comuns na nossa língua podem estabelecer-se numa seqüência de preponderância, quando inscritas numa folha inteira de texto. Contudo quando se trata de uma frase muito curta, essa seqüência de preponderância fica mal definida, já que não se pode verificar a freqüência normal desses caracteres.

Generalizando, direi que as letras T, A, O, I, N, S, H, R, D, e L sucedem-se com maior freqüência, por esta mesma ordem de preponderância. Porém, acontece que as letras T, A e O se encontram, praticamente, no mesmo nível de freqüência. Assim, seria uma tarefa infundável ensaiar todas as combinações de caracteres possíveis até chegar a um resultado positivo. Por esse motivo, esperei que me fosse enviado novo material para estudo. Na minha segunda entrevista com o Sr. Cubitt, este forneceu-me mais duas frases e uma palavra curta que, já não apresentando bandeira, deveria ser uma mensagem isolada, sem continuação.

Aqui estão os símbolos dessa palavra:



Parti do princípio que, nesta palavra de cinco letras, haveria dois Es, em primeira e quarta posição, respectivamente. Surgiram-me várias hipóteses, entre as quais *SEVER*¹, *LEVER*², ou *NEVER*³.

Indubitavelmente, na situação presente, a palavra *never* seria a mais provável, como resposta a um apelo. Naquelas circunstâncias, era de supor que a mensagem fosse uma resposta, escrita por pela Sra. Cubitt. Aceitando esta premissa como verdadeira poderia já admitir que os símbolos correspondessem, respectivamente, às letras N, V e R.



Ainda me encontrava numa posição difícil, mas ocorreu-me uma idéia feliz. Se o autor das mensagens fosse, como era de presumir, uma pessoa íntima da Sra. Cubitt, seria natural que a tratasse pelo seu nome próprio: Elsie. Teria, portanto, de procurar uma palavra de cinco letras, com dois Es, os extremos, e outras três letras intercaladas: L, S e I.



¹ Cortar, dividir, fender, rachar. (N. do T.)

² Alavanca. (N. do T.)

³ Nunca. (N. do T.)

Examinando os papéis, verifiquei que esta sucessão de símbolos se repetia por três vezes. Devia ser um apelo feito pelo homem a Elsie. Assim, analisei uma curta palavra que precedia uma dessas ELSIEs. Tinha apenas quatro letras e terminava em E.



Experimentei várias palavras com esta forma e, entre todas elas, só encontrei uma combinação que se adaptava ao tema do caso “Sra. Cubitt”: *COME*⁴.



Portanto, estava agora com mais três letras: C, O e M.

Então, voltei à primeira mensagem e dividi-a em palavras, colocando pontos nos locais cujos símbolos ainda desconhecia:



Na primeira palavra de duas letras, em que a segunda era M, a precedente só podia ser A, já que na língua inglesa não existe outra com essa composição: AM⁵.

⁴ Venha, vem. (N. do T.)

⁵ Sou, estou. (N. do T.)

A segunda palavra, *(.)ERE*, deveria, aparentemente, começar por H: *HERE*⁶. Sendo assim, tinha encontrado, para estas duas palavras, *AM HERE*⁷.



Faltava-me estudar as duas palavras finais da mensagem:



Como *SLANE(.)* nada significa e *SLANEY* é um apelido; optei por este último, obtendo o Y, e a frase: *AM HERE A(.)E SLANEY*. Portanto, nesta frase, só me faltava a letra correspondente ao ponto, entre A e E.

Considerando que *A(.)E SLANEY* era o nome do autor das mensagens e sabendo que tanto a Sra. Cubitt como a carta que antes lhe fora endereçada tinham vindo da América, admiti que *A(.)E* fosse *ABE* diminutivo de Abel, usado naquele país: “Estou aqui , Abe Slaney”.

Com todas estas letras, já podia confiadamente lançar-me à decifração da segunda mensagem.



⁶ Aqui. (N. do T.)

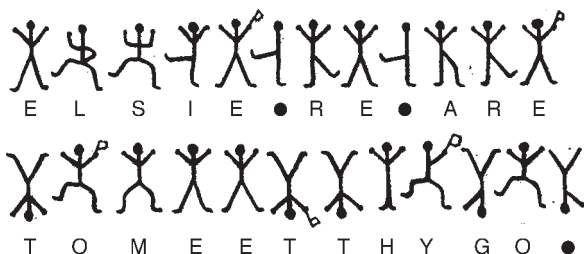
⁷ Estou aqui. (N. do T.)

Desta vez, só poderia fazer sentido se se tratasse do nome de um local, de uma casa, ou de uma estalagem. Desta maneira, *A(.)* devia ter *AT*⁸. Quanto a *ELRI(.)ES*, precisava de um G, no lugar do ponto, para ser um nome: *ELRIGES*⁹. Por conseguinte, o signatário encontrava-se instalado nessa habitação.

Tanto o inspetor Martin como eu tínhamos seguido, com a maior atenção, o método sistemático pelo qual o meu amigo obtivera os resultados que lhe haviam propiciado interpretar a situação.

— Depois, o que fez, Sr. Holmes? — indagou Martin.

— Parti do princípio de que Abe Slaney era americano e de que existia um segredo referente ao elemento crime. Tanto a alusão misteriosa que a Sra. Cubitt fizera ao seu próprio passado, como a sua recusa em fazer confidências ao marido, apontavam nesse sentido. Portanto, telegrafei ao meu amigo Wilson Hargreave, da Polícia de Nova Iorque e perguntei-lhe se conhecia algum Abe Slaney. Respondeu-me tratar-se de “o mais perigoso *gangster* de Chicago”. Ora, na mesma tarde em que recebi esta informação telegráfica, Hilton Cubitt enviou-me a última mensagem de Slaney. Utilizando as letras que já conhecia, decifrei:



Era agora lógico substituir os pontos intercalares pelas letras P e D. Desta maneira, obtive a mensagem completa: *ELSIE PREPARE TO MEET THY GOD*¹⁰.

⁸ Em. (N. do T.)

⁹ At Elrige's significa “em casa de Elrige”, expressão usada para moradia, ou para casa comercial. O 's é a partícula possessiva que corresponde a “de”; portanto, “em casa de Elrige”. (N. do T.)

¹⁰ “Elsie, prepara-te para compareceres perante Deus”, frase normalmente proferida pelos padres católicos e pastores protestantes, ao dirigirem-se a condenados à morte ou a moribundos. (N. do T.)

O miserável passara da persuasão à ameaça. Ora, pelo que sei acerca dos *gangsters* de Chicago, previ que não se demoraria a agir. Vim imediatamente para Norfolk, com o meu amigo e colaborador, Doutor Watson, mas, infelizmente, a tragédia já se tinha consumado.

— É um privilégio trabalhar com o senhor — declarou o inspetor, com entusiasmo. — Porém, se o senhor não tem de prestar contas a ninguém, eu tenho de responder perante os meus superiores. Se esse Abe Slaney, que se encontra na fazenda “Elrige’s”, é o assassino, estarei numa enrascada, se ele fugir.

— Não se preocupe, inspetor Martin. Slaney não tentará fugir.

— Como sabe?

— A fuga seria como uma confissão de culpa.

— Nesse caso, vamos prendê-lo.

— Estou à espera de que ele chegue, de um momento para outro.

— Por que motivo viria aqui?

— Porque lhe escrevi, convidando-o a vir.

— Isto é inacreditável, Sr. Holmes! — espantou-se Martin. — O seu convite só poderá despertar-lhe suspeitas e incitá-lo a fugir.

— Acontece que eu soube como redigir esse convite... Olhe, se não me engano, aí o tem subindo a alameda.

Era um homem atraente, moreno, de barba negra, nariz pronunciado e expressão agressiva. Envergava um casaco de flanela cinzenta, tinha um chapéu panamá e balançava a bengala ao avançar para nós.

Dirigiu-se para a porta da entrada como se a casa lhe pertencesse, e tocou com firmeza à campainha.

Sherlock Holmes sugeriu:

— Creio que será melhor postarmo-nos atrás da porta. Com gente desta espécie, toda a precaução é pouca. Apronte as suas algemas, Inspetor, e deixe-me falar.

Esperamos em silêncio, até que a porta foi aberta e o homem entrou. Imediatamente, Holmes apontou-lhe o revólver à cabeça e Martin fechou-lhe as algemas nos pulsos. Tudo sucedeu tão rapidamente, que o preso não teve tempo de esboçar um movimento de defesa.

— Pelo visto, caçaram-me — reconheceu Slaney. — Vim meter-me na boca do lobo. Foi a Sra. Cubitt quem os ajudou a preparar-me esta armadilha? Recebi uma mensagem dela, para que viesse aqui...

— A Sra. Cubitt? — informou Holmes —, foi gravemente ferida e está às portas da morte.

Slaney soltou uma exclamação de espanto e mágoa.

— Não pode ser! Só ele foi ferido. Quem poderia querer fazer mal a Elsie? Realmente, cheguei a ameaçá-la, mas nunca lhe tocaria num só cabelo. Diga-me que isso não é verdade... que não está ferida...

— Foi encontrada, ao lado do cadáver do marido, mortalmente atingido por uma bala.

Slaney deixou-se cair numa cadeira, com a cabeça entre as mãos algemadas. Depois de alguns momentos de silêncio, falou com a calma do desespero:

— Agora nada tenho a esconder. Se disparei contra Cubitt, fi-lo apenas em legítima defesa e só apertei o gatilho da pistola quando vi que ele ia usar o revólver contra mim. Não posso ser considerado assassino, pela sua morte, já que o seu disparo até antecedeu o meu. Quanto a Elsie, eu nunca lhe faria o menor mal. Nunca nenhum homem amou uma mulher mais do que a ameí. Estávamos ambos comprometidos, há muitos anos. Estava-me destinada. Esse inglês não tinha que vir interpor-se entre nós. O meu direito de primazia permitia-me reclamar o que era meu.

Holmes objetou:

— Não tem razão, Slaney. A Sra. Cubitt, ao descobrir o gênero de homem que você era, resolveu fugir da sua influência. Foi por isso que abandonou a América e acabou por casar-se com um cavalheiro inglês. Você perseguiu-a e atormentou-a, tentando forçá-la a abandonar o marido que ela amava. Em contrapartida, a Sra. Cubitt não queria fugir consigo, porque não só o temia, mas também o odiava. Você causou a morte do Sr. Hilton Cubitt e, implicitamente, provocou a tentativa de suicídio da mulher. Portanto, Abe Slaney, terá de prestar contas à Justiça pela sua responsabilidade na tragédia.

— Se Elsie morrer, nada mais, para mim, terá valor na vida — disse Slaney, olhando para o bilhete amarrotado que tinha na mão.

Então, fitando Holmes, perguntou desconfiado:

— Mas... se Elsie está ferida... como pôde escrever este bilhete? Estão todos enganando-me...

— Fui eu que escrevi essa mensagem — esclareceu Holmes —, com a finalidade de atraí-lo aqui.

— É falso! Ninguém conhece o código dos “bailarinos”, a não ser os componentes do nosso bando. Sendo assim, como pôde escrevê-lo?

— O que um homem pode inventar, outro homem poderá descobrir — replicou Holmes. — Deve estar chegando um carro para transportá-lo a Norwick. Entretanto, você, Slaney, pode de certo modo reparar o mal que fez. A Sra. Cubitt foi considerada suspeita de ter assassinado o marido. O mínimo que você deve fazer é declarar que ela não teve qualquer responsabilidade na tragédia.

— Certamente que o farei. Creio que, neste momento, o melhor para mim é contar a verdade.

Com a lealdade prevista pela lei inglesa, o inspetor Martin advertiu:

— É meu dever preveni-lo de que tudo quanto disser será usado contra o senhor.

Slaney encolheu os ombros.

— Estou pronto a arriscar-me. Antes de mais nada, quero que saibam que conheço Elsie desde garota. O pai dela era o chefe do nosso bando, em Chicago, que contava com sete elementos. O velho Patrick era um homem inteligente e foi ele quem inventou o código dos “bailarinos” que poderia passar, à vista de toda a gente, por uma brincadeira de crianças.

Elsie e eu estávamos noivos e estou certo de que viria a casar-se comigo, se eu tivesse arranjado outra profissão. Não queria ver-se imiscuída em negócios escusos e, com algum dinheiro que ganhara honestamente, fugiu para Londres. Só consegui descobrir-lhe o paradeiro, depois de ter-se casado com esse inglês. Escrevi-lhe da América, mas não obtive resposta. Então, há um mês, vim para a Inglaterra. Finalmente, hospedei-me naquela fazenda. O meu quarto era no primeiro andar, o que me permitia, durante a noite, sair e tornar a entrar sem ser visto. Passei a vir aqui, para deixar-lhe mensagens em código, tudo fazendo para persuadi-la a fugir comigo... E sei que Elsie as lia, porque por duas vezes respondeu às minhas missivas.

A certa altura, perdi a paciência e decidi ameaçá-la de morte. Então, escreveu-me declarando que, se eu não partisse, ela morreria da mesma maneira... caso algum escândalo viesse a manchar a honra do marido. Anunciou-me que quando ele estivesse dormindo desceria do quarto, às três da manhã, para falar comigo pela janela, desde que eu promettesse nunca mais voltar a importuná-la. Assim sucedeu e desceu do quarto, trazendo dinheiro para comprar-me. Esse fato enfureceu-me e tentei

arrebata-la pela janela. Foi nesse momento que surgiu o marido, de revólver em punho. Elsie caiu no chão e eu e ele ficamos frente a frente. Saquei a pistola para assustá-lo e poder fugir, mas ele disparou contra mim e também apertei o gatilho. Ele errou o tiro... e caiu. Fugi pelo jardim e ainda ouvi alguém fechar a janela. Esta é toda a verdade... Não ouvi falar mais do caso, até que um rapazelho veio entregar-me um bilhete... este bilhete que me fez cair na sua rede.

Enquanto o americano falava, tinha chegado um carro, com dois policiais sentados lá dentro. Tocando no ombro do preso, o inspetor anunciou:

— Está na hora.

— Posso ver Elsie?

— Não. A Sra. Cubitt está inconsciente — recusou Martin. Depois, virando-se para o meu amigo, declarou: — Se alguma vez tiver de solucionar um caso importante, só desejo, Sr. Holmes, tê-lo a meu lado.

Ficamos à janela, vendo o carro afastar-se. Ao voltar-me para dentro, vi a bola de papel amarrotado que o preso atirara para cima da mesa. Era o bilhete com que Holmes o atraía à armadilha.

Com um sorriso, este incitou:

— Veja se entende isso, Watson.

Não tinha uma única palavra escrita, constando apenas de uma fileira de “bonecos bailarinos”.



— Se quiser servir-se do código que lhe expliquei — sugeri —, poderá decifrar a minha mensagem. Aqui o tem.

Passou-me uma folha arrancada do seu caderno de apontamentos.



— Verá que escrevi: “Venha imediatamente¹¹”. Estou certo de que Slaney não deixaria de vir a este convite, pois nunca imaginaria que ele pudesse partir de outra pessoa que não fosse Elsie Cubitt.

Desta vez, meu caro Watson, conseguimos que os “bailarinos”, tantas vezes agentes do Mal, tivessem servido para uma coisa boa... e julgo ter cumprido a minha promessa ao facultar-lhe um interessante tema para o seu livro... O trem parte de Norfolk, às três e quarenta. Portanto, devemos conseguir estar na Baker Street a tempo de jantarmos, se quiser dar-me o prazer da sua companhia.

Como epílogo, acrescento ainda...

O americano Abe Slaney foi condenado à morte, pelo tribunal de Norwick, mas conseguiu escapar à forca porque, considerando as circunstâncias atenuantes e a prova de que Hilton Cubitt fora o primeiro a disparar contra ele, a pena capital foi comutada em prisão perpétua.

Acerca da Sra. Elsie Cubitt, apenas sei que se restabeleceu completamente e que continua viúva, dedicando-se a proteger os pobres e a cuidar da propriedade que herdou do marido.



¹¹ “*COME HERE AT ONCE*”. (N. do T.)

O DESAPARECIMENTO DO JOGADOR DE *RUGBY*

J á estávamos habituados, na Baker Street, a receber estranhos telegramas, mas lembro-me especialmente de um que nos foi entregue numa desagradável manhã de fevereiro, há sete ou oito anos, e fez com que Sherlock Holmes ficasse pensativo durante um quarto de hora. Era-lhe endereçado e dizia:

“Favor esperar-me. Grande infelicidade. Jogador ala direita desaparecido. Indispensável amanhã.

Overton”

— Carimbo do Strand e expelido às dez e trinta e seis — indicou Holmes, relendo-o. — Evidentemente, o Sr. Overton estava muito excitado quando o expediu e por isso parece incoerente. Bem, deverá chegar quando eu acabar de ler o *Times* e ficaremos a par do assunto. O mais insignificante dos problemas será bem recebido, nestes nossos dias de ociosidade.

Os negócios estavam realmente parados e eu aprendera a recluir os períodos de inação, pois sabia que a mente do meu amigo era tão absurdamente ativa que se tornava perigoso deixá-la sem material com que ocupar-se.

Havia vários anos que convivia com ele, na maior intimidade. Como médico, zelava pela sua saúde; como amigo, acompanhava, com muito interesse, a sua brilhante carreira. Conhecia-lhe, pois, todos os hábitos e características individuais.

Holmes tinha um sono leve, acordando várias vezes no meio da noite. Frequentemente, em períodos de inação, surpreendia no seu rosto ascético um ar abatido e, nos olhos inescrutáveis, uma expressão sonhadora. Por isso, abençoei o Sr. Overton, fosse ele quem fosse, porque com a sua enigmática mensagem, viera quebrar a monótona calma, para Holmes mais perigosa do que todas as tempestades da sua tormentosa existência.

Conforme esperávamos, o telegrama foi logo seguido por quem o expedira. O cartão do Sr. Cyril Overton, do “Trinity College”, Cambridge,

anunciou a chegada de um rapaz enorme, sólido e musculoso, cujos ombros quase tocavam os dois lados da porta. Olhou-nos, de um para o outro, de rosto simpático mas com uma expressão ansiosa.

— Sr. Sherlock Holmes? — perguntou.

O meu amigo inclinou-se.

— Estive na Scotland Yard, Sr. Holmes. Falei com o inspetor Hopkins que me aconselhou a vir procurá-lo. Disse que o caso era mais para o senhor do que para a Polícia Oficial.

— Queira sentar-se e conte-me o que se passou.

— É horrível, Sr. Holmes, simplesmente horrível! Não sei como não fiquei com os cabelos brancos. Godfrey Staunton... já ouviu falar nele, com certeza?... É simplesmente o eixo de toda a equipe da escola. Eu preferia ficar privado de dois outros jogadores, a não ter Godfrey jogando na equipe. Seja passando, atacando ou defendendo, ninguém se iguala a ele. Além disso, tem cabeça e faz com que todos joguem com equilíbrio. Que vou fazer, Sr. Holmes? Temos Moorhouse, primeiro “defesa”, mas foi treinado como “centro-campista” e mete-se sempre no ataque, em vez de ficar nos “médios”. É um bom jogador, não há dúvida, mas não tem cabeça e não sabe correr. Tanto Morton como Jonhson, da equipe de Oxford, poderiam fazê-lo andar! Stevenson é suficientemente rápido, mas tem deficiências e não merece o lugar de responsabilidade. Não, Sr. Holmes, estamos perdidos, a não ser que nos ajude a encontrar Godfrey Staunton.

Holmes escutara com divertida surpresa este longo discurso pronunciado com sinceridade e energia, sendo cada ponto essencial reforçado com uma palmada da sua mão musculosa no joelho. Depois do nosso visitante se calar, Holmes estendeu a mão, pegou um livro, e folheou-o até a letra S. Desta vez nada encontrou naquela sua fonte de informações.

— Temos Artur H. Staunton, o próspero falsificador — observou Holmes. — E Henry Staunton, que ajudei a mandar para a forca, mas não encontro nenhum Godfrey Staunton.

Chegara a vez do nosso visitante ficar admirado.

— Oh, Sr. Holmes, pensei que o senhor soubesse tudo. Nesse caso, se nunca ouviu falar em Godfrey Staunton, também não conhece Cyril Overton?

Holmes sacudiu a cabeça, bem-humorado.

— Santo Deus! — exclamou o atleta. — Eu fui primeiro “defesa” da Inglaterra contra Gales e capitão da equipe da Universidade durante o ano inteiro. Isto ainda não é nada, mas pensei que não houvesse uma alma na Inglaterra que não conhecesse Godfrey Staunton, a maior vedete de Cambridge, na Taça “*Blackheath*” e cinco internacionais. Santo Deus, Sr. Holmes, onde o senhor tem estado?

Holmes riu do ingênuo espanto do jogador.

— O senhor vive num mundo diferente do meu, Sr. Overton, num mundo melhor. O meu trabalho ramifica-se por muitas seções da sociedade, mas, sinto prazer em dizê-lo, o crime nunca atingiu o desporto amador, que é o que há de melhor e de mais são na Inglaterra. Contudo, a sua inesperada visita vem provar que, mesmo nesse mundo de ar fresco e jogo limpo, pode haver trabalho para mim. E agora, caro senhor, peço-lhe que me conte com exatidão o que aconteceu e de que maneira conta com o meu auxílio.

O rosto de Overton adquiriu a expressão do homem que está mais habituado a usar os músculos do que o cérebro, mas, pouco a pouco, com muita repetição e falta de clareza (que omito nesta narrativa) relatou:

— Foi assim, Sr. Holmes. Como disse, sou o capitão da equipe de *rugby* da Universidade de Cambridge, e Godfrey Staunton é o meu melhor “avançado”. Amanhã, jogamos contra Oxford. Chegamos, ontem, a Londres e instalamo-nos no “Bentley Hotel”. Às dez horas, fui ver se os rapazes estavam no berço, pois acho necessário muito sono e disciplina para que um grupo se conserve em forma.

Falei com Godfrey, antes de o ver na cama. Pareceu-me pálido e preocupado. Perguntei-lhe o que havia. Respondeu-me que estava bem, apenas com uma ligeira dor de cabeça. Dei-lhe boa-noite e deixei-o. Meia hora mais tarde, o porteiro contou-me que um homem de aparência rude, barbado, viera trazer um bilhete para Godfrey. O porteiro levou o bilhete ao quarto do rapaz. Godfrey leu-o e caiu numa cadeira, como que fulminado. O porteiro ficou tão assustado que quis chamar-me, mas Godfrey impediu-o, bebeu um gole de água e pareceu melhorar. Depois, desceu, disse umas palavras ao homem que trouxera o bilhete e saíram juntos, quase correndo, na direção do Strand. Hoje de manhã, Godfrey não foi encontrado no quarto; a cama não fora desfeita e estava tudo como eu vira na noite anterior. Saiu, inesperadamente, com aquele homem e, até agora, não ouvimos uma

palavra a seu respeito. Era um desportista, Sr. Holmes, até a raiz dos cabelos, e não teria interrompido o treino e abandonado a equipe, se não houvesse um motivo muito grave. Não. Creio que desapareceu de uma vez para sempre e que nunca mais o veremos.

Holmes ouviu com o maior interesse a estranha narrativa e, por fim, perguntou:

— Que providências tomou?

— Telegrafei para Cambridge, para saber se tinham tido notícias dele. Já veio a resposta. Não sabem nada.

— Poderia ter voltado para Cambridge?

— Sim, havia um trem muito tarde, às onze e meia.

— E o rapaz não seguiu nele?

— Não. Ninguém o viu.

— Que foi que fez em seguida?

— Telegrafei para Lord Mount-James.

— Por que motivo?

— Godfrey é órfão e Lord Mount-James é o seu parente mais próximo; seu tio, segundo creio.

— Realmente! Isso dá outro aspecto ao caso. Lord Mount-James é um dos homens mais ricos da Inglaterra.

— Foi o que me disse Godfrey.

— E o seu amigo é o parente mais próximo?

— Sim, é o herdeiro. O velho tem quase oitenta anos e, ainda por cima, está cheio de reumatismo. Nunca deu um centavo a Godfrey, pois é avarento, mas o dinheiro acabará por vir parar às mãos do meu amigo.

— Recebeu resposta de Lord Mount-James?

— Não.

— Que motivos poderia ter o seu amigo para procurar o tio?

— Não há dúvida de que qualquer coisa o preocupava, ontem à noite. Se tinha relação com dinheiro, é possível que recorresse ao parente mais próximo, que é rico, embora sem grande probabilidade de conseguir obtê-lo. Godfrey não gosta do tio. Não iria procurá-lo, se houvesse outra alternativa.

— Isso é fácil de averiguar. Se o seu amigo foi ver Lord Mount-James, resta-nos explicar a visita do homem rude, que veio procurá-lo tão tarde, e a agitação que lhe provocou.

Overton apertou a cabeça entre as mãos.

— Não entendo nada — lastimou-se.

— Bem, tenho o dia livre e posso tratar do caso — decidiu Holmes. — Aconselho-o a continuar os preparativos para o jogo, sem contar com o rapaz. Como o senhor próprio disse, só um motivo de força maior poderia afastá-lo e é possível que esse mesmo motivo o detenha. Vamos até o hotel, para ver se o porteiro pode nos dar mais alguma informação.

Holmes era um artista para conseguir que uma testemunha humilde ficasse à vontade. Na intimidade do quarto abandonado por Godfrey, arrancou tudo quanto o porteiro tinha a dizer. O visitante da véspera não era um cavalheiro, nem um operário. Era o que o porteiro descrevia como “sujeito médio”: homem de cinquenta anos, barba grisalha, rosto pálido, vestido discretamente. Também parecia agitado. O porteiro notara que a mão lhe tremia, quando entregara o bilhete. Staunton enfiara o bilhete no bolso. Não apertara a mão do homem. Tinham trocado palavras, das quais o porteiro distinguira apenas uma: “tempo”. Depois, tinham saído apressadamente. O relógio da entrada indicava dez e meia.

— Deixe-me ver — disse Holmes, sentando-se na cama de Staunton.
— Você é o porteiro do dia, não é?

— Sim, senhor. Saio às onze.

— O porteiro da noite não viu coisa alguma, suponho?

— Não, senhor. Chegou um grupo tarde, do teatro. Ninguém mais.

— Você esteve de serviço durante todo o dia de ontem?

— Sim, senhor.

— Levou algum recado ao Sr. Staunton?

— Sim, senhor, um telegrama.

— Isso é interessante. Que horas eram?

— Mais ou menos, seis.

— Onde estava o Sr. Staunton, quando recebeu o telegrama?

— Aqui, no quarto.

— Estava presente, quando ele o abriu?

- Sim, senhor. Esperei para ver se havia resposta.
- E houve?
- Sim, senhor. Ele escreveu um bilhete.
- Você levou-o?
- Não, senhor. Ele próprio foi levá-lo.
- Mas escreveu-o na sua frente?
- Sim, senhor. Eu estava perto da porta e ele de costas para mim diante daquela mesa, depois de ter escrito, disse: “Muito bem. Eu próprio levo.”
- Com que escreveu?
- Com uma caneta.
- O impresso telegráfico estava numa dessas mesas?
- Sim, senhor. Era o de cima.

Holmes ergueu-se. Pegou os impressos e levou-os para junto da janela, examinando com cuidado o que estava em cima.

— Foi pena ele não ter escrito a lápis — disse, atirando-as para a mesa com um gesto de desapontamento. — Como sabe, Watson, a escrita fica muitas vezes gravada na folha de baixo, fato este que já desmanchou muitos casamentos. Mas nada encontro aqui. Fico, porém, satisfeito por ver que escreveu com uma pena de ponta larga e espero encontrar algumas impressões no mata-borrão. Ah, sim, é isto mesmo.

Holmes arrancou uma folha do mata-borrão e mostrou-nos o que ali estava impresso.

Fala amor de Deus,
afunde-mos.

Cyril Overton ficou muito excitado.

— Ponha o mata-borrão diante do espelho — indicou.

— Não é necessário — observou Holmes. — O papel é fino. Virando-o, podemos ler o que está escrito, pela transparência.

Virou o papel e lemos:

*Pelo amor de Deus,
ajude-nos.*

— É o final do telegrama que Godfrey expediu, poucas horas antes de desaparecer. Pelo menos, faltam-nos seis palavras. Mas o que restou: “Ajude-nos, pelo amor de Deus”, indica que o rapaz soube que um terrível perigo o ameaçava e que alguém poderia protegê-lo. “Ajude-nos”. Notem bem o “nos”. Outra pessoa estava envolvida. Quem haveria de ser, senão o homem de barba, que parecia tão agitado? Qual a relação entre esse homem e Staunton? E qual a terceira pessoa que ambos procuraram, pedindo proteção contra o perigo? É o que temos de averiguar.

— Basta descobrir a quem foi mandado o telegrama — observei.

— Exatamente, caro Watson. A sua idéia, embora inteligente, já me ocorrera. Mas talvez tenha notado que, se você for ao telégrafo e pedir para ler o impresso de um telegrama mandado por outra pessoa, os empregados não terão grande disposição para atendê-lo. Há tanta burocracia! Mas creio que, com um pouco de delicadeza, conseguiremos o nosso intento. Neste meio tempo gostaria de examinar, na sua presença, Sr. Overton, os papéis deixados sobre a mesa.

Havia algumas cartas, contas e cadernos de apontamentos, que Holmes analisou com dedos nervosos e olhos penetrantes.

— Nada encontro aqui — reconheceu. — Por pensar nisto, espero que o seu amigo seja um rapaz saudável.

— É forte como um touro.

— Nunca lhe constou que tivesse estado doente?

— Nunca. Esteve uma vez em repouso, por causa do joelho, mas não foi nada de importância.

— Talvez não fosse tão forte como o senhor supunha. Creio que tinha qualquer doença. Com a sua permissão, vou levar estes papéis caso venham a ter relação com as nossas futuras investigações.

— Um momento, um momento! — interveio uma voz fanhosa.

Olhamos para a porta e vimos um velho esquisito, gesticulante. Estava com um casaco preto usado, chapéu de aba larga e gravata branca, com o nó mal dado, parecendo um pároco de aldeia ou um agente funerário. Mas, apesar de mal vestido e da sua absurda aparência, a voz era firme e sabia impor a presença.

— Quem é o senhor e com que direito está mexendo nos papéis do rapaz? — perguntou.

— Sou um detetive particular e estou averiguando o seu desaparecimento.

— Ah, é? E quem o chamou?

— Este cavalheiro, amigo do Sr. Staunton, que me procurou por indicação da Scotland Yard.

— Quem é o senhor? — perguntou o velho ao rapaz.

— Sou Cyril Overton.

— Então foi o senhor que me mandou o telegrama. Sou Lord Mount-James. Vim, logo que pude. Então, o senhor contratou um detetive?

— Sim, senhor.

— E está disposto a arcar com a despesa?

— Tenho certeza de que o meu amigo Godfrey, quando for encontrado, estará pronto a fazê-lo.

— Mas, se nunca for encontrado, hein? Como resolve?

— Nesse caso, certamente a família...

— Nada disso, cavalheiro! — gritou o velho. — Não esperem isso de mim! Nem um centavo! Compreenda isto, senhor detetive! Sou a única família que o rapaz tem e não me responsabilizo. Se ele espera herdar alguma

coisa, deve-o ao fato de eu nunca ter desperdiçado dinheiro e não pretendo começar agora. Quanto aos papéis que o senhor examinava com tanto desembaraço, aviso-o de que se houver alguma coisa de valor no meio deles ficará responsável pelo que lhes acontecer.

— Muito bem — disse Sherlock Holmes. — Posso perguntar-lhe se tem alguma teoria a respeito do desaparecimento do seu sobrinho?

— Não, não tenho. Ele tem idade e tamanho suficientes para tomar conta de si próprio e, se é tonto a ponto de perder-se, recuso-me a assumir a responsabilidade de mandar procurá-lo.

— Compreendo perfeitamente a sua posição — concedeu Holmes, com um brilho malicioso no olhar. — Talvez o senhor não compreenda a minha. Parece que Godfrey Staunton é um homem pobre. Se foi raptado, não pode ter sido pelo que possui. Mas, a fama da sua riqueza atravessou os mares. É possível que uma quadrilha de ladrões tenha raptado o seu sobrinho para obter informações quanto à sua casa, aos seus hábitos e aos seus tesouros.

O nosso desagradável visitante ficou branco como o cal.

— Santo Deus, que idéia! Nunca pensei em tamanha vilania! Que bandidos desumanos há neste mundo! Mas, Godfrey é um bom rapaz, um rapaz às direitas. Nada o induziria a trair o seu velho tio. Mandarei, hoje mesmo, as pratas da casa para o Banco. Não poupe esforços, senhor detetive. Suplico-lhe que não deixe pedra sobre pedra para fazê-lo voltar. Quanto ao dinheiro, pois bem, se for questão de cinco libras, ou mesmo dez, pode contar comigo.

Mesmo nesta mansa disposição de espírito, o nobre avarento não pôde dar-nos informações úteis, pois pouco sabia da vida particular do sobrinho. A nossa única pista era o telegrama e, com uma cópia, Holmes saiu à procura do segundo elo da cadeia. Tínhamo-nos livrado de Lord Mount-James e Overton fora consultar os outros membros da equipe a respeito da desventura que os atingira. Havia uma agência de telégrafo a pouca distância do hotel. Paramos diante dela.

— Vale a pena tentar, Watson — disse Holmes. — Claro que, com uma ordem da Polícia, poderíamos exigir que nos mostrassem os impressos dos telegramas já expedidos, mas ainda não chegamos a esse ponto. Não creio que se lembrem de fisionomias num lugar tão movimentado. Vamos experimentar.

— Sinto incomodá-la — abordou, na sua voz mais suave, a jovem que estava atrás da grade. — Houve um pequeno engano no telegrama que expedi

ontem. Não obtive resposta, mas receio ter omitido o meu nome no fim. Pode dizer-me se foi isto o que aconteceu?

A rapariga folheou um maço de papéis.

— A que horas foi? — perguntou.

— Um pouco depois das seis.

— Que estava escrito nele?

Holmes pôs o dedo nos lábios e olhou-me de relance.

— As últimas palavras eram “Pelo amor de Deus” — murmurou, confidencialmente. — Estou preocupado por não ter tido resposta.

A jovem separou um dos impressos.

— É este. Não tem assinatura — apontou, empurrando o papel sobre o balcão.

— Então é por isso que não recebi resposta — exclamou Holmes. — Deus do Céu, que estupidez a minha! Até logo, minha senhora, e muito obrigado por ter-me tranqüilizado.

Quando nos vimos na rua, Holmes soltou uma gargalhada esfregando as mãos.

— Então? — perguntei.

— Progredimos, Watson, progredimos. Eu tinha sete planos diferentes para examinar o telegrama, mas não esperava obter sucesso logo no primeiro.

— Que conseguiu com isto?

— O ponto de partida da nossa investigação — respondeu Holmes, chamando um carro. — Para a estação de King’s Cross — ordenou ao cocheiro.

— Vamos viajar? — perguntei.

— Sim, creio que temos de ir a Cambridge. Tudo aponta nessa direção.

— Tem alguma suspeita quanto à causa do desaparecimento? Você não desconfia que o rapaz tenha sido raptado para dar informações acerca da fortuna do tio, não é?

— Confesso, caro Watson, que não pensei nisso como provável explicação, mas pareceu-me a única capaz de interessar àquela desagradável criatura.

— E com resultado. Quais as outras alternativas?

— Posso mencionar várias. É curioso o fato de esse incidente ter ocorrido precisamente na véspera de um jogo importante, envolvendo o único homem cuja presença parece essencial para a vitória da sua equipe. Pode

ser coincidência, mas é interessante. Oficialmente não há apostas no desporto amador, mas fazem-nas clandestinamente e é possível que o seu desaparecimento interessasse a alguém. Esta é uma hipótese. A segunda é o rapaz ser, de fato, o herdeiro de uma grande fortuna, por mais modestos que os seus meios sejam atualmente, e não é impossível que o tenham raptado para efeitos de resgate.

— Essas teorias não explicam o telegrama.

— É verdade, Watson. O telegrama ainda é a única coisa sólida que temos e não devemos permitir que a nossa atenção se afaste dele. É para descobrir o que há no telegrama que nos dirigimos para Cambridge. O caminho da nossa investigação ainda é obscuro, mas ficarei muito admirado se antes do fim do dia não tivermos lançado nele um raio de luz.

Já era quase noite quando chegamos à velha cidade universitária. Holmes apanhou um carro na estação e pediu ao cocheiro que nos levasse à residência do Dr. Leslie Armstrong. Minutos depois, parávamos diante de uma grande moradia na rua mais movimentada de Cambridge. Depois de longa espera, fizeram-nos entrar no consultório onde encontramos o médico sentado à escrivaninha.

A prova de que eu perdera contato com os colegas estava no fato de desconhecer o nome do Dr. Leslie Armstrong. Sei, agora, que não só é um dos chefes da escola médica da universidade, mas um famoso pensador, conhecido em toda a Europa em mais de um ramo da ciência. Mas mesmo sem conhecer a sua brilhante carreira, não se podia deixar de ficar impressionado com o seu rosto maciço, quadrado, expressão sonhadora sob as grossas sobrancelhas e queixo firme. Tinha na mão o cartão de Holmes e ergueu os olhos com expressão descontente.

— Conheço-o de nome, Sr. Sherlock Holmes, e sei qual a sua profissão, embora ela não mereça a minha aprovação — observou.

— Nisso o senhor está de acordo com todo os criminosos do país, Doutor — replicou Holmes, tranqüilamente.

— Enquanto os seus esforços se dirigirem contra os criminosos, o senhor merece o apoio da comunidade, embora eu não duvide que a máquina oficial seja bastante competente para combatê-los. Mas, o senhor expõe-se à crítica quando se imiscua nos segredos de indivíduos particulares, quando traz à tona assuntos de família que seria preferível deixarmos ocultos, e quando desperdiça o tempo de pessoas mais ocupadas do que o senhor. No

momento presente, por exemplo, eu devia estar escrevendo um tratado, em vez de estar aqui de conversa.

— Sem dúvida, Doutor, mas talvez a conversa venha a ser mais importante que o tratado. Afirmando-lhe que estamos fazendo o contrário daquilo que o senhor critica e procuramos evitar que venham a público assuntos privados, o que fatalmente aconteceria se o caso fosse parar nas mãos da Polícia. O senhor pode considerar-me simplesmente um pioneiro irregular, que vai à frente das forças regulares. Vim pedir-lhe notícias do Sr. Godfrey Staunton.

— Que há com ele?

— O senhor conhece-o, não é verdade?

— É meu amigo íntimo.

— Desapareceu.

— Ah, sim? — exclamou o médico, sem que a sua expressão se alterasse.

— Saiu do hotel, ontem à noite, e ainda não deu notícias.

— Voltará, com certeza.

— Amanhã realiza-se o jogo da universidade.

— Não ligo para esses jogos infantis. A sorte do rapaz interessa-me profundamente, uma vez que o conheço e estimo. O desporto não entra na minha esfera de ação.

— Peço-lhe que se interesse, agora que vou investigar o desaparecimento do rapaz. Sabe onde ele está?

— Não.

— Não o viu, desde ontem?

— Não.

— O Sr. Staunton é um homem saudável?

— Certamente.

— Já o viu doente alguma vez?

— Nunca.

Holmes colocou uma folha de papel diante do médico.

— Então, talvez possa explicar-me este recibo de treze guinéus, pagos pelo Sr. Godfrey Staunton no mês passado ao Dr. Leslie Armstrong, de Cambridge. Encontrei-o no meio dos papéis dele.

O médico ficou vermelho de raiva.

— Não vejo razão para dar-lhe explicações, Sr. Holmes.

Holmes guardou a conta no bolso.

— Se preferir uma explicação pública, terá de ser dada, cedo ou tarde — replicou. — Já lhe disse que posso abafar aquilo que outros teriam de publicar. O senhor faria bem se confiasse em mim.

— Nada sei.

— Recebeu comunicação do seu amigo, de Londres?

— Claro que não.

— Santo Deus! — suspirou Holmes. — Um telegrama urgente foi-lhe expedido, de Londres, por Godfrey Staunton, por volta das seis, ontem à tarde... telegrama indubitavelmente ligado ao seu desaparecimento, e o senhor não o recebeu! É incrível. Tem de ir ao telégrafo daqui, registrar a queixa.

O Dr. Armstrong ergueu-se da cadeira, furioso.

— Peça-lhe que saia de minha casa! E pode dizer ao seu patrão, Lord Mount-James, que não quero saber dele, nem dos seus representantes. Nem mais uma palavra.

O médico tocou furiosamente a campainha e ordenou ao criado:

— John, acompanhe esses senhores à porta.

Um mordomo imponente acompanhou-nos com ar severo e, dali a segundos, vimo-nos na rua. Holmes começou a rir.

— Não há dúvida de que o Dr. Armstrong é um homem enérgico e de caráter — comentou. — Ninguém estaria mais apto a preencher a lacuna deixada pelo ilustre professor Moriarty. E agora, caro Watson, aqui estamos, perdidos e sem amigos nesta cidade pouco hospitaleira. E não podemos abandoná-la, sem abandonar o nosso caso. Aquele hotelzinho diante da casa de Armstrong adapta-se singularmente aos nossos planos. Se você quiser reservar um quarto da frente e comprar os artigos necessários para aqui passarmos a noite, creio que terei tempo para fazer umas investigações.

Contudo, estas foram mais longas do que Holmes imaginara, pois não voltou antes das nove horas. Estava pálido e abatido, sujo de pó e exausto. Uma ceia fria esperava-o e tendo satisfeito o apetite e acendido o cachimbo, já estava disposto a tomar aquela atitude filosófica e meio cômica que adotava quando os negócios lhe corriam mal. Um ruído de rodas fez com que se erguesse e fosse espreitar à janela.

Um carro, puxado por dois cavalos cinzentos, estava à porta do médico sob a luz do lampião da rua.

— Esteve fora durante três horas — observou Holmes. — Saiu às seis e meia e só regressou agora. Isto indica-nos uma área de dez ou doze milhas e ele faz esta viagem uma ou duas vezes por dia.

— Nada de extraordinário para um médico que tenha boa clínica.

— Mas Armstrong não é, propriamente, um clínico, pois isso afasta-o dos seus trabalhos literários. Por que fará essas longas viagens, que devem irritá-lo, e quem irá visitar?

— Podemos interrogar o cocheiro... — sugeri.

— Caro Watson, duvida que o tenha procurado em primeiro lugar? Não sei se foi por ser mau, ou por instigação do patrão, soltou um cão no meu encalço. Mas, nem o cão nem o homem gostaram da aparência da minha bengala, de maneira que as coisas ficaram por aí. As nossas relações esfriaram e por isso nada mais ousei indagar. Tudo o que sei foi por intermédio de um rapaz amável, que trabalha no quintal do nosso hotel. Foi quem me falou dos hábitos do médico e das viagens diárias. No momento em que me contava isto, o carro acabava de parar à porta.

— Não poderia segui-lo?

— Excelente, caro Watson! Você hoje está brilhante. A idéia ocorreu-me. Como deve ter observado, há uma loja de bicicletas, ao lado do hotel. Corri para lá, aluguei uma, e consegui partir antes que o carro tivesse desaparecido. Aproximei-me e, conservando uma distância discreta de cem metros, segui as luzes traseiras, até sairmos da cidade. Já estávamos longe quando me aconteceu um incidente humilhante. O carro parou, o médico desceu, caminhou apressadamente até o ponto onde eu também parara e, de maneira irônica, disse que achava que a estrada era um tanto estreita e que o carro estava impedindo a passagem da bicicleta. Passei imediatamente à frente e, conservando-me na estrada, pedalei durante alguns quilômetros, escondendo-me depois num lugar conveniente, para ver se o via passar. Evidentemente, enveredara por um dos muitos atalhos ali existentes. Voltei, mas nem sinal do carro, o qual, como você viu, chegou aqui depois de mim. Claro que eu, a princípio, não tinha base para ligar estes fatos ao desaparecimento de Staunton e estava apenas investigando de um modo geral, pois tudo o que diz respeito ao Dr. Armstrong nos interessa. Mas agora vejo que ele toma tantas precauções para não ser observado nestas

excursões, que o caso me parece mais grave e não pretendo abandoná-lo enquanto não estiver tudo claro.

— Podemos segui-lo amanhã — sugeri.

— Podemos? Não é tão fácil como pensa. Você não está familiarizado com a topografia de Cambridge, não é? Não se presta a esconderijos. O terreno por onde passei é plano como a palma da mão, e o homem que estamos seguindo não é tolo, como provou hoje à tarde. Telegrafei a Overton, indicando o nosso endereço e pedindo-lhe que me comunique qualquer novidade. Temos de concentrar-nos no Dr. Armstrong, cujo nome a prestimosa jovem do telégrafo me deixou ler no telegrama. Ele sabe onde está Staunton e, portanto, será nossa a culpa se não conseguirmos descobrir o rapaz. De momento, temos de admitir que os melhores trunfos estão com ele. Mas bem sabe, Watson, que não costumo deixar o jogo muito tempo nestas condições.

O dia seguinte, porém, não nos aproximou da solução do mistério. À tarde, vieram trazer-nos um bilhete. Holmes leu-o e entregou-me com um sorriso.

“Sr. Holmes:

Posso garantir-lhe que está perdendo tempo espiando-me. Como deve ter percebido ontem, tenho uma janela na parte de trás do carro e, se desejar fazer um passeio de vinte e cinco milhas, que o trará de volta ao ponto de partida, bastará seguir-me. Entretanto, informo-o de que seguir-me nada valerá ao Sr. Godfrey Staunton e estou convencido de que, se quiser favorecer o rapaz, o melhor que tem a fazer é voltar para Londres e dizer ao seu patrão que não conseguiu encontrá-lo. Está perdendo tempo em *Cambridge*. Atenciosamente.

Leslie Armstrong”

— Este médico parece ser um antagonista franco e despachado — observou Holmes. — Despertou a minha curiosidade, e preciso descobrir mais qualquer coisa antes de dizer-lhe adeus.

— O carro está na porta, agora — apontei. — Armstrong está subindo nele. Vi-o olhar para cá. Quer que o siga de bicicleta?

— Não, meu caro Watson! Com o devido respeito pela sua perspicácia, não me parece que possa medir-se com esse sujeito. Creio que posso atingir os meus fins à minha maneira. Tenho de deixá-lo só, caro amigo, pois a presença de dois estranhos curiosos nesta campina sonolenta, iria provocar comentários que desejo evitar. Com certeza, encontrará belos monumentos nesta venerável cidade, e espero trazer melhores notícias antes que finde a tarde.

Mas o meu amigo voltou à noite cansado e derrotado.

— Dia perdido, Watson. Sabendo qual o rumo que o médico tem tomado, visitei todas as cidadezinhas perto de Cambridge, pedindo notícias aos freqüentadores das tabernas e a agências de informações. Estive em Chesterton, Histon, Watrbeach e Oakington, e nada consegui apurar. A aparição diária de um carro não poderia deixar de chamar a atenção naqueles lugares parados. O médico marcou outro tento. Algum telegrama para mim?

— Sim, abri-o. Aqui está.

“Procure Pompey, de Jeremy Dixon, Trinity College”

— Não compreendo, Holmes.

— Para mim é muito claro. É do nosso amigo Overton, em resposta a uma pergunta minha. Vou mandar um bilhete ao Sr. Jeremy Dixon e tenho a certeza de que a nossa sorte vai mudar. Por pensar nisso, há notícias do jogo?

— Sim, o jornal local dá uma ótima descrição da partida na última edição. Oxford ganhou. O último parágrafo diz:

“A derrota de Cambridge pode ser atribuída inteiramente à infeliz ausência do internacional Godfrey Staunton, cuja falta se fez sentir a cada instante, apesar dos esforços da valorosa equipe.”

— Então os receios de Overton justificaram-se — concluiu Holmes. — Pessoalmente, estou de acordo com o Dr. Armstrong, e esse desporto não me atrai. Vamos para a cama cedo, Watson, pois creio que amanhã teremos um dia cheio.

Na manhã seguinte, encontrei Holmes diante da lareira com uma seringa na mão. Ante a minha expressão de curiosidade, ele explicou:

— Neste momento, esta seringa será a chave que abrirá as portas deste misterioso caso. Nela estão as minhas esperanças. Acabo de voltar de uma

excursão de escotismo e tudo vai bem. Coma bem, Watson, pois pretendo seguir o Dr. Armstrong e não tenciono parar para comer ou descansar enquanto não tiver descoberto a sua toca.

— Nesse caso, é melhor levar conosco o café da manhã — sugeri. — O doutor vai sair cedo. O carro já está na porta.

— Não se incomode. Deixe-o partir. Será muito inteligente, se conseguir chegar aonde eu não possa segui-lo. Depois de tomar o seu café, venha comigo para eu apresentar-lhe um detetive que é eminente especialista na operação que vamos realizar.

Depois de descermos, segui Holmes à cocheira. Abriu a porta de uma caixa e dela emergiu um cão atarracado, de orelhas pendentes.

— Permita que o apresente a Pompey — ironizou. — Pompey é o orgulho dos cães de fila. Não é grande corredor, como o seu corpo indica, mas é seguro depois de estar numa pista. Pois bem, Pompey, você não é corredor, mas creio que mesmo assim correrá mais que dois cavalheiros de meia-idade e vou tomar a liberdade de pôr-lhe esta coleira ao pescoço. Agora, mostre-nos o que é capaz de fazer.

Holmes levou-o até a porta do médico. O cão farejou por um instante e, depois, com um latido excitado correu pela rua puxando pela guia, nos seus esforços para ir mais depressa. Em meia hora, tínhamos deixado a cidade e seguíamos por uma estrada rural.

— Que idéia foi a sua, Holmes?

— Adotei um truque muito conhecido, mas útil nesta ocasião. Hoje de manhã fui ao quintal do médico e injetei a seringa cheia de essência de aniz na roda de trás do trem. Um cão de fila seguirá o cheiro de aniz até o fim do mundo. O nosso Armstrong jamais conseguirá escapar de Pompey. Oh, o diabo é esperto! Foi aqui que ele me iludiu na outra noite.

Pompey saiu de repente da estrada principal, enveredando por um atalho verdejante. Meia milha adiante, entramos noutra estrada larga e o cão virou à direita, em direção à cidade que acabávamos de deixar. A estrada subiu para o sul da cidade, continuando na direção oposta àquela de onde tínhamos vindo.

— Então esta volta, em gancho, foi em nossa intenção? — observou Holmes. — Não é de admirar que as minhas indagações nas outras cidades não tenham dado resultado. Ali, à direita, deve ser a vila Trunpington. Lá vem o carro! Depressa, Watson, ou estamos perdidos!

Holmes entrou numa propriedade, passando por um portão e puxando o relutante Pompey. Mal nos tínhamos escondido atrás de uma cerca, o carro passou por nós, vindo da direção oposta. Vimos de relance o Dr. Armstrong, de ombros caídos, cabeça entre as mãos, verdadeira imagem do desespero.

— Receio que a nossa investigação tenha um fim trágico — agourou.
— Mas, depois saberemos. Anda, Pompey, deve ser aquela casa de campo.

Chegámos ao fim da jornada. Pompey corria de um lado para o outro e latia do lado de fora do portão, onde ainda se viam no chão as marcas das rodas do carro. Um caminho conduzia à moradia isolada. Holmes amarrou o cão à cerca. Continuamos. O meu amigo bateu à porta, sem obter resposta, e tornou a bater. Mas a casa não estava deserta, pois ouvimos um som abafado, um gemido de desespero, incrivelmente melancólico. Holmes parou, irresoluto, depois olhou para a estrada de onde tínhamos vindo. Surgira um carro e não havia dúvida quanto àqueles cavalos cinzentos.

— O médico está de volta! — exclamou Holmes. — Portanto, está decidido. Temos de averiguar o que se passa, antes que ele chegue.

Holmes abriu a porta e entramos no vestíbulo. O gemido pareceu-nos mais forte, até se tornar um grito de desespero. Provinha do andar de cima. Holmes subiu e acompanhei-o. Empurrou uma porta semi-aberta e ambos ficamos atônitos com o que presenciamos.

Uma mulher, jovem e bela, jazia, morta na cama. O rosto calmo, pálido, de olhos azuis completamente abertos, era emoldurado por cabelos dourados. Aos pés da cama, meio sentado, meio ajoelhado, com o rosto escondido nos cobertores, vimos um rapaz, aos soluços. Tão perturbado estava que não ergueu os olhos, até Holmes bater no seu ombro.

— Sr. Godfrey Staunton? — perguntou.

— Sim, mas chegou tarde demais. Ela já morreu.

Estava tão fora de si, que não compreendia não sermos os médicos mandados para ajudá-lo. Holmes tentava confortá-lo e explicar o alarme que o seu desaparecimento provocara, quando ouvimos passos na escada e aparecer à porta o rosto indignado do Dr. Armstrong.

— Com que então, atingiram o seu objetivo e escolheram este momento delicado para a sua intrusão. Não me agrada perder a calma, em presença

da morte, mas asseguro-lhe que, se fosse mais jovem, não deixaria de punir tal conduta.

— Creio que há entre nós um mal-entendido — replicou Holmes, com dignidade. — Se quiser descer conosco, Doutor Armstrong, poderemos esclarecer-nos mutuamente, a respeito deste assunto.

Momentos depois, o médico estava conosco na sala de baixo.

— Então? — perguntou.

— Em primeiro lugar, quero que saiba que não estou trabalhando para Lord Mount-James e que nem sequer simpatizo com aquele senhor. Quando um homem desaparece, é meu dever investigar. Mas, ao encontrá-lo, a minha missão fica terminada e, contanto que não haja ato criminoso, prefiro abafar um escândalo particular, a dar-lhe publicidade. Se, como imagino, a lei não foi infringida, pode contar com a minha discrição e com a minha cooperação, para que os jornais nada publiquem.

O Dr. Armstrong deu um passo a frente e apertou a mão do meu amigo.

— É uma pessoa de caráter! Tinha-o julgado mal. Ainda bem que o meu remorso não permitiu que deixasse Staunton só, e me tenha feito voltar, pois assim pude conhecê-lo melhor, Sr. Holmes. A situação é fácil de ser explicada. Há um ano, Godfrey Staunton morou em Londres durante vários meses, e apaixonou-se pela filha da senhoria, com quem se casou. Ela era tão bela e tão inteligente como gentil. Nenhum homem teria de envergonhar-se de tal esposa. Mas Godfrey era herdeiro daquele velho malvado e a notícia do seu casamento seria o fim da herança. Eu estimava o rapaz pelas suas excelentes qualidades. Procurei ajudá-lo. Fizemos o possível para que o casamento fosse secreto. Uma terrível doença atacou a mulher do meu amigo. Tuberculose. O pobre rapaz ficou desesperado, mas tinha de ir para Londres, por causa do desafio de *rugby*, e não podia esquivar-se sem explicar o motivo que revelaria o seu segredo. Tentei animá-lo com um telegrama e ele mandou-me outro, implorando-me que fizesse o possível. Foi este o telegrama que, inexplicavelmente, o senhor viu. Não contei ao rapaz, pois sabia que ele aqui nada poderia fazer, mas telegrafei ao pai dela e este, levemente, comunicou o fato a Godfrey. O resultado foi o rapaz ter ocorrido, num estado de quase alucinação, e assim ficou, ajoelhado aos pés da cama, até que, hoje de manhã, a morte pôs fim aos sofrimentos da jovem. É tudo, Sr. Holmes, e tenho a certeza de que posso contar com a sua discrição e com a do seu amigo.

Holmes apertou a mão do médico.

— Venha, Watson — convidou, pegando-me no braço.

Sáímos daquela casa, assombrada pela dor, para a claridade dúbia de um pálido sol de Inverno.



AS TRÊS EMPENAS

Não creio que qualquer das minhas aventuras com Sherlock Holmes tenha começado de maneira tão violenta e tão dramática como essa a que chamo “As Três Empenas”.

Havia já alguns dias que eu não via Holmes e não fazia idéia do novo rumo que tinham tomado as suas atividades. Contudo, naquela manhã, o meu amigo estava com vontade de conversar e tinha acabado de convidar-me a sentar-me na cadeira de braços, muito gasta e baixa, a um canto da lareira, enquanto ele, de cachimbo na boca, se afundava na poltrona que ficava em frente, quando o nosso visitante chegou. Para dar uma impressão exata do que ocorreu, será melhor exprimir que tinha entrado ali uma espécie de touro bravo.

A porta abriu-se de roldão e um negro espadaúdo irrompera pela sala dentro. Seria uma figura cômica se não fosse terrível, pois usava um casaco de tecido xadrez de um cinzento muito berrante, com uma gravata de cor salmão tremulando ao vento. O seu rosto largo e o nariz esborrachado projetavam-se para diante, enquanto os olhos negros, maliciosos, giravam de mim para Holmes e deste para mim.

— Qual dos dois cavalheiros é Sr. Holmes? — perguntou.

O meu amigo ergueu o cachimbo, com um sorriso tênue.

— É o senhor? — disse o visitante, contornando a mesa com um passo sub-reptício. — Olhe lá, Sr. Holmes, é melhor não se meter onde não é chamado. Deixe os outros tratarem do que lhes compete. Percebeu?

— Continue — disse Holmes. — Está indo muito bem.

— Ah, sim? — rouquejou o selvagem. — Deixará de gozar se eu lhe mostrar como elas mordem. Já tratei com gente da sua espécie, e no fim murchou-lhes a crista. Olhe aqui, Sr. Holmes!

Arregaçou as mangas e agitou no ar, bem junto ao nariz do meu amigo, um punho enorme de falanges protuberantes.

Holmes examinou-o de perto, com fingido interesse, e indagou:

— Você nasceu assim ou foi-se transformando pouco a pouco?

Talvez devido à gélida frieza do meu amigo, ou ao ligeiro ruído que fiz ao empunhar o atizador de fogo, o certo é que o animal moderou os ímpetos.

— Bem. Já o avisei! — sublinhou o negro. — Um amigo meu, que tem os seus negócios lá para as bandas de Harrow (o senhor sabe o que quero dizer), não deseja que se meta neles. Compreendeu? Nem o senhor nem eu representamos a lei, e se aparecer por lá, há de encontrar-me pela proa. Não se esqueça.

— Já há muito tempo que queria encontrar-me com o senhor — disse Holmes. — Não lhe peço que se sente porque o seu fedor me desagrade, mas você é o pugilista Steve Dixie, não é?

— Sim, Sr. Holmes, e o senhor há de pagar caro se continuar a insultar-me.

— Não é de insultos que você precisa — retorquiu Holmes, fixando a boca horrenda do nosso visitante. — Precisa, sim, responder pelo assassinato do jovem Perkins em frente ao “Holborn Bar”... O quê?... Já se vai?

O negro dera um pulo para trás, e o seu rosto ficou cor de chumbo.

— Não quero ouvir falar nisso. Que tenho eu a ver com esse Perkins, Sr. Holmes? Estava treinando no “Bull Ring”, em Birmingham, quando ele se meteu em encrencas.

— Terá de explicar isso ao juiz Steve — replicou Holmes. — Venho observando você e Barney Stockdale...

— Valha-me Deus!

— Basta. Vá embora! Quando eu precisar de você, chamo-o.

— Passe bem, Sr. Holmes. Espero que não me queira mal por causa desta visita.

— Não ficarei, se me disser quem o mandou aqui.

— Não é segredo, Sr. Holmes. Foi o cavalheiro que o senhor acabou de mencionar.

— E quem está por trás dele?

— Isso não sei. Ele apenas me disse: “Steve, vá avisar o Sr. Holmes de que a vida dele corre perigo se vier a Harrow”. Esta é a verdade.

Sem aguardar nova pergunta, Steve saiu da sala quase tão precipitadamente como entrara. Holmes bateu no cachimbo para esvaziá-lo e soltou uma risadinha sarcástica.

— Ainda bem que você não foi obrigado a pentear-lhe a carapinha, Watson. Estive observando as suas manobras com o atizador. No fundo, Steve é um indivíduo inofensivo, uma criança grande e musculosa, um fanfarrão idiota que se assusta facilmente, como você viu.

Pertence ao bando de Spencer John e, ultimamente, tomou parte numas patifarias que eu ainda hei de pôr em pratos limpos, quando tiver tempo. O chefe, Barney é mais astuto. Estão especializados em assaltos, intimidação e extorsão. Só desejo saber quem os instiga na presente ocasião.

— Mas por que motivo querem intimidar você?

— É por causa desse caso de Harrow Weald. Isto acabou por decidir-me a investigar o assunto, pois se alguém se incomoda comigo é porque deve haver peixe grosso na rede.

— Mas o quê?

— Ia contar-lhe quando fomos interrompidos por esta cena cômica. Aqui está o bilhete da Sra. Maberley. Se quer vir comigo, telegrafamos-lhe e partimos imediatamente.

Li:

“PREZADO SR. SHERLOCK HOLMES,

Tem ocorrido uma série de estranhos incidentes relacionados com esta casa, pelo que muito gostaria de ouvir a sua opinião. O senhor, amanhã, me encontrará em casa a qualquer hora. Moro perto da estação de Weald. Creio que o meu falecido marido, Mortimer Maberley, foi um dos seus antigos clientes.

Atenciosamente,

MARY MABERLEY”

O endereço era: “As Três Empenas”, Harrow Weald.

— Aqui tem, Watson. E agora, se tem tempo disponível, partimos imediatamente.

Uma curta viagem de trem e um trajeto ainda mais curto de carro levaram-nos às “Três Empenas”, uma moradia de madeira e tijolo, situada num terreno de erva rasteira. Três pequenas saliências por cima das janelas superiores constituíam um débil pretexto para justificar-lhe o nome. Ao fundo, um bosque de pinheiros melancólicos e de pouca altura. O aspecto do lugar era de quase desolação. A casa parecia bem arquitetada, e a senhora que nos recebeu era de meia-idade e dava indício de esmerada educação e cultura.

— Recordo-me muito bem do seu marido, minha senhora — disse Holmes —, embora tenha sido há anos que ele se serviu dos meus préstimos, num caso de pouca importância.

— É provável que o nome de meu filho, Douglas, lhe seja mais familiar. Holmes olhou para ela com renovado interesse.

— Realmente! A senhora é a mãe de Douglas Maberley? Conheci-o vagamente. Mas Londres inteira o conheceu, evidentemente! Que criatura magnífica! Por onde anda ele, atualmente?

— Morreu, Sr. Holmes! Era adido diplomático, em Roma, e lá faleceu de pneumonia, o mês passado.

— Sinto muito. Jamais conheci alguém com tanta vitalidade. Tudo nele vivia intensamente!

— Com demasiada intensidade, Sr. Holmes. Foi o que o arruinou. O senhor lembra-se de como era afável, mas não viu a criatura irritadiça e introvertida em que Douglas se transformou. Num mês, a impressão com que fiquei do meu rapaz foi de que se convertera num insociável, cansado de tudo.

— Alguma aventura com uma mulher?

— Ou com algum demônio... Mas não foi para falar do meu filho que o chamei, Sr. Holmes.

— O Doutor Watson e eu estamos às suas ordens.

— Têm-se verificado aqui algumas ocorrências bastante estranhas. Já há mais de um ano que estou nesta casa, e como desejava levar uma vida retirada, tenho mantido escassas relações com os meus vizinhos. Há três dias recebi a visita de um homem que se apresentou como corretor de imóveis. Disse que esta casa conviria a um cliente seu e que, se eu quisesse dispor dela, podia aceitar as minhas condições. A oferta pareceu-me estranha, visto haver à venda várias casas vazias e em iguais condições, mas, naturalmente, a proposta interessou-me. Assim, pedi quinhentas libras a mais do que eu dera por ela. O intermediário concordou imediatamente, acrescentando que o seu cliente desejava comprar também a mobília e, por isso, indagou quanto eu pedia por ela.

Parte desta mobília provém da minha antiga casa e, como o senhor vê, é muito boa, de maneira que pedi por ela uma alta quantia. Também com isso o homem concordou. Sempre desejei viajar e o negócio pareceu-me tão bom que realmente me julguei independente para o resto da minha vida. Ontem, o homem chegou com o contrato já lavrado. Felizmente tive a idéia de mostrá-lo ao Sr. Sutro, meu advogado, que mora em Harrow. Este advertiu:

“— É um documento extravagante. A senhora percebeu que, se o assinar, não poderá levar consigo coisa alguma da casa... nem sequer seus objetos de uso particular?”

Quando o homem voltou, à tarde, declarei que tencionava vender apenas a mobília.

“— Não. Tem de ser tudo — respondeu.”

“— Mas, e as minhas roupas? As minhas jóias?”

“— Bem. Podem ser feitas algumas concessões quanto a objetos de uso estritamente pessoal. Mas nada sairá da casa sem estar devidamente revisado. O meu cliente é um homem muito liberal, mas tem lá as suas idiossincrasias. Com ele, é tudo ou nada!”

“— Então, tem de ser nada — recusei.”

E o negócio parou aí. Contudo, pareceu-me tão insólito que pensei...

Neste momento, fez-se uma interrupção inesperada.

Holmes levantou a mão como para pedir silêncio. Depois, atravessou a sala, abriu violentamente a porta e arrastou para dentro uma mulher alta e magra que ele agarrara pelo ombro. Ela entrou debatendo-se desajeitadamente, como um frango descomunal que tivessem tirado do galinheiro, apesar dos seus cacarejantes protestos.

— Largue-me! Deixe-me! — rebelava-se a mulher, esganiçando-se.

— Susan, que é isso?

— Minha senhora... eu vinha perguntar se os visitantes ficavam para o almoço, quando este homem me agarrou.

— Eu a estava ouvindo, há já uns cinco minutos, mas não quis interromper a narrativa. Você é um pouco asmática, não é, Susan? Resfolga alto demais para o trabalho de que a encarregaram.

A interpelada encarou Holmes com irritação e assombro.

— Quem é o senhor, por que me segurar desta maneira?

— Fi-lo, simplesmente, porque desejo fazer uma pergunta na sua presença. A senhora, Sra. Maberley disse a alguém que tencionava consultar-me?

— Não, Sr. Holmes. Não disse a ninguém.

— Quem pôs a carta no correio?

— Foi Susan.

— Claro. Agora, Susan, a quem você escreveu, ou mandou recado, dizendo que a sua patroa desejava o meu auxílio?

— É mentira! Não mandei recado algum.

— Olhe Susan, os asmáticos não têm vida longa. Você sabe disso. E é feio pregar mentiras. A quem transmitiu a informação?

— Susan! — censurou a patroa. — Você é má e traiçoeira. Lembro-me agora de tê-la visto falando com alguém, por cima da cerca.

— Isso não é da conta de ninguém — indignou-se Susan.

— E se eu lhe disser que sei que falou com Barney Stockdale? — insinuou Holmes.

— Pois se sabe, que mais quer saber?

— Não estava certo, mas agora estou. Escute, Susan: ganhará dez libras, se me disser quem protege Barney.

— Alguém capaz de oferecer mil libras por cada dez que o senhor possa possuir.

— Um sujeito rico, hein? Ah, você sorriu de troça. Nesse caso, não é “sujeito”, é “sujeita”. Já que chegamos até este ponto, ganharia as dez libras se mencionasse o nome da interessada.

— Vá para o inferno!

— Oh, Susan! Tenha tento na língua! — admoestou a Sra. Maberley.

— Vou mas é despedir-me. Estou farta de tudo isto. Amanhã, mando buscar as minhas coisas.

Dirigiu-se furiosa para a porta.

— Adeus, Susan. Tome um calmante, sim? Agora — prosseguiu Holmes passando subitamente do jocoso para o sério, mal a porta se fechara —, devo alertar para o fato de este bando não ser para brincadeiras. Veja como não perdem tempo. A carta que a senhora me escreveu traz, no carimbo, a indicação da hora: dez da noite. Contudo, Susan informa Barney e este tem tempo de procurar o patrão para receber instruções; ele ou ela (perante o sorriso zombeteiro de Susan quando pensou que eu tinha errado, inclino-me a que seja “ela” e não “ele”) traça um plano de ação. Convoca-se o preto Steve, e no dia seguinte, às onze horas da manhã, sou intimado a não me intrometer no caso. Trabalho rápido.

— Mas que pretendem eles?

— Essa é a base da questão. Quem era o proprietário desta casa, antes da senhora, Sra. Maberley?

— Um capitão reformado, chamado Ferguson.

— Nada consta a seu respeito?

— Que eu saiba, não.

— Teria ele escondido alguma coisa aqui? Apesar de, hoje em dia, os tesouros não se ocultarem na terra mas nos bancos, sempre há lunáticos e, sem eles, o mundo seria um lugar monótono. A princípio, pensei na possibilidade de haver qualquer coisa de valor escondida por aí. Mas, nesse caso, por que querem ficar com a sua mobília? Será que a senhora possui, sem saber, alguma tela de Rafael ou um Shakespeare de uma edição especial?

— Não. Nada mais possuo de valor, a não ser um serviço de chá, em porcelana, de Derby.

— Isso, a meu ver, não justificaria todo este mistério. Além do mais, por que não indicam francamente o que desejam? Se cobiçam o seu serviço de chá, poderiam oferecer por ele um preço, sem querer comprar-lhe tudo. Não. Quer-me parecer que possui alguma coisa que a senhora ignora e que não venderia se o soubesse.

— É o que também me parece — concordei.

— Se o Doutor Watson o diz, é porque assim é.

— Nesse caso, Sr. Holmes, que será?

— Vejamos se, por meio desta análise puramente mental, podemos chegar a algo de mais positivo. A senhora está nesta casa há um ano?

— Há quase dois.

— Tanto melhor. Durante esse tempo, ninguém a procurou. Agora, de repente, de três ou quatro dias para cá, vê-se assediada por uma pretensão de compra. Que conclui daí?

— Isto só pode significar — observei — que o objeto, seja ele qual for, só chegou aqui há pouco tempo.

— Tem novamente razão Watson — apoiou Holmes. — Diga-me, Sra. Maberley, se recentemente chegou aqui algum objeto?

— Não. Nada comprei, de novo, este ano.

— Julgo que é melhor deixar que os fatos progridam mais um pouco, até nós conseguirmos dados mais concretos. Esse seu advogado é homem competente?

— O Sr. Sutro é muito competente.

— A senhora tem outra criada, ou só esta Susan, que acaba de despedir-se?

— Tenho uma outra moça...

— Então veja se Sutro se dispõe a passar uma noite, ou duas, aqui em casa. É possível que a senhora venha a precisar de proteção.

— Contra quem?

— Ainda é cedo para sabê-lo. O caso está obscuro, por enquanto. Se não consigo descobrir aquilo que perseguem, tenho de tatear o assunto pelo outro extremo e ver se chego ao centro do mistério. O corretor de imóveis deixou o endereço?

— O bilhete de visita só traz o nome e a profissão: **“Haines-Johnson, Corretor de Imóveis e Avaliador”**.

— Não tenho esperanças de encontrar esse nome na lista telefônica. Um homem honesto não oculta o lugar onde trabalha. Encarreguei-me do seu caso e pode ficar tranqüila que o desvendarei.

Ao atravessarmos a sala de entrada, os olhos de Holmes, aos quais nada escapava, pousaram sobre várias malas e caixotes empilhados em um canto. Os rótulos que traziam eram bem visíveis.

— “Milano”, “Lucena” — leu. — Isto vem da Itália.

— São as coisas do meu pobre Douglas.

— A senhora ainda não mexeu nesses objetos? Quando foi que os recebeu?

— Chegaram a semana passada.

— Temos aqui certamente o elo que faltava. Quem nos diz que não está, entre eles, uma coisa de valor?

— Não é possível, Sr. Holmes. O pobre Douglas tinha apenas o seu ordenado e uma pequena mesada. Que podia possuir de valioso?

Holmes refletiu.

— Não perca tempo, Sra. Maberley — decidiu, por fim. — Mande estas coisas para o seu quarto. Examine-as o mais depressa possível e veja o que contêm. Virei amanhã, para saber o que encontrou.

Era evidente que “As Três Empenas” estava sob severa vigilância, porque quando atravessávamos a cerca alta no extremo da vereda, avistamos o pugilista negro, postado à sombra. Aproximamo-nos cautelosamente e Holmes levou a mão ao bolso.

— Procura o revólver, Sr. Holmes?

— Não, Steve. Procuro o meu frasco de perfume.

— O senhor é um espirituoso, Sr. Holmes, mas não me agrada ouvi-lo.

— Ainda menos lhe agradará, Steve, se eu andar no seu encaço. Já o avisei hoje de manhã.

— Pois bem, Sr. Holmes. Refleti no que me disse e não desejo que interfira mais no negócio do Sr. Perkins. Suponhamos que eu possa ajudá-lo, Sr. Holmes. Aceita esta minha proposta?

— Basta que me diga quem está por trás nesta empresa em que estão metidos.

— Eu já lhe disse a verdade, Sr. Holmes. Não sei. O meu patrão, Barney, dá-me ordens e eu cumpro-as. É tudo.

— Não se esqueça, então, Steve, que a dona daquela casa e tudo que está debaixo daquele teto encontram-se sob a minha proteção.

— Perfeitamente, Sr. Holmes.

Enquanto nos afastávamos, o meu amigo observou:

— Assustei Steve, num assunto que lhe toca de perto. Creio que trairia o patrão, se soubesse quem é o chefe. A minha sorte foi eu conhecer, menos mal, esse bando de Spencer John a que Steve pertence. Escute, Watson. Isto é um caso para Langdale Pike e vou procurá-lo agora mesmo. Quando estiver de volta, talvez já disponha de melhores informações.

Durante aquele dia, não tornei a ver Holmes, mas calculei como o passara, porquanto Langdale Pike era o seu manual vivo de consulta sobre todos os assuntos de escândalos sociais. Essa estranha e lânguida criatura passava as horas em que estava acordada na sacada de um clube da St. James Street, e era a estação receptora e também transmissora de todas as bisbilhotices da metrópole. Dizia-se que amealhava uma boa renda com os artigos que escrevia todas as semanas para os jornais, ávidos de satisfazer a curiosidade mórbida dos leitores. Se, por vezes, no denso mar da vida londrina ocorria algum redemoinho estranho, este era logo registrado com uma exatidão automática por Langdale Pike, autêntica bússola humana. Discretamente, Holmes forneceu-lhe as suas informações, sendo por sua vez informado por este.

Quando, na manhã seguinte, fui encontrar-me com o meu amigo, percebi que tudo estava correndo bem, mas apesar disso aguardava-nos um telegrama bastante desagradável:

“Queira vir imediatamente. Casa cliente arrombada esta noite.
Polícia vigilante.

SUTRO”

Holmes soltou um assobio e considerou:

— O drama agravou-se com uma rapidez inesperada. Há uma forte alavanca impulsionando este caso. Esse Sutro é o advogado dela. Receio ter cometido um erro por não ter lhe pedido que passasse a noite de vigília. O homem provou ser ineficiente. Só nos resta fazermos nova viagem a Harrow Weald.

Um pequeno grupo de ociosos aglomerava-se junto à cancela do jardim de “As Três Empenas”, enquanto dois policiais examinavam as janelas e os canteiros de gerânios. No interior, encontramos um sujeito de cabelo grisalho que se apresentou como sendo o advogado e, junto dele, um delegado corado e vivo que cumprimentou Holmes como a um velho amigo.

— Então, Sr. Holmes, creio que no presente caso o senhor não terá grandes oportunidades. Trata-se de um arrombamento vulgar, cuja solução está no âmbito da capacidade da velha polícia, rotineira. Não há lugar para especialistas.

— Estou certo de que o caso está em muito boas mãos — elogiou Holmes.

— Diz o senhor que apenas se trata de um arrombamento banal?

— Exatamente. Conhecemos bem os seus autores e sabemos onde encontrá-los. É o bando de Barney Stockdale e do negro.

— Ótimo! Que foi que eles levaram?

— Parece que não encontraram grande coisa. Cloroformizaram a Sra. Maberley e a casa foi... Ah! Aqui vem ela...

A nossa amiga da véspera, pálida e abatida, entrou na sala apoiada por uma jovem criada.

— O senhor bem me advertiu, Sr. Holmes — reconheceu ela com um sorriso de pesar. — Fui tola, em não seguir o seu conselho. Não quis incomodar o Sr. Sutro e, por isso, fiquei desprotegida.

— Somente esta manhã soube do ocorrido — explicou o advogado.

— A senhora parece muito doente — observou Holmes. — Talvez nem esteja em condições de contar-me o que sucedeu.

— Está tudo aqui — esclareceu o delegado, batendo com a mão num volumoso bloco de notas.

— Contudo, se não se sentir demasiado exausta...

— Na verdade, não tenho dúvida de que Susan planejou um meio de franquear-lhes uma entrada. Pareciam conhecer a casa como a palma da

mão. Fui surpreendida quando me puseram sobre a boca um pano embebido em clorofórmio, mas não tenho idéia de quanto tempo fiquei adormecida. Quando despertei, vi um homem ao lado da cama e um outro, com um grande embrulho na mão, entre a bagagem do meu filho que se achava aberta espalhada pelo chão. Antes que ele pudesse fugir, dei um salto e agarrei-o.

— A senhora arriscou-se muito — notou o delegado.

— Segurei-lhe o braço, mas ele soltou-se e o outro talvez me tenha batido, pois não consigo me lembrar de mais nada. Mary, a criada, ouviu o tumulto e começou a gritar na janela. Isto provocou a vinda da polícia, mas os patifes já tinham fugido.

— Que levaram?

— Não creio que falte nada de valor. Tenho certeza de que nada havia nas malas do meu filho, com especial valor.

— Os homens não deixaram indícios?

— Havia uma folha de papel que devo ter arrancado da mão do homem que agarrei. Essa folha estava no chão, amarrotada. A letra é do meu filho.

— O que significa que não é grande indício — menosprezou o delegado.
— Se fosse intenção do gatuno...

— Claro — concordou Holmes. — Valha-nos o bom senso! Não obstante, estou com curiosidade de ver esse papel.

O delegado tirou do seu bloco de notas uma folha de papel dobrada.

— Nunca deixo escapar nada, por mínimo que seja — disse, com enfado.
— É um conselho que lhe dou, Sr. Holmes. Em vinte e cinco anos de experiência, aprendi que sempre existe a possibilidade de se encontrarem impressões de dedos ou outros vestígios.

Holmes examinou a folha de papel.

— Qual a sua opinião, delegado?

— Parece ser a parte final de um romance bastante excêntrico.

— É possível que seja o fim de um conto realmente insólito — confirmou Holmes. — O senhor notou o número da página? É duzentos e quarenta e cinco. Onde estão as outras duzentas e quarenta e quatro páginas anteriores?

— Suponho que os larápios as levaram. Que lhes façam bom proveito!

— Não deixa de ser estranho arrombar uma casa para furtar papéis como este. Isto sugere-lhe alguma coisa, delegado?

— Sugere-me que, com a pressa, os patifes agarraram o que primeiro lhes veio às mãos.

— Que pretendiam dos objetos de meu filho? — perguntou a Sra. Maberley.

— Como nada achassem de valioso embaixo, foram tentar encontrar algo no andar de cima. Eis como interpreto o fato. E ao senhor, Sr. Holmes, que lhe parece?

— Preciso refletir no caso, senhor delegado. Chegue aqui à janela, Watson.

Quando nos achamos um ao lado do outro, o meu amigo leu o que a folha continha. Começava no meio de uma frase:

“... rosto sangrava consideravelmente devido aos golpes, mas nada lhe sangrava mais o coração ao ver aquele belo rosto, pelo qual estivera disposto a sacrificar a própria vida, e contemplar a sua própria agonia e humilhação. Ela sorriu, sim, mas como inimiga impiedosa e diabólica que era, quando o infeliz ergueu os olhos para ela. Foi nesse momento que o amor morreu e se converteu em ódio. O homem deve viver para alguma coisa. Se não é para o teu abraço, minha dama, deve então ser, certamente, para a tua ruína e para a minha vingança completa.”

— Estranha gramática! — comentou Holmes, com um sorriso, ao devolver o papel ao delegado. — Reparou como do “ela” de repente passou à “minha”? O escritor ficou tão entusiasmado com a sua narrativa que, no momento supremo, imaginou ser ele próprio o infeliz herói.

— Pareceu-me um texto bastante reles — apreciou o delegado, guardando a folha. — O quê! O senhor está de partida, Sr. Holmes?

— Creio que nada mais me resta no presente caso, uma vez que ele se encontra em tão boas mãos. A propósito, Sra. Maberley, a senhora disse que desejava viajar?

— Foi sempre esse o meu sonho, Sr. Holmes.

— Aonde gostaria de ir? Cairo, Madeira, Riviera?

— Oh! Se tivesse dinheiro, daria a volta ao mundo.

— Muito bem. Pelo mundo todo. Então, até à vista. Talvez lhe escreva umas linhas, hoje à tarde.

Quando passávamos pela janela, surpreendi o sorriso do delegado e o seu abanar de cabeça. “Estes tipos inteligentes têm sempre dois dedos de loucura”. Foi a interpretação que dei ao sorriso do delegado...

— Estamos agora, Watson, na derradeira parte da nossa curta jornada — anunciou Holmes quando, de novo, nos achávamos em plena cidade de Londres. — Penso que seria melhor esclarecer este caso imediatamente e não era mau que você fosse comigo, pois é mais seguro ter uma testemunha quando se torna necessário tratar com uma senhora, como Isadora Klein.

Tínhamos tomado um carro e dirigíamo-nos a um endereço que ficava no Grosvenor Square. Holmes estivera mergulhado nos seus pensamentos, mas de repente despertou.

— Suponho, Watson, que você já reconstituiu o caso, com clareza, não é verdade?

— Não. Só concluí que vamos à procura da dama que é a motivadora desta desagradável história.

— Sem tirar nem pôr. Mas o nome de Isadora Klein não lhe sugere nada? Ela foi, sem dúvida, uma famosa beldade. Não havia mulher que competisse com ela. É espanhola da gema, do sangue dos poderosos conquistadores que dominaram as Américas durante várias gerações. Isadora casou com o velho alemão, Klein, rei do açúcar e, pouco depois, foi a mais rica e a mais bela viúva da terra. Houve, então, um período de aventuras, durante o qual satisfazia todos os seus gostos. Teve vários amantes e um deles foi Douglas Maberley, um dos homens mais belos de Londres. Contudo, ser amante de Douglas não podia limitar-se a um capricho. Ele não era uma mariposa da sociedade, mas um homem forte e orgulhoso que dava tudo e esperava tudo. Porém, Isadora é a *belle dame sans merci* de que falam prosadores e poetas. Uma vez satisfeito o seu capricho, põe fim à aventura e, se o parceiro não se dá por entendido, ela o estende à força.

— Então, aquele texto correspondia à própria história dele.

— Ah, você começa a compreender, enfim. Ouvi dizer que Isadora está para casar com o jovem Duque Lomond, que quase podia ser seu filho. A mãe de Sua Graça podia não dar importância à diferença de idade, mas um grande escândalo seria um caso muito diferente. Sendo assim, é urgente... Ah! Chegamos.

Era uma das mais belas casas de esquina do West End. Um lacaio, que mais parecia um autômato, recebeu os nossos cartões de visita e, pouco depois, voltou para informar que a senhora não estava em casa.

— Esperaremos até que esteja — decidiu Holmes, jovialmente.

O autômato acordou.

— “Não está em casa”, significa que não está para recebê-los — elucidou o criado nobremente uniformizado.

— Muito bem — retorquiu Holmes. — Isso significa que não teremos de esperar. Faça a fineza de entregar este bilhete à sua patroa.

Rabiscou três ou quatro palavras numa página do seu bloco, dobrou-a e estendeu ao homem.

— Que escreveu, Holmes? — perguntei.

— Escrevi simplesmente: “Prefere então a polícia?”. Creio que com esta senha conseguiremos entrar.

O expediente surtiu o efeito desejado e com assombrosa rapidez. Um minuto depois, estávamos numa sala de visitas que parecia uma visão das Mil e Uma Noites, ampla e maravilhosa, mergulhada numa penumbra que era, de quando em quando, realçada por uma suave luz de tom róseo.

A dama atingira aquela fase da vida, em que até a mais orgulhosa formosura prefere velar-se na doçura dos meios-tons. Quando entramos, Isadora levantou-se de um canapé. Era uma figura perfeita, alta, com um porte de rainha, um lindo rosto, como se fosse de um quadro, com dois maravilhosos olhos espanhóis que lançavam fulgores de raiva na nossa direção.

— Que intromissão é esta e que significa esta insolente mensagem? — perguntou, tendo na mão a folha de papel.

— Não necessito explicar, Madame. Tenho a sua inteligência na mais alta conta para ousar fazê-lo, embora conclua que ultimamente essa inteligência tem falhado bastante.

— Que quer dizer com isso?

— Falhou ao supor que os seus “gorilas” contratados pudessem intimidar-me no desempenho do meu trabalho. Certamente, não há homem que abrace uma profissão igual à minha, se o perigo não o atrai. Com que então, foi a senhora que me obrigou a intervir no caso do jovem Maberley?

— Não faço a mínima idéia daquilo a que se refere! Que tenho eu a ver com “gorilas” contratados?

— Pelo visto, não dei o devido apreço à sua inteligência. Boa tarde, Madame.

— Um momento! Aonde vai?

— À Scotland Yard.

Ainda não tínhamos chegado à porta, quando Isadora nos alcançou e segurou Holmes pelo braço. A dama de mármore, de um instante para outro, convertera-se na dama de veludo.

— Queiram sentar-se, cavalheiros. Vamos discutir este assunto. Sinto que posso ser franca com o senhor, Sr. Holmes. O senhor tem os sentimentos de um *gentleman*. O instinto feminino me assegura! Vou tratá-lo como amigo.

— Não posso prometer retribuir-lhe um tratamento igual, Madame. Não sou a lei, mas represento a Justiça, até onde chegam os meus fracos poderes. Prontifico-me a ouvi-la e, depois, decidirei como proceder.

— Foi uma tolice minha ameaçar um homem da sua perspicácia e coragem.

— Tolice maior, Madame, foi a senhora colocar-se à mercê de um bando de facínoras que podem extorquir-lhe dinheiro, ou traí-la a qualquer momento.

— Oh, não! Não sou assim tão ingênua. Já que prometi ser franca, digo-lhe que só Barney Stockdale e sua mulher, Susan, sabem quem é o chefe. Quanto aos dois citados, já não é a primeira... — sorriu e fez um sinal com a cabeça, como a aprovar a sua encantadora confidência.

— Percebo. A senhora já os experimentara antecipadamente.

— São bons cães de caça que correm e não ladram.

— Pois, cães desses arranjam sempre maneira de, mais cedo ou mais tarde, morder a mão que lhes dá a carne. Vão ser presos pelo arrombamento que praticaram. A polícia já está no seu encalço.

— Terão o que lhes cabe. Por isso lhes pago. Quanto a mim, não figuro no caso.

— A não ser que eu a faça figurar.

— Mas o senhor não fará tal coisa, Sr. Holmes, é um *gentleman*. Trata-se de um segredo de mulher.

— Em primeiro lugar, a senhora tem de restituir o manuscrito.

Ela deu uma risada cristalina e encaminhou-se para a lareira da sala. Via-se aí um maço de papéis calcinados que ela remexeu com o atizador.

— Terei de restituir isto? — perguntou. Tinha um desafio tão alegre, tão invulgar, que me pareceu que, de todos os criminosos de Holmes, era aquele o mais difícil de enfrentar. Contudo, o meu amigo não se deixava dominar pelo sentimento.

— Isto acaba de destinar a sua sorte — replicou com frieza. — A senhora é muito expedita nas suas ações, Madame, mas desta vez exagerou.

Isadora deixou cair o atizador ruidosamente.

— O senhor é muito cruel — censurou. — Posso contar-lhe a história toda?

— Creio que eu próprio poderia contar.

— Mas o senhor deve vê-la com os meus olhos, não com os seus, Sr. Holmes. Deve encará-la do ponto de vista de uma mulher que vê toda a ambição da sua vida prestes a desmoronar-se, no último momento. Se essa mulher protege a si própria, merece censura?

— O pecado original foi seu.

— Sim, reconheço isso. Douglas era uma pérola de rapaz, mas aconteceu que não se adaptava aos meus planos. Queria um casamento, Sr. Holmes. Veja bem, eira nem beira. Só isso lhe servia, nada mais. E, então, tornou-se teimoso. Como eu fosse boa e liberal com ele, pareceu-lhe que poderia apoderar-se de mim! Era uma coisa intolerável. Por fim, tive de fazer-lhe ver isso.

— Contratando rufiões para baterem nele, bem debaixo das janelas desta casa.

— O senhor realmente parece saber tudo! Sim, é verdade. Barney e seus companheiros levaram Douglas para longe daqui e foram, reconheço, um tanto rudes com ele. Mas, que decidiu ele fazer? Poderia eu acreditar que um cavalheiro procedesse daquela forma? Escreveu um livro descrevendo a sua própria história, em que naturalmente eu era o lobo, ele o cordeiro. Estava tudo lá, com nomes diferentes, é claro. Mas quem, em Londres, deixaria de reconhecer os fatos e personagens? Que diz a isto, Sr. Holmes?

— A Sra. Maberley estava no seu direito.

— Douglas escreveu-me e enviou-me uma cópia do seu livro para que eu pudesse antever a tortura do escândalo. Disse-me só haver duas cópias: uma para mim e outra para o editor.

— Como soube, Madame, que a destinada ao editor não lhe tinha chegado às mãos?

— Sabia qual era o seu editor. Aquele não era, como o senhor decerto não ignora, o único romance de Douglas. Verifiquei que o editor nada recebera da Itália. E eis que sobrevêm a morte súbita do pobre rapaz. Enquanto existisse no mundo esse outro manuscrito, não podia haver para mim tranqüilidade. Naturalmente, o manuscrito devia achar-se entre os

seus objetos e estes seriam remetidos à mãe de Douglas. Pus o bando em campo. Desejava fazer a coisa de maneira honesta. E foi o que realmente fiz. Estava disposta a comprar a casa, com tudo quanto nela havia. Não fiz a menor questão de preço. Só me servi do outro expediente, quando o primeiro falhou. Agora, Sr. Holmes, que tratei Douglas com excessiva dureza (e Deus sabe como disso me arrependo!), que mais poderia eu fazer, com todo o meu futuro em perigo iminente?

Sherlock Holmes encolheu os ombros.

— Bem — concedeu —, suponho que terei de arranjar uma saída, como de costume. Quanto custa uma viagem de primeira classe à volta do mundo?

A dama encarou-o com espanto.

— Seria possível fazê-la com cinco mil libras? — sugeriu o meu amigo.

— Sim, creio que seria possível.

— Muito bem. Nesse caso, penso que a senhora não se negará a assinar um cheque para esse fim, e eu providenciarei para que ele chegue às mãos da Sra. Maberley. A senhora deve-lhe uma mudança de ares. Quanto ao resto, Madame Klein — e acenou-lhe com o dedo —, tenha cuidado, muito cuidado! Não é possível estar sempre brincando com ferramentas afiadas, sem cortar essas mãos delicadas.



AS LUNETAS DE OURO

Quando olho para os três volumes maciços onde tenho registrado o nosso trabalho do ano de 1894, confesso que encontro dificuldade em selecionar, entre tão rico material, os casos mais interessantes que mais possam evidenciar as extraordinárias qualidades que tornaram Sherlock Holmes famoso. Ao folheá-lo, encontro as minhas notas sobre a repulsiva história da sanguessuga vermelha e sobre a horrível morte do banqueiro Crosby. Vejo também a tragédia Adleton e a famosa sucessão Smith-Mortimer, assim como a prisão de Huret, o assassino dos *boulevards* de Paris, caso este que valeu a Holmes uma carta de agradecimento, e do próprio punho do presidente da França, e a Legião de Honra.

Cada um desses casos merecia uma narrativa, mas, na minha opinião, nenhum deles reúne aspectos tão singulares como o episódio de Yoxley Old Place, onde se incluem a lamentável morte do jovem Willoughby Smith e os acontecimentos conseqüentes que fizeram luz sobre as causas do crime.

Era uma noite tempestuosa, de fins de novembro. Holmes e eu tínhamos ficado em silêncio durante a noite; ele decifrando, com uma lente, a inscrição original de um documento paleográfico e eu lendo um novo tratado sobre cirurgia. O vento ululava na Baker Street e a chuva batia furiosa nas janelas. Ali, no meio da cidade, com o produto do trabalho do homem num espaço de dez milhas de cada lado, podíamos sentir a natureza e saber que para a força dos elementos Londres não era mais do que os moinhos de vento que salpicavam os campos. Fui até a janela e olhei para a rua deserta. Vinha um único carro, do lado de Oxford Street.

— Ainda bem que não temos de sair hoje à noite, Watson — disse Holmes largando a lente e o documento. — Já trabalhei bastante. É um trabalho que cansa os olhos. Parece nada ter de muito interessante. Data da segunda metade do século quinze. Olhe, que é isto?

No meio dos gemidos do vento, ouvimos o ruído de patas de cavalo e de uma roda raspando no passeio. O carro parou à nossa porta.

— Que quererá ele? — perguntei, ao ver um homem descer.

— Alguma coisa, visto que nos procura — respondeu Holmes. — E nós, caro Watson, queremos sobretudo, galochas e todas as coisas que os homens inventaram para lutar contra o tempo. Espere um momento! O carro vai-se

embora. Ainda há esperanças. Ele pediria para esperar se quisesse que o acompanhássemos. Vá abrir a porta, caro amigo, pois as pessoas virtuosas já estão na cama há muito tempo.

Quando a luz do candeeiro do vestíbulo incidiu sobre o visitante, não tive dificuldade em reconhecê-lo. Era Stanley Hopkins, um detetive de futuro, por quem Holmes muito se interessava.

— Ele está? — perguntou o rapaz, ansiosamente.

— Suba, meu caro — convidou Holmes, de cima. — Espero que não tenha desígnios a nosso respeito, numa noite tão tempestuosa.

O detetive subiu a escada e a luz brilhou no seu impermeável molhado. Ajudei-o a despir-se, enquanto Holmes avivava o lume na lareira.

— Agora, caro Hopkins, venha aquecer-se — disse Holmes. — Tome um charuto e o doutor tem uma receita de água quente e limão que é ótima para uma noite assim. Deve ser importante o assunto que o trouxe aqui, com este tempo.

— É verdade, Sr. Holmes. Tive uma tarde cheia. Leu alguma coisa nos jornais da tarde acerca do caso Yoxley?

— Hoje não passei do século quinze — disse Holmes.

— Pois bem, saiu apenas um parágrafo e mesmo assim errado, de modo que não perdeu nada. O caso ocorreu em Kent, a sete quilômetros de Chatham e a três da ferrovia. Recebi um telegrama às três e quinze, cheguei a Yoxley Old Place às cinco, fiz as minhas investigações e voltei no último trem. Depois vim diretamente para cá.

— E isto quer dizer que não tem grande certeza quanto ao caso?

— Para mim, não tem pés nem cabeça. É o caso mais complicado que já tive, embora a princípio parecesse muito simples. Não existe motivo, Sr. Holmes. É o que me aborrece. Não existe o menor motivo. Temos um homem morto... disso não há dúvida, mas ninguém tinha razões para desejar a sua morte.

Holmes acendeu o charuto e recostou-se na cadeira.

— Vamos ouvir essa história — propôs.

— Os fatos são muito claros — explicou Stanley Hopkins. — Só pretendo saber o que significam. Há anos essa casa de campo, Yoxley Old Place, foi alugada por um homem de idade, que disse chamar-se professor Coram. É um inválido, que passa a maior parte do tempo na cama e o resto a andar pela casa, com a sua bengala, ou a ser empurrado pelo jardineiro, numa

cadeira de rodas. Causou boa impressão aos poucos vizinhos que o visitaram, tendo a reputação de ser muito culto. Na casa há duas mulheres: a governanta, Sra. Marker, já de idade, e uma criadinha, Susan Tarlton. Estão com ele desde que chegou e parece que são pessoas muito dignas. O professor está escrevendo um livro e, há um ano, achou necessário contratar um secretário. Os dois primeiros que ele empregou não serviram. Mas o terceiro, Sr. Willoughby Smith, rapaz recém-saído da Universidade, parece ter agradado muito ao professor. A sua função era escrever a manhã inteira o que o professor lhe ditava, e geralmente passava a tarde à procura de elementos e referências que pudessem ser de interesse para o trabalho do dia seguinte. Este Willoughby Smith era bom sujeito e nada encontramos em seu desabono, nem em criança, como aluno em Uppingham, nem como rapaz, em Cambridge. Sempre foi estudioso, sem nenhuma falha de caráter. No entanto, foi este rapaz que foi assassinado hoje de manhã, no escritório do professor, em circunstâncias que indicam que se trata de assassinato.

O vento gemia contra as janelas. Holmes e eu aproximamo-nos mais do lume, enquanto o detetive continuava.

— Se o senhor tivesse de procurar em toda a Inglaterra, não creio que pudesse encontrar lar mais calmo e livre de influências estranhas. Durante semanas, nenhuma das pessoas da casa passava além do portão do jardim. O professor ficava mergulhado no trabalho e nada mais existia para ele. O secretário não conhecia ninguém na vizinhança e levava a mesma vida do patrão. As duas mulheres também não saíam. Mortimer, o jardineiro, que é quem empurra a cadeira de rodas, é um velho soldado da guerra da Criméia e ótimo sujeito. Não mora na casa, mas numa dependência no extremo do jardim. São as únicas pessoas que o senhor encontrará em Yoxley Old Place. Por outro lado, o portão do jardim fica a cem metros da estrada que liga Londres a Chatham. A fechadura está apenas no trinco e nada impediria que qualquer pessoa ali entrasse.

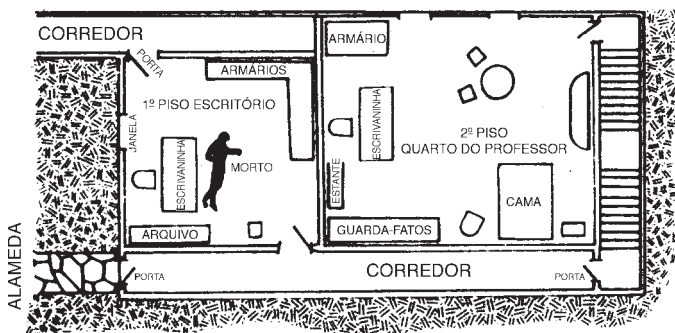
Vou agora contar-lhes as declarações de Susan Tarlton, a única pessoa que pode dizer algo de positivo. O fato ocorreu entre as onze horas e o meio-dia. Ela estava ocupada colocando umas cortinas no quarto da frente, no andar de cima. O professor Coram ainda estava na cama, pois com o mau tempo raramente se levanta antes do meio-dia. A governanta estava trabalhando nos fundos da casa. Willoughby Smith estivera no seu quarto, que servia também de saleta, mas a criada ouvira-o passar pelo corredor e descer para o escritório, bem abaixo da sala onde ela se encontrava. A jovem

não o viu, mas declarou não poder enganar-se quanto aos passos firmes e rápidos. Não ouviu fechar-se a porta do escritório, mas, dois ou três minutos depois, ouviu um grito horrível partindo de lá. Grito tão pavoroso que tanto poderia ser de homem como de mulher. Logo em seguida, houve um ruído forte que sacudiu a casa e depois silêncio. A criada ficou petrificada por um momento, mas depois, enchendo-se de coragem, correu para o escritório cuja porta estava fechada. A rapariga abriu-a. O secretário, Willoughby Smith, estava estendido no chão. A princípio, não percebeu que estava ferido e procurou erguê-lo, mas depois, viu que o sangue lhe jorrava do pescoço. Havia ali um corte pequeno, mas profundo, que abrira a carótida. O instrumento do crime estava no tapete, ao lado do rapaz. Era uma dessas faquinhas usadas para lacrar cartas, que às vezes se encontram nas escrivaninhas antigas, de cabo de marfim e lâmina afiada. Fazia parte dos objetos da escrivaninha do professor Coram.

A criada pensou que o rapaz estivesse morto, mas ao molhar a sua fronte com água da jarra, viu-o abrir os olhos por um instante. “O professor... foi ela”, murmurou o secretário. A criada jura que foram exatamente estas as palavras. Ele tentou desesperadamente dizer alguma coisa, com a mão direita erguida, mas logo em seguida caiu morto. Nesse momento a governanta também entrou no escritório, mas não chegou a tempo de ouvir as últimas palavras do rapaz. Deixando Susan com o cadáver, correu para o quarto do professor. Encontrou-o sentado na cama, muito agitado, pois ouvira o bastante para convencer-se de que algo terrível acontecera. A Sra. Marker jura que o professor ainda estava com a roupa de dormir e, de fato, é impossível para ele vestir-se sem o auxílio de Mortimer, que tinha por obrigação subir ao meio-dia. O professor declara que ouviu o grito, mas nada mais pôde informar. Não sabe explicar as últimas palavras do rapaz, “o professor... foi ela”, mas imagina que tenham sido ditas inconscientemente. Na sua opinião, o secretário não tinha um único inimigo e não pode vislumbrar um motivo para o crime. O seu primeiro cuidado foi mandar Mortimer, o jardineiro, avisar a polícia. O delegado da localidade mandou logo chamar-me. Não tinham tocado em coisa alguma até eu chegar, e haviam sido dadas ordens peremptórias para que ninguém andasse na alameda que conduzia à casa. Teria sido ótima oportunidade para o senhor pôr em prática as suas teorias, Sr. Sherlock Holmes. Nada faltava no escritório.

— Com exceção de Sherlock Holmes! — disse o meu amigo com um sorriso um tanto amargo. — Pois bem, ouçamos o final. Que fez você?

— Primeiro, quero que veja esta planta dessa área da casa que lhe dará uma idéia da posição dos quartos, para que melhor possa acompanhar os passos que dei, na investigação.



Hopkins abriu a planta e estendeu-a nos joelhos de Holmes. Levantei-me e fui postar-me ao lado do meu amigo.

— É apenas um desenho parcial, mas reúne os elementos que julgo essenciais. O resto verá o senhor mais tarde, por si mesmo. Agora, em primeiro lugar, presumindo-se que o assassino tenha entrado na casa, por onde entrou? Sem dúvida, pela alameda do jardim e pela porta do fundo, de onde se tem acesso direto ao escritório. Qualquer outra entrada teria sido muito complicada. A fuga deve ter-se dado também por aí, pois as duas outras saídas não serviam, visto que uma estava bloqueada por Susan, que descera correndo, e a outra conduz ao quarto do professor. Posto isto, dei toda a minha atenção à alameda do jardim, que estava molhada por chuva recente e onde certamente haveria pegadas.

O exame mostrou-me que estava lidando com um criminoso cauteloso e sabido. Não havia pegadas. Mas alguém andara pela relva que margina a alameda, agindo assim para não deixar vestígios. Não encontrei impressões distintas, mas a relva estava pisada, indicando que alguém passara por ali. Só poderia ter sido o assassino, já que ninguém, nem mesmo o jardineiro, andara por ali naquela manhã, e chovera à noite.

— Um momento — interrompeu Holmes. — Aonde conduz esta alameda?

— À entrada.

— Qual a distância?

— Uns cem metros, mais ou menos.

— Mas, no lugar em que a alameda entra pelo portão, sem dúvida, você poderia encontrar pegadas?

— Infelizmente aí a alameda é ladrilhada.

— E na estrada?

— Também não. A lama estava toda pisada.

— Mas as pegadas na relva... iam, ou vinham?

— Impossível dizer. Eram imprecisas.

— Pé grande ou pequeno?

— Não se distinguia.

Holmes fez um gesto impaciente.

— Tem chovido e feito vento desde então — resmungou. — Seria mais difícil, agora, ler-se o que lá está escrito, do que neste documento antigo. Paciência. Mas, que fez você, Hopkins, depois de certificar-se de que não tinha-se certificado de coisa alguma?

— Creio que ainda me certifiquei de muita coisa, Sr. Holmes. Sabia que alguém entrara na casa, com cuidado. Em seguida, examinei o corredor. Há ali um tapete de serapilheira, de modo que não há qualquer espécie de marca. O corredor levou-me ao escritório, mobiliado sobriamente. O móvel principal é uma vasta escrivaninha; há também um arquivo. Este consta de uma dupla coluna de gavetas, com um armariozinho central entre elas. As gavetas estavam abertas, o armariozinho fechado. Parece que as gavetas nunca são fechadas à chave, pois nada existe de valor dentro delas. No armariozinho havia alguns documentos importantes, mas não tinham sido tocados e o professor garantiu-me que nada faltava. Não há dúvida de que não houve roubo.

Quanto ao cadáver, foi encontrado no escritório perto da escrivaninha, um pouco à esquerda, como está marcado na planta. O ferimento no lado direito do pescoço vem de trás para diante, de modo que é impossível tratar-se de suicídio.

— A não ser que ele tenha caído em cima da faca — observou Holmes.

— Exatamente. Também pensei nisso. Mas a faca foi encontrada um pouco longe do corpo, de modo que essa hipótese pode ser afastada. Além disso, temos de tomar em consideração as últimas palavras da vítima. Finalmente, temos este indício importante encontrado na mão fechada do rapaz.

Hopkins tirou um embrulhozinho do bolso. Abriu-o e mostrou-nos uma luneta de ouro, com dois pedaços de fita de seda preta pendurados.

— Willoughby Smith tinha vista esplêndida — sublinhou. — Não há dúvida de que a luneta foi arrancada da pessoa que o matou.

Sherlock Holmes apanhou a luneta e examinou-a com grande interesse. Aproximou-a dos olhos, tentou ler, foi até a janela e olhou a rua através das lentes, examinou-as sob a lâmpada da sala e finalmente, com um estalido da língua, sentou-se e escreveu qualquer coisa num papel, que entregou a Stanley Hopkins.

— É o máximo que posso fazer por você. Pode ser que isto o ajude.
O detetive, atônito, leu em voz alta:

“Procura-se uma mulher, bem vestida. Nariz espesso, olhos muito perto um do outro. Testa franzida, pálpebras contraídas e, provavelmente, ombros arredondados. É de prever que tenha procurado um oculista pelo menos duas vezes nos últimos meses. Como as lentes são muito fortes e os oculistas não são numerosos, não haverá dificuldade em encontrar a pista dela.”

Holmes sorriu do espanto que se espelhava no rosto de Hopkins.

— As minhas deduções são muito simples — elucidou. — Não há melhor artigo do que um par de óculos para base de deduções e, mais ainda, quando são óculos extraordinários como estes. Suponho que pertencem a uma mulher, pela sua delicadeza e, também pelas últimas palavras da vítima. Quanto a ser pessoa de gosto e bem vestida, você poderá deduzi-lo pela luneta de ouro sólido, e é inadmissível que uma pessoa que use tais óculos seja descuidada noutros pontos. Pode ver, Hopkins, que a ponta da luneta é larga demais para o seu nariz, o que indica que o nariz dessa mulher é muito espesso. Este tipo de nariz geralmente é curto e vulgar, mas há exceções, de modo que não quis ser dogmático e não insisti neste ponto. O meu rosto é fino e, mesmo assim, não consigo focalizar o olhar no centro das lentes. Portanto, chego à conclusão de que os olhos da mulher se inserem muito próximos do nariz. Bem vê, Watson, que as lentes são côncavas e muito fortes. Uma pessoa que tenha tão grande deficiência visual deve apresentar as características dessa deficiência, pelo que deduzi a testa franzida e os ombros arredondados.

— Sim, compreendo — respondi. — Mas não percebo como você conseguiu chegar à conclusão das duas visitas ao oculista.

Holmes mostrou-me a luneta.

— Veja que os dois ganchos da ponte são forrados de cortiça, para suavizar a pressão da mola sobre o nariz. Um deles está gasto, mas o outro é novo. Evidentemente, um caiu e foi substituído. Mas parece que o mais velho tem poucos meses de uso. Ambos são iguais, de modo que calculo que a mulher tenha voltado à mesma casa de ótica.

— Meu Deus, é admissível — exclamou Hopkins. — Pensar que tive todos esses indícios debaixo do meu nariz e não soube aproveitá-los, embora já pensasse em interrogar os oculistas de Londres.

— Claro que pensou! Tem mais alguma coisa a contar-nos?

— Nada, Sr. Holmes. Creio que o senhor sabe tanto quanto eu, ou talvez mais. Investiguei acerca de qualquer estranho nas redondezas ou nas estações de trem, mas nada descobri. O que me espanta é a ausência absoluta de motivo para o crime. Ninguém pode sugerir seja o que for.

— Nesse ponto, não posso ajudá-lo. Deseja, realmente, que o acompanhemos amanhã?

— Se não for pedir demais, Sr. Holmes. Há um trem para Chatham às seis da manhã. Chegaríamos a Yoxley Old Place, entre as oito e as nove horas.

— Então, está combinado. O caso é interessante e terei prazer em auxiliá-lo. Pois bem, é quase uma hora e acho que devemos dormir um pouco. Creio que você fica bem instalado no sofá, diante da lareira. Eu lhe darei uma xícara de café antes de partirmos.

No dia seguinte o vento cessara, mas quando partimos o tempo ainda continuava inóspito. Vimos o frio sol de inverno sobre os pântanos que ladeiam o Tâmsa e que sempre me lembrarão os primeiros dias da nossa carreira. Após uma viagem cansativa, descemos numa estaçãozinha, a alguns quilômetros de Chatham. Enquanto atrelavam o cavalo a um carro, fizemos uma refeição rápida na estalagem local e, quando chegamos à casa do crime, estávamos prontos para iniciar o nosso trabalho. Um policial recebeu-nos no jardim.

— Então, Wilson, há novidades? — perguntou Hopkins.

— Não, senhor, nada.

— Nenhuma notícia a respeito de um estranho nas redondezas?

— Nada. Na estação todos têm certeza de que ontem não chegou nem partiu estranho algum.

— Averiguou nas estalagens e pensões?

— Sim, senhor, e nada apuramos.

— Pois bem, a caminhada até Chatham não é muito grande. Qualquer pessoa poderia ter ficado lá ou apanhado um trem, sem ser notada. Aqui está a alameda de que lhe falei, Sr. Holmes. Posso garantir-lhe que, ontem, não havia pegadas.

— De que lado da relva estavam as marcas?

— Deste lado. Há uma pequena faixa de relva entre a alameda e o canteiro. Agora não as distingo, mas ontem podiam ser notadas.

— Sim, alguém passou por aqui — verificou Holmes, inclinando-se sobre a relva. — A mulher deve ter caminhado com cuidado, pois viu que de um lado deixaria pegadas na alameda e, do outro, no canteiro.

Vi uma expressão de interesse no rosto de Holmes.

— Diz você que deve ter voltado por aqui?

— Sim, senhor, não há outro caminho.

— Por esta faixa de relva?

— Sem dúvida, Sr. Holmes.

— Hum... Feito extraordinário, sem a menor dúvida. Pois bem, acho que nada mais há aqui, vamos continuar. Esta porta para o jardim fica geralmente aberta, não é verdade? Nesse caso, a visitante não teve dificuldade em entrar. A idéia do crime não estava no seu espírito, pois, do contrário, teria trazido uma arma em vez de apanhar a faca sobre a escrivaninha. Ela passou pelo corredor, sem deixar marcas na passadeira. Depois, viu-se no escritório. Quanto tempo ficou ali? Não podemos saber.

— Apenas alguns minutos. Esqueci-me de dizer-lhe que a governanta, Sra. Marker, estivera um quarto de hora antes arrumando o escritório.

— Isto estabelece um limite. A desconhecida entra no escritório. Vai até à escrivaninha. Para quê? Não para remexer nas gavetas. Ela estava interessada no armariozinho do arquivo. Olhe, que risco é este? Acenda um fósforo, Watson. Por que não me falou nisto, Hopkins?

A marca que ele examinava começava no metal, do lado direito da fechadura, e estendia-se por uns 14 centímetros, tendo riscado o verniz da madeira.

— Eu tinha notado o risco, Sr. Holmes. Mas a gente encontra sempre riscos perto de fechaduras.

— Este é bem recente. Veja como o metal está brilhante no ponto onde foi riscado. Um risco antigo teria a mesma cor da superfície. Examine com a minha lente. Veja também o tênue pó de verniz, de cada lado do sulco. A Sra. Marker está aqui?

Dali a pouco, surgiu uma mulher de idade, de aparência tristonha.

— A senhora, ontem, limpou este móvel? — perguntou Holmes.

— Sim, senhor.

— Notou este risco?

— Não, senhor.

— Tenho certeza de que não o fez, pois o espanador teria tirado este resíduo de pó de verniz. Quem guarda a chave deste móvel?

— O professor, na corrente do relógio.

— É uma chave simples?

— Não, senhor, é um cadeado.

— Muito bem. Pode ir-se Sra. Marker.

Holmes voltou-se para nós:

— Estamos fazendo alguns progressos. A desconhecida entra no escritório, avança para o arquivo e abre-o, ou tenta abri-lo. É surpreendida pelo secretário, Willoughby Smith. Na pressa de retirar a chave, risca a madeira. O rapaz segura-a e ela, agarrando o primeiro objeto que encontra e que sucedeu ser a faca, golpeia-o para libertar-se. O ferimento é fatal. O rapaz cai e ela foge, com ou sem o objetivo que veio procurar. Querem fazer o favor de chamar a criada Susan?

Susan apareceu imediatamente e Holmes inquireu:

— Podia alguém ter fugido por aquela porta depois de você ter ouvido o grito, Susan?

— Não, senhor. Impossível. Antes de descer a escada eu teria visto qualquer pessoa que estivesse no corredor. Além disso, a porta não foi aberta, pois eu teria ouvido.

— Então, esse meio de fuga está fora de discussão. Não há dúvidas de que a mulher saiu por onde entrou. Parece que este outro corredor conduz ao quarto do professor. Não há saída por este lado?

— Não, senhor.

— Vamos conhecer o professor. Olhe, Hopkins, isto é importante, muito importante! O corredor do professor também tem passadeira de serapilheira.

— É verdade, mas que interessa isso?

— Não acha importante? Bom, então não insisto. Com certeza estou enganado. Mas parece-me sugestivo. Venha apresentar-nos ao dono da casa.

Passamos pelo corredor que era do mesmo comprimento do outro que levava ao jardim. O nosso guia bateu, fazendo-nos depois entrar no quarto do professor.

Era um quarto grande, com muitos livros. Como não cabiam todos nas prateleiras, havia pilhas nos cantos e no chão, na base das estantes. A cama estava no centro do quarto e ali, recostado contra os travesseiros, encontramos o dono da casa. Nunca vi pessoa mais extraordinária. Rosto esquelético, aquilino, olhos negros, fundos e penetrantes, sob espessas sobrancelhas. A barba e os cabelos eram brancos, mas estava amarelada à volta da boca. Um cigarro pendia no meio da barba e a atmosfera do quarto era pesada, devido ao cheiro de fumaça de tabaco. Quando estendeu a mão a Holmes, notei que tinha uma mancha amarela causada pela nicotina.

— Fuma, Sr. Holmes? — perguntou, num inglês cuidado e um tanto pedante. — Faça o favor de aceitar um cigarro. E o senhor?... Posso recomendar estes cigarros, pois foram preparados especialmente para mim, por lónides de Alexandria. Ele manda-me mil, de cada vez, e é com pesar que confesso fazer uma nova encomenda a cada quinze dias. Bem sei que é mau, mas um velho tem poucos prazeres na vida! O fumo e o meu trabalho... é só o que me resta.

Holmes acendera um cigarro e lançava olhares rápidos por todo o quarto.

— O fumo e o meu trabalho, mas agora somente o fumo — continuou o velho. — Que triste interrupção acabo de sofrer! Quem poderia prever semelhante catástrofe? Um rapaz tão distinto! Posso dizer-lhe que, após alguns meses de experiência, era um ótimo auxiliar. Que pensa do caso, Sr. Holmes?

— Ainda não tenho opinião formada.

— Ficarei muito grato se puder esclarecer um caso tão obscuro como este. Para um pobre inválido, apaixonado por livros como sou, é um golpe paralisante. Tenho a sensação de ter perdido a faculdade de pensar. Mas o senhor é um homem de ação, um homem de negócios. Isto faz parte da

rotina da sua vida. O senhor consegue conservar o sangue-frio, seja qual for a emergência. Temos sorte em poder contar com o seu auxílio.

Holmes andava de um lado para o outro do quarto, enquanto o professor falava. Notei que fumava com grande rapidez. Não havia dúvida de que gostava dos cigarros de Alexandria.

— Sim, senhor, foi um golpe terrível — continuou o velho. — Eis o meu *magnum opus*, aquela pilha de papéis na mesinha, ali adiante. É a minha análise dos documentos encontrados nos mosteiros cópticos da Síria e do Egito, um trabalho que abalará as raízes da religião revelada. Com a minha pouca saúde, não sei se conseguirei terminar a obra, agora que o meu assistente me foi arrebatado. Santo Deus, Sr. Holmes, o senhor ainda fuma mais depressa do que eu.

Holmes sorriu.

— Sou um apreciador — disse o meu amigo, tirando da caixa outro cigarro, que era já o quarto, e acendendo-o com a ponta daquele que acabara de fumar. — Não vou aborrecê-lo com um interrogatório, Professor Coram, visto terem-me dito que o senhor estava na cama no momento do crime e nada poderia contar. Só lhe farei uma pergunta. Que acha que o pobre rapaz queria dizer com: “O professor... foi ela”?

Coram sacudiu a cabeça.

— Susan é uma camponesa — observou. — O senhor conhece a ignorância dessa classe. Com certeza, o pobre rapaz murmurou palavras incoerentes e ela interpretou-as dessa forma.

— Compreendo. Não concebe qualquer explicação para a tragédia?

— Talvez tenha sido acidente. Ou talvez... (só o confidencia, entre nós)... suicídio. Os rapazes têm os seus dissabores secretos, talvez qualquer problema amoroso de que não tivéssemos conhecimento. Considero isso mais provável do que um assassinato.

— Mas, a luneta?

— Ah, sou apenas um estudioso, um sonhador. Não posso explicar as coisas práticas da vida. Mas sabemos que os penhores de amor são variados. Certamente, pode fumar outro cigarro. É um prazer encontrar alguém que os aprecie dessa maneira. Um leque, uma luva, uns óculos; quantos objetos podem ser guardados como recordações e acariciados na hora em que um homem se lembra de pôr fim à vida?

Este senhor falou de pessoas na relva, mas é fácil uma pessoa enganar-se a esse respeito. Quanto à faca, é possível que tenha saltado para longe, quando o infeliz caiu. Pode ser que eu esteja dizendo tolices, mas parece-me que Willoughby Smith pôs fim à vida, voluntariamente.

Holmes pareceu impressionado com esta teoria e continuou a andar de um lado para o outro, perdido nos seus pensamentos e fumando sem parar.

— Diga-me, Professor Coram, que tem guardado naquele armariozinho do arquivo?

— Nada que pudesse interessar a um ladrão. Documentos de família, cartas da minha pobre mulher, diplomas das universidades que me conferiram essa honra. Aqui está a chave. Pode ver, se quiser.

Holmes pegou a chave e examinou-a, devolvendo-a em seguida.

— Creio que nada adiantaria — considerou. — Prefiro ir passear pelo jardim e refletir acerca do caso. A teoria do suicídio não deixa de ser interessante. Peço desculpa por tê-lo incomodado, Professor Coram. Prometo-lhe que só voltaremos depois do almoço. Às duas horas, viremos dar-lhe notícias do que averiguamos.

Holmes estava muito pensativo, e passeamos em silêncio pelo jardim.

— Tem alguma pista? — sondei.

— Depende daqueles cigarros que fumei, mas é possível que eu esteja enganado. Os cigarros me dirão.

— Caro Holmes, como é possível?...

— Bem, você verá por si próprio. Se nada acontecer, não haverá mal algum. É verdade que sempre temos o recurso da pista do oculista, mas prefiro cortar por um atalho, quando encontro algum no caminho. Ah! Aqui está a Sra. Marker. Vamos nos beneficiar, com ela, de cinco minutos de conversa instrutiva.

Holmes, quando desejava, tinha um jeito especial para agradar as mulheres, conseguindo que confiassem nele. Em pouco minutos estava conversando com a governanta, como se a conhecesse há muito tempo.

— Sim, Sr. Holmes, tem razão. Ele fuma demais. O dia todo e, às vezes, a noite inteira. Tenho visto aquele quarto de manhã... pois bem, é como se a gente estivesse no meio da neblina de Londres. Pobre Sr. Smith, também era fumante, mas não tanto como o professor. A saúde do Dr. Coram?... Pois bem, não sei se melhora ou se piora com o fumo.

— Mas tira o apetite? — inquiriu Holmes.

— Isso não sei. Creio que não.

— Com certeza o professor come pouquíssimo?

— Bem, não há dúvida que gosta de variar de comida.

— Aposto que não tomou o café da manhã e não vai querer almoçar, depois de todos aqueles cigarros que fumou.

— Nisso engana-se, pois tomou um café abundante, hoje de manhã. Nunca o vi comer tão bem e, além disso, encomendou um bom prato de costeletas para o almoço. Fiquei admirada, desde que entrei no escritório e vi o pobre Sr. Smith morto, não pude olhar mais para comida. Mas o professor não é pessoa para perder o apetite.

Passamos a manhã no jardim. Stanley Hopkins fora à vila averiguar a veracidade de um boato acerca de uma desconhecida que, na véspera, fora vista por algumas crianças na estrada de Chatham. Quanto a Holmes, parecia que a sua habitual energia o abandonara; nunca o vira tratar de um caso com tão pouco interesse. Hopkins voltou, informando que as crianças tinham visto uma mulher com as características descritas por Holmes, e que usava óculos, mas nem isto despertou o interesse do meu amigo. Ficou mais atento quando Susan, que nos servia o almoço, disse parecer-lhe que, na véspera, o Sr. Smith saíra para um passeio a pé e que voltara meia hora antes da tragédia. Eu não antevia a importância deste incidente, mas compreendi que Holmes lhe dava valor. De repente, levantou-se, consultando o relógio.

— Duas horas, meus senhores. Vamos liquidar o caso com o professor.

O velho acabara de almoçar e o prato vazio provava que eram verdadeiras as palavras da governanta acerca do seu apetite. Era um tipo estranho, com a sua juba branca e os olhos brilhantes, o eterno cigarro pendurado nos lábios. Estava sentado numa poltrona, diante da lareira.

— Então, Sr. Holmes, solucionou o mistério? — perguntou, empurrando para o meu amigo a caixa de cigarros que estava sobre a mesinha.

Holmes estendeu a mão e, com esse gesto simultâneo, a caixa de estanho caiu ao chão. No momento seguinte, estávamos todos de joelhos, apanhando cigarros. Quando nos levantamos, notei que os olhos de Holmes brilhavam e que tinha as faces afogueadas. Só em momentos de crise lhe vira esses sinais de tensão.

— Sim — respondeu.

Stanley Hopkins e eu olhamos para Holmes, atônitos. No rosto do professor notava-se uma expressão de desprezo.

— Realmente! No jardim!

— Não. Aqui.

— Aqui? Quando?

— Neste instante.

— Deve estar brincando, Sr. Holmes. O senhor obriga-me a dizer que o assunto é sério demais para ser tratado tão ligeiramente.

— Experimentei todos os elos da corrente, Professor Coram, e tenho certeza de que são fortes. Quais os seus motivos e que parte representa o senhor em tudo isto, é o que não sei dizer. Daqui a alguns minutos, provavelmente ouvirei a história dos seus próprios lábios. Entretanto, vou reconstituir o caso, para que o senhor saiba quais as informações que ainda desejo obter.

Após uma pausa, Holmes continuou:

— Uma senhora entrou ontem no seu escritório. Veio com a intenção de apossar-se de alguns documentos que estavam no arquivo. Trazia uma chave própria. Tive oportunidade de examinar a sua, Professor Coram, e não encontrei a leve descoloração que teria sido produzida pelo risco feito no verniz. Portanto, o senhor não era cúmplice e ela veio roubá-lo, sem que o senhor soubesse.

O professor tirou uma baforada do cigarro.

— Muito interessante e muito instrutivo — comentou. — Nada mais tem a acrescentar? Depois de ter ido tão longe, com certeza deve saber o que aconteceu a essa senhora.

— Lá cheguei. Em primeiro lugar, a mulher foi surpreendida pelo seu secretário e golpeou-o, para libertar-se dele. Considero a morte do Sr. Smith como um infeliz acidente, pois estou convencido de que ela não pretendia matá-lo. O assassino vem sempre armado. Horrorizada, a mulher fugiu da cena do crime. Infelizmente, perdera os óculos na luta e, como era muito míope, quase nada via sem eles. Correu por um corredor, que imaginou ser o mesmo por onde entrara, visto ambos terem passadeira de serapilheira, e só quando era tarde demais compreendeu que enveredara por outro lado e que não poderia escapar. Não lhe sendo possível retroceder, subiu a escada, abriu a porta e viu-se no seu quarto, professor Coram.

O velho olhava para Holmes de boca aberta. No seu rosto via-se estupefação e medo. Fez um esforço para dominar-se, encolheu os ombros e soltou uma risada falsa.

— Muito interessante, Sr. Holmes. Mas em tão magnífica teoria há uma pequena falha. Eu estava no quarto e dele não saí durante toda a tarde.

— Bem sei.

— Quer então dizer ser possível eu estar deitado na minha cama e não notar a entrada de uma mulher, no meu próprio quarto?

— Eu não disse isso. O senhor notou-a. Falou com ela e ajudou-a.

O professor riu nervosamente. Erguera-se, e os seus olhos luziam como brasas.

— Está louco! — exclamou. — Ajudei-a a fugir? Onde estará ela agora?

— Está aqui — disse Holmes, apontando para uma estante alta, num canto do quarto.

O velho ergueu os braços com uma expressão convulsa, e caiu na cadeira. No mesmo momento, a estante que Holmes indicara deslocou-se da parede e uma mulher surgiu no quarto.

— Tem razão — disse uma voz estrangeira. — Tem razão. Estou aqui.

Ao sair do esconderijo, estava cheia de pó e tinha o rosto sujo. Nem mesmo nos seus melhores dias poderia ter sido bonita, pois tinha as características adivinhadas por Holmes e, além disso, um queixo longo de pessoa voluntariosa. Devido à miopia e à mudança de um lugar escuro para a claridade, parecia atordoada, piscando os olhos. Apesar de todas essas desvantagens, notava-se coragem no queixo provocante e na cabeça erguida, que merecia respeito e admiração. Stanley Hopkins pôs a mão no braço da desconhecida e deu-lhe voz de prisão, mas a mulher afastou-o com uma dignidade que impunha obediência. O velho continuava abatido, na cadeira, muito perturbado e mudo.

— Sim, senhor. Do meu esconderijo ouvi o que disseram e sei que descobriram a verdade. Matei o rapaz. Mas o senhor tem razão ao dizer que foi acidente. Eu nem sequer sabia que era uma faca o que tinha na mão, pois agarrei-a num momento de desespero e vibrei um golpe para que o rapaz me soltasse. É esta a verdade.

— Tenho certeza disso — declarou Holmes. — Creio que a senhora não se sente bem.

A mulher ficara mortalmente pálida e sentara-se na beira da cama.

— Tenho pouco tempo de vida — declarou. — Mas quero que saibam toda a verdade. Sou a mulher deste homem. Ele não é inglês. É russo. Mas não direi o seu apelido.

O velho moveu-se pela primeira vez.

— Deus a abençoe, Ana! — exclamou. — Deus a abençoe!

A mulher lançou-lhe um olhar de profundo desdém.

— Por que se apegas tanto a esta tua vida miserável? — disse ela. — Causou mal a muitos e bem a ninguém... nem mesmo a si. Em todo o caso, Sergius, não me compete romper o frágil fio de vida, antes que seja a vontade de Deus. Já muito me pesa na consciência, desde que entrei nesta casa amaldiçoada. Mas preciso falar, senão, depois será tarde demais.

Houve um minuto de silêncio.

— Já lhes disse, senhores, que sou a esposa deste homem — continuou a mulher. — Ele tinha cinquenta anos quando nos casamos, e eu era uma jovem tonta, de dezoito. Foi numa cidade da Rússia, numa universidade... não direi qual.

— Deus a abençoe, Ana! — repetiu o velho.

— Éramos revolucionários, niilistas... os senhores compreendem. Ele, eu e muitos outros. Depois, veio uma época infeliz. Um policial foi morto, efetuaram-se prisões, as autoridades precisavam de provas. Para salvar a vida e ganhar uma grande recompensa, meu marido traiçou a própria esposa e os camaradas. Fomos todos presos por sua causa. Alguns foram executados, outros mandados para a Sibéria. Eu estava entre estes últimos, mas não fui condenada à prisão perpétua. Meu marido veio para a Inglaterra com o dinheiro ganho tão miseravelmente, e tem levado uma vida retirada pois sabia que se a Célula descobrisse onde se encontrava, não passaria uma semana sem que se fizesse justiça.

O homem estendeu a mão trêmula e pegou um cigarro.

— Estou nas suas mãos, Ana — reconheceu. — Você foi sempre boa para mim.

— Ainda não lhes contei o máximo da sua vilania — continuou a mulher. — Entre os nossos camaradas da Célula, havia um que era meu amigo do coração, desinteressado, carinhoso... tinha todas as qualidades que faltavam ao meu marido. Detestava a violência. Todos éramos culpados, mas não

ele. Escreveu-me muitas vezes, procurando dissuadir-me. Aquelas cartas o salvariam. E também o meu diário, onde eu registrara os meus sentimentos por ele e o modo de pensar de cada um de nós. Meu marido encontrou as cartas e o diário, e apossou-se deles. Escondeu-os e fez tudo para que esse meu amigo perdesse a vida. Não conseguiu, mas Alexis foi mandado para a Sibéria e agora trabalha numa mina de sal. Pense nisto, miserável, pense nisto! Atualmente, Alexis, cujo nome você não é digno de pronunciar, trabalha como escravo e eu tenho a sua vida nas minhas mãos, Sergius, e não o denuncio!

— Você foi sempre uma boa mulher, Ana — disse o velho, fumando.

Ela erguera-se, mas caiu com um grito de dor.

— Preciso terminar — prosseguiu. — Cumprida a minha pena, resolvi procurar o diário e as cartas, a fim de mandá-los ao governo russo, para que o meu amigo fosse libertado. Sabia que meu marido viera para a Inglaterra. Após meses de busca, descobri onde se encontrava. Sabia que ainda tinha o diário em seu poder, pois, quando eu estava na Sibéria, recebi uma carta sua, censurando-me e citando trechos do diário. Mas eu não ignorava que, com o seu gênio vingativo, nunca me entregasse de livre vontade. Era preciso que eu própria o recuperasse. Com este objetivo, arranjei um detetive particular que se empregou aqui, como secretário: o seu segundo secretário, Sergius, aquele que saiu tão apressadamente. Ele descobriu que, no armariozinho do arquivo, estavam guardados alguns documentos e tirou um molde da fechadura. Não quis fazer mais do que isto. Deu-me a planta da casa e disse-me que, ao meio-dia, o escritório estava sempre vazio, pois o secretário trabalhava aqui com você. Ganhei coragem e vim à procura dos papéis. Obtive resultado, mas a que preço!

A mulher fez uma pausa antes de confirmar:

— Eu acabara de fechar o armário, quando o rapaz me agarrou. Já o vira de manhã, na estrada, e perguntara-lhe onde morava o Professor Coram, sem saber que era seu secretário.

— Exatamente! — exclamou Holmes. — O secretário voltou e falou ao professor na mulher que encontrara. E então, ao morrer, procurou mandar uma mensagem ao professor — “foi ela!” — isto é, a mulher de quem tinham acabado de falar.

— Deixem-me continuar — interveio a mulher, em tom imperativo. — Ao vê-lo cair, saí correndo da sala, passei pela porta errada e vi-me no

quarto do meu marido. Ele falou em entregar-me à polícia. Respondi que, se o fizesse, a sua vida estaria nas minhas mãos. Se ele me entregasse à polícia, eu o entregaria à Célula. Não que eu tivesse amor à vida, mas queria cumprir o que prometera a mim própria. Sergius compreendeu que eu faria o que ameaçava e que a sua vida dependia da minha. Por esse motivo, e por nenhum outro, protegeu-me. Enfiou-me naquele esconderijo escuro, só dele conhecido. Tomava as refeições no quarto, de maneira a poder dividir a comida comigo. Ficou combinado que, depois de a polícia sair definitivamente daqui, eu fugiria no meio da noite para nunca mais voltar. Mas o senhor adivinhou...

A mulher tirou do seio um pacotinho.

— São estas as minhas últimas recomendações — disse a Holmes. — Estas cartas salvarão Alexis. Confio-as à sua honra e senso de justiça. O senhor deverá entregá-las ao Embaixador da Rússia. Agora, que cumpri o meu dever...

— Não a deixem fazer isso! — gritou Holmes, dando um salto para o lado dela e tirando-lhe um frasco da mão.

— Tarde demais — disse a mulher, caindo na cama. — Tarde demais! Ingeri o veneno antes de sair do esconderijo. Sinto a cabeça rodando! Estou morrendo! Senhor, recomendo-lhe que não se esqueça do envelope com as cartas.

— Um caso simples, mas de certo modo instrutivo — comentou Holmes, quando voltamos para Londres. — Desde o princípio, dependia da luneta. Se não fosse a sorte do rapaz ter agarrado a luneta antes de morrer, não sei se jamais conseguiríamos desvendar o caso. Pelas lentes, vi que a dona devia ser quase cega, e que devia ficar inutilizada, quando privada dos óculos. Quando você me disse, Hopkins, que ela andara pela relva sem dar um passo em falso, observei que isso era um fato extraordinário. No íntimo, achava um fato impossível, a não ser que ela tivesse outro par de óculos. Por esse motivo, passei a considerar seriamente a hipótese de ter continuado dentro da casa. Ao notar a semelhança entre os dois corredores, ocorreu-me que poderia ter-se enganado e, nesse caso, devia ter entrado no quarto do professor. Fiquei, portanto, alerta, à espera de alguma coisa que confirmasse esta suposição. Examinei o quarto, à procura de um esconderijo. O tapete estava firmemente pregado no chão, de modo que afastei a hipótese de um alçapão. Podia haver um nicho atrás das estantes. Bem sabe que isto

era vulgar nas bibliotecas antigas. Notei que havia livros no chão, por toda a parte, menos diante da determinada estante. Então, a porta devia ser ali. Não vi marcas, mas o tapete tinha cor parda, que se presta muito a exame. Fumei, portanto, grande número daqueles ótimos cigarros, deixando a cinza cair diante da estante suspeita. Foi um truque simples, mas de grande efeito. Descemos e, na sua frente, Watson, embora você não se apercebesse disso, informei-me acerca do consumo de comida do professor e fiquei sabendo que, aparentemente, o seu apetite aumentara, o que é natural quando se está alimentando outra pessoa. Subimos de novo ao quarto e, ao deixar cair a caixa de cigarros, pude examinar perfeitamente o chão. Vi pelas marcas na cinza dos cigarros, que, na nossa ausência, a fugitiva saíra do esconderijo. Bem, Hopkins, cá estamos na Charing Cross e dou-lhe os parabéns por ter concluído o seu caso com sucesso. Com certeza vai para a Scotland Yard? Quanto a nós, Watson, creio que o nosso destino é a Embaixada Russa.



OS TRÊS ESTUDANTES

No ano de 1895, Sherlock Holmes e eu tivemos de passar uns dias numa das nossas cidades universitárias por motivo que não interessa esclarecer. Por essa ocasião aconteceu-nos a pequena aventura que passo a relatar. Não há dúvida de que serão excluídos os pormenores que poderiam levar o leitor a identificar o colégio ou o criminoso, pois isso seria supérfluo e constrangedor. Um escândalo tão penoso deve permanecer esquecido. Mas com a devida reserva o incidente, em si, pode ser narrado, pois serve para ilustrar uma vez mais as extraordinárias qualidades do meu amigo Holmes. Procurarei evitar os termos que possam definir os acontecimentos em determinado local, ou dar uma indicação das pessoas envolvidas.

Estávamos, então, residindo em quartos mobiliados, perto de uma biblioteca onde Sherlock Holmes fazia estudos sobre as Primeiras Cartas Inglesas, busca que o levou a resultados tão extraordinários, que talvez me sirvam de tema para futuros relatos. Foi ali que, certa noite, recebemos a visita de um Sr. Holton Soames, professor do Colégio de São Lucas. O Sr. Soames era um homem magro, alto, de temperamento nervoso e excitável. Sempre o conhecera como espírito inquieto, mas naquele momento estava em tal estado de agitação, que demonstrava claramente que algo de estranho acontecera.

— Espero, Sr. Holmes, que possa dedicar-me algumas horas do seu precioso tempo. Tivemos, em São Lucas, um incidente desagradável, e se não fosse a feliz coincidência da sua presença na nossa cidade eu ficaria sem saber o que fazer.

— Presentemente, encontro-me muito ocupado, e não desejo desviar a minha atenção da matéria que me prende — descartou-se Holmes. — Preferia que o senhor pedisse o auxílio da polícia.

— Não, meu caro senhor! Isso é impossível. Quando se apela às autoridades, estas não podem depois ser afastadas, e trata-se de um caso em que, pela honra do colégio, é necessário evitar-se um escândalo. A sua discrição é tão famosa quanto a sua competência, Sr. Holmes, e o senhor é o único homem no mundo que poderá ajudar-me. Suplico-lhe que faça o possível.

O humor do meu amigo não melhorara, desde que se vira privado da atmosfera familiar da Baker Street. Sem os seus produtos químicos e a sua

desarrumação sentia-se infeliz. Encolheu os ombros, anuindo de má vontade, e o nosso visitante começou a contar a sua história, com palavras apressadas e gestos nervosos.

— Preciso explicar-lhe, Sr. Holmes, que amanhã é o primeiro dia do exame para a Bolsa de Estudos Fortescue. Sou um dos examinadores. A minha matéria é o grego, e um dos primeiros pontos é um grande trecho de tradução, que os candidatos desconhecem. Esse trecho está impresso no papel do exame e, naturalmente, seria de grande vantagem para o aluno poder prepará-lo de antemão. Por esse motivo, são tomadas todas as providências para que o ponto fique em segredo.

Hoje, aproximadamente às três horas, os impressos chegaram da tipografia. O exercício consta de um meio capítulo do livro de Tucídides. Tive de relê-lo cuidadosamente, pois o trecho tem de estar absolutamente correto. Às quatro e trinta, o meu trabalho ainda não estava terminado. Eu prometera ir tomar chá no quarto de um amigo, e deixei as provas sobre a escrivaninha. Permaneci ausente mais de uma hora. O senhor sabe, Sr. Holmes, que as portas do nosso colégio são duplas; uma leve, interior, e outra, exterior, de pesado carvalho. Quando me aproximei da porta externa, fiquei admirado por ver uma chave na fechadura. Por um momento, julguei ter ali deixado a minha, mas, ao procurá-la no bolso, verifiquei que tal não sucedera. O único duplicado que existia pertencia ao meu criado Bannister, que, há dez anos, cuida dos meus aposentos e é de uma honestidade acima de qualquer suspeita. Verifiquei que a chave era a dele e que ele entrara no quarto para saber se eu queria chá e que, ao sair, descuidadamente, deixara a chave na fechadura. A sua ida ao meu quarto deve ter ocorrido logo após a minha saída. Noutra ocasião, este esquecimento teria tido pouca importância, mas naquele dia teve as mais deploráveis consequências.

No momento em que olhei para a escrivaninha, percebi que alguém estivera remexendo nos meus papéis. As provas para o exame constavam de três longas folhas de papel. Eu deixara-as juntas. Vi que uma delas se encontrava longe, no chão; outra, numa pequena mesa e uma outra, onde eu a deixara.

Holmes moveu-se pela primeira vez.

— A primeira no chão, a segunda perto da janela e a terceira, sobre a escrivaninha — precisou o meu amigo.

— Espantoso, Sr. Holmes. Como pôde saber a posição exata das folhas?

— Faça o favor de continuar a sua interessante exposição.

— Por um momento, pensei que o meu criado tivesse tomado a imperdoável liberdade de examinar os meus papéis. Mas Bannister negou o fato com veemência, e fiquei convencido de que era sincero. A outra hipótese era alguém ter passado pela porta e, ao ver a chave, entrado para examinar os papéis. Está em jogo uma grande quantia, Sr. Holmes, pois a bolsa de estudos é valiosa e um homem sem escrúpulos poderia arriscar-se para obter vantagens sobre os outros concorrentes.

Bannister ficou muito perturbado quando percebemos que tinham mexido nas provas. Dei-lhe um pouco de conhaque e deixei-o abatido, numa cadeira, enquanto examinava cuidadosamente o quarto. Logo verifiquei que o intruso deixara outros vestígios da sua presença, além dos papéis em desordem. Na mesinha da janela havia várias aparas de um lápis que fora afiado. Também havia um pedaço da ponta, quebrada. Evidentemente o patife copiara a prova, às pressas, quebrara a ponta do lápis e tivera de apontá-lo de novo.

— Ótimo! — exultou Holmes, a quem o bom-humor voltava, à medida que o seu interesse aumentava. — A sorte foi-lhe propícia.

— A minha escrivaninha é nova, com o tampo forrado de couro vermelho. Estou pronto a jurar, assim como Bannister, que a superfície estava macia e sem manchas. Pois, agora, apresenta um corte de três polegadas de comprimento! Não apenas um risco, mas sim um corte. Além disso, encontrei sobre a mesa um minúsculo torrão de argila, com pontinhos que pareciam serragem. Tenho certeza de que esses vestígios foram deixados pelo homem que remexeu nos papéis. Não havia pegadas nem outros sinais da sua identidade. Fiquei sem saber o que fazer, mas felizmente lembrei-me de que o senhor estava na cidade, de modo que vim procurá-lo imediatamente. Por favor, ajude-me, Sr. Holmes! Compreenda o meu dilema. Tenho de encontrar o homem, ou o exame terá de ser adiado até que obtenham novas provas. Uma vez que isto não pode ser feito sem explicações, surtirá um terrível escândalo, que não só atingirá o colégio, mas toda a Universidade. Antes de mais nada, desejo a máxima discrição.

— Terei muito prazer em investigar e auxiliá-lo no que puder — anuiu Holmes, erguendo-se e vestindo o sobretudo. — O caso não é destituído de interesse. Alguém visitou os seus aposentos depois de os papéis lhe serem entregues?

— Sim, Daulat Ras, estudante indiano, que mora no mesmo andar, e me veio pedir explicações sobre o exame.

— É um dos candidatos?

- É, sim, senhor.
- E os papéis estavam sobre a mesa?
- Sim, estavam enrolados.
- Pensa que ele poderia ter reconhecido as provas?
- É possível.
- Ninguém mais veio vê-lo?
- Não.
- Alguém sabia que as provas iriam estar ali?
- Alguém, além do tipógrafo?...
- Bannister sabia? — perguntou Holmes.
- Não, claro que não. Ninguém sabia.
- Onde se encontra Bannister, presentemente?
- Estava sentindo-se muito mal! Ficou caído numa cadeira. Eu estava ansioso por vir procurá-lo.
- Deixou a porta aberta?
- Primeiro, trancafeiei os papéis à chave.
- Nesse caso, Sr. Soames, a não ser que o estudante indiano tenha reconhecido o rolo como sendo o das provas, o homem que as examinou deu com elas por mero acaso, sem contar que estivessem ali.
- É o que parece.

Holmes fez um sorriso enigmático.

— Muito bem, vamos até lá — decidiu. — E você, meu caro Watson, se quiser, venha também. Agora, Sr. Soames, estou às suas ordens.

A saleta do nosso cliente dava para o pátio coberto de líquen do velho colégio, onde havia uma janela longa, baixa, gradeada. Uma porta gótica conduzia a uma gasta escada de pedra. No andar térreo ficava o quarto do professor. Acima, moravam três estudantes, um em cada andar. Escurecia, quando lá chegamos. Holmes parou e olhou atentamente para a janela. Depois, aproximou-se e, pondo-se nas pontas dos pés, de pescoço esticado, espreitou para dentro do quarto.

— Ele deve ter entrado pela porta — observou o nosso guia.

— Realmente? — exclamou Holmes, sorrindo singularmente e olhando de relance para o nosso companheiro. — Bom, já que nada encontramos aqui, é melhor procurar lá dentro.

O professor abriu a porta e fez-nos entrar no seu quarto. Ficamos à entrada, enquanto Holmes examinava o tapete.

— Infelizmente, creio que não há marcas neste lugar — observou. — Nem seria provável encontrá-las, em dia tão seco. Parece que o seu empregado já está bem. O senhor diz que o deixou numa cadeira. Que cadeira?

— Perto da janela.

— Compreendo. Ao lado desta mesinha. Já podem entrar. Acabei o exame do tapete. Vamos examinar a mesinha. Não é difícil interpretar o que aconteceu. O homem entrou e apanhou as provas, folha por folha, na escrivaninha. Levou-as para a mesa da janela, de onde veria o senhor chegar atravessando o pátio, podendo então fugir.

— Não lhe seria possível ver-me — retificou o professor —, entrei pela porta do lado.

— Ah, ótimo! Contudo, esta teria sido a idéia do intruso. Deixe-me ver as folhas. Nada de marcas de dedos. Pois bem, apanhou a primeira e copiou-a. Quanto tempo levaria, por mais desembaraçado que fosse? Nunca menos de quinze minutos. Depois, jogou-a fora e apanhou outra. Estava no meio, quando o senhor, Sr. Soames, chegou, forçando-o a uma retirada muito apressada, uma vez que não teve tempo de guardar as provas no mesmo lugar. Assim denunciou a sua presença no quarto. Não ouviu passos apressados na escada, Professor, quando passou pela porta exterior?

— Não, não ouvi coisa alguma.

— Pois bem, ele escrevia tão furiosamente, que quebrou o lápis, tendo de afiá-lo novamente. Isto é interessante, Watson. O lápis não era do tipo mais corrente. Era de tamanho invulgar, mole; a parte de fora, azul-escuro, com o nome do fabricante em letras prateadas, e o pedaço que sobra não tem mais do que quatro centímetros de comprimento. Procure esse lápis, Sr. Soames, e terá o seu homem. Acrescento que ele possui uma longa faca afiada, o que constitui mais um indício. O Sr. Soames ficou atônito ao ouvir estas informações.

— Posso compreender o curso da sua dedução — confessou —, mas, quanto ao comprimento do lápis...

Holmes ergueu uma das lascas, onde se viam as letras NN e um espaço de madeira livre depois delas.

— Vê? — apontou.

— Ainda não compreendo...

Holmes explicou:

— Que poderia NN significar? É o final de uma palavra, Watson. Você sabe que Johann Faber é a marca de lápis mais comum. Não vê que o que sobra do lápis é exatamente o que costuma sobrar, após Johann? — Holmes virou a mesinha de lado, para a luz. — Tinha esperanças de que, se o papel onde ele escreveu fosse fino, ficasse qualquer marca na superfície polida da mesa. Mas nada vejo. Creio que nada mais podemos apurar neste local. Vamos ver a escrivaninha. Suponho que este torrão seja aquele a que o senhor se referiu. Triangular. Parece que há nele grãos de serragem. Interessante, não há dúvida. E o corte no couro, um rasgão, pelo que vejo. Começa com um risco e acaba num buraco. Fico-lhe muito grato por ter chamado a minha atenção para este pormenor, Sr. Soames. Para onde dá aquela porta?

— Para o meu quarto.

— Esteve lá, após a sua descoberta?

— Não, senhor. Fui pedir imediatamente o seu auxílio.

— Gostaria de vê-lo... Que quarto encantador, antigo! Peço-lhe que espere um minuto, enquanto examino o soalho... Não descubro coisa alguma... E esta cortina!... Ah, vejo que guarda atrás dela as suas roupas. Se alguém tivesse de esconder-se no quarto, só poderia fazê-lo neste lugar, já que a cama é muito baixa e o armário muito estreito. Creio que já pessoa alguma está aqui...

Quando Holmes abriu a cortina, notei que estava preparado para qualquer emergência. Mas nada havia ali, além de três ou quatro casacos de homem. Holmes virou-se e de repente abaixou-se para examinar o chão.

— Olhem, que é isto?

Era um torrãozinho escuro, igual ao que víamos na escrivaninha. Holmes colocou-o na palma da mão e examinou-o.

— O visitante deixou vestígios no seu quarto, assim como no escritório, Sr. Soames.

— Que poderia querer ele aí?

— Parece-me simples. O senhor veio inesperadamente e ele não o notou até o senhor chegar à porta. Que poderia fazer? Agarrou tudo que pudesse denunciar a sua presença e escondeu-se no quarto.

— Santo Deus, Sr. Holmes! Quer dizer que, enquanto eu falava com Bannister, nesta sala, poderíamos ter surpreendido o homem no quarto?

— É a minha opinião.

— Mas não haverá possibilidade, Sr. Holmes? Parece-me que o senhor ainda não examinou a janela do meu quarto.

— Sim, examinei, e sei que permitiria a passagem de um homem.

— Exatamente. E dá para um canto do pátio, de modo que fica parcialmente escondida. O homem poderia ter entrado por ali, deixando vestígios ao passar pelo quarto, e saído depois pela porta, ao encontrá-la aberta.

Holmes abanou a cabeça e replicou:

— Sejam os práticos. Creio tê-lo ouvido dizer que três estudantes se servem desta escada e costumam passar diante da sua porta?

— Exatamente.

— E todos os três estão inscritos no exame de amanhã?

— Estão, sim.

— Tem algum motivo para suspeitar de algum deles, em especial?

— É uma pergunta muito delicada. Ninguém gosta de emitir suspeitas sem possuir provas.

— Ouçamos as suspeitas. Deixe as provas por minha conta.

— Falarei, então, sobre o caráter dos três rapazes. O do andar de baixo é Gilchrist, bom estudante e ótimo atleta; joga *rugby* e *cricket* pelo colégio. É um rapaz distinto, viril. Seu pai foi o célebre *Sir* Jabez Gilchrist, que se arruinou nas corridas de cavalos. O filho ficou muito pobre, mas é estudioso e aplicado. Fará um bom exame. No segundo andar, mora Daulat Ras, o indiano. É um rapaz quieto, reservado, como em geral todos os seus compatriotas. Está preparado, embora o grego seja o seu ponto fraco. Rapaz firme e metódico. No andar de cima, mora Miles McLaren. É brilhante, quando se lembra de estudar, uma das mais vivas inteligências da universidade, mas é desorganizado e sem grandes princípios. Quase foi expulso no primeiro ano, por causa de um jogo de cartas. Vadiou durante todo o semestre, e creio que receia o exame de amanhã.

— Então é dele que o senhor suspeita?

— Não irei tão longe. Mas, dos três, é o mais provável.

— Perfeitamente, Sr. Soames. Agora, gostaria de falar com o seu criado, Bannister.

Bannister era um homem franzino, de cara rapada e cabelos grisalhos, aparentando cerca de cinquenta anos. Ainda parecia sofrer as conseqüências da ocorrência que lhe perturbara a calma rotina da vida. O seu rosto tinha contrações nervosas e as mãos tremiam-lhe.

— Estamos investigando o desagradável incidente, Bannister — disse-lhe o patrão.

— Sim, senhor.

— Deixou realmente a chave na porta? — interveio Holmes.

— Sim, senhor.

— Não é estranho que tenha feito isso, justamente no dia em que as provas se encontravam no quarto?

— Foi uma infelicidade, senhor. Mas não é a primeira vez que tal acontece.

— Quando foi que entrou no quarto?

— Mais ou menos, às quatro e meia. Era a hora do chá do Sr. Soames.

— Quanto tempo permaneceu aqui?

— Ao ver que o professor não estava, saí imediatamente.

— Olhou para os papéis, sobre a escrivaninha?

— Não, senhor, claro que não.

— Como é que deixou a chave na porta?

— Estava com a bandeja de chá nas mãos. Pensei em voltar para levar a chave, mas esqueci-me.

— A porta exterior estava fechada à chave?

— Não, senhor.

— Então ficou aberta todo o tempo?

— Sim, senhor.

— Qualquer pessoa que estivesse no quarto poderia sair?

— Sim, senhor.

— Quando o Sr. Soames voltou e o chamou, ficou muito perturbado?

— Sim, senhor. Nunca aconteceu tal coisa, durante todos os anos que tenho aqui estado. Quase desmaiei.

— Foi o que me disseram. Onde se encontrava quando começou a sentir-se mal?

— Mas... aqui, perto da porta.

— É estranho, pois foi sentar-se naquela cadeira, do outro lado. Por que passou por todas estas outras cadeiras?

— Não sei, senhor. Qualquer cadeira me servia.

O professor interveio.

— Creio que Bannister não sabe grande coisa, Sr. Holmes. Estava muito perturbado, branco como a cal.

— Ficou aqui, depois de o seu patrão ter saído?

— Apenas um minuto ou dois. Depois, fechei o quarto e fui para o meu.

— De quem desconfia?

— Oh! Não me atrevo a dar uma opinião. Não creio que haja um rapaz, nesta universidade, capaz de praticar tal ato. Não posso acreditar...

— Muito obrigado. É tudo... — disse Holmes. — Ah, já agora, mais uma palavra. Não informou nenhum dos três rapazes acerca do que tinha acontecido?

— Não, senhor.

— Não viu nenhum deles?

— Não, senhor.

— Muito bem. Agora, Sr. Soames, convinha darmos uma volta pelo pátio.

Três retângulos amarelos de luz brilhavam acima das nossas cabeças quando nos vimos no pátio no meio da tarde que caía.

— Os seus três pássaros estão no ninho — observou Holmes, erguendo os olhos. — Olhe! Parece que um deles está muito agitado.

Era o indiano, cuja negra silhueta se delineara na cortina. Andava de um lado para o outro.

— Gostaria de dar uma olhadela em cada um deles — sugeriu Holmes.

— Será possível?

— Sem dúvida — anuiu o professor. — Esses quartos são os mais antigos do colégio e não é raro serem visitados. Vamos. Poderei apresentá-lo...

— Nada de nomes, por favor! — pediu Holmes, quando chegamos à porta de Gilchrist.

Fomos recebidos por um rapaz alto, magro, de cabelos claros, que nos acolheu cordialmente, quando soube a que vínhamos. A arquitetura medieval era de fato atraente. Holmes estava tão interessado, que insistiu em esboçar alguns desenhos no seu bloco de notas, mas quebrou o lápis e

teve de pedir um emprestado ao dono do quarto, acabando por pedir uma faca para afiá-lo. A mesma coisa aconteceu no quarto do indiano, um rapaz tranqüilo, de nariz aquilino, que nos olhou sem amabilidade e ficou satisfeito quando Holmes acabou com os seus estudo arquitetônicos. Não achei que o meu amigo tivesse obtido resultado em qualquer dos casos. Só no terceiro, a nossa visita não surtiu efeito. Quando batemos, não só não nos abriram a porta, mas também ouvimos impropérios.

— Não me importa quem sejam! — gritou o locatário. — Podem ir para o inferno! O exame é amanhã e não quero que me perturbem.

— Indivíduo grosseiro — resmungou o professor, vermelho de raiva, quando nos afastamos. — Claro que não sabia que era eu quem estava batendo, mas, de qualquer maneira, foi muito desagradável, e convenhamos que, dadas as circunstâncias, a sua atitude é suspeita.

A reação de Holmes foi curiosa.

— Pode dizer-me qual a altura do rapaz? — sondou.

— Francamente, Sr. Holmes, não posso dizer-lhe ao certo. É mais alto do que o indiano, mas não tanto como Gilchrist. Creio que tem um metro e sessenta e cinco, aproximadamente.

— Isso é muito importante — considerou Holmes. — E agora, boa noite, Sr. Soames.

O professor pareceu consternado.

— Santo Deus, Sr. Holmes! O senhor não vai abandonar-me, assim, tão bruscamente? Não parece compreender a situação. O exame é amanhã. Preciso tomar sérias providências, ainda hoje à noite. Não posso permitir que o exame se realize, uma vez que houve uma irregularidade tão grave. Temos de enfrentar a situação.

— Deixe as coisas como estão. Virei aqui, amanhã cedo, e conversaremos sobre o caso. É possível que, então, possa indicar uma maneira de agir. Entretanto, não faça coisa alguma. Nada, mesmo.

— Muito bem, Sr. Holmes.

— Pode ficar tranqüilo, que encontraremos uma solução. Levarei comigo o torrão de argila, assim como as aparas do lápis. Até amanhã.

Quando nos vimos na escuridão do pátio, novamente erguemos os olhos para as janelas. O indiano ainda passeava para trás e para diante. Os outros estavam invisíveis.

— Então, Watson, que me diz? — desafiou Holmes, quando chegamos à rua. — Jogo de salão, hein? O truque das três cartas. Lá estão os seus três homens. Escolha um. Qual deles?

— O rapaz malcriado, do andar de cima. É o que tem pior cadastro. Mas o indiano também me pareceu um indivíduo dissimulado. Por que haveria de andar de um lado para o outro, o tempo todo?

— Isso não quer dizer nada. Muitas pessoas gostam de andar, quando estão decorando qualquer matéria.

— Mas olhou-nos de maneira estranha.

— Você faria o mesmo, se um bando de desconhecidos lhe caísse em cima, na véspera do exame, quando cada minuto tem enorme importância. Não, nada vejo aí. Lápis e facas, tudo em ordem. Mas aquele sujeito deixa-me perplexo.

— Quem?

— Bannister, o criado. Qual será o seu jogo?

— Pareceu-me um homem honesto.

— A mim também. E é isso que me deixa perplexo. Por que haveria um homem honesto de... Bom, ali está uma papelaria. Começaremos a nossa busca por aqui.

Havia apenas quatro papelarias de certa importância na cidade. Em todas elas, Holmes mostrou as aparas do lápis e pediu um outro da mesma marca. Todos disseram que poderiam encomendar, mas que, embora a marca fosse comum, não era um tamanho vulgar, e que nunca tinham tido daquele tipo em estoque. Holmes não pareceu aborrecido com o fracasso. Encolheu os ombros, resignado.

— Não adianta, Watson. Era a nossa melhor pista, mas não resultou! Contudo, creio que o caso se manterá de pé, mesmo sem ela. Com os diabos! São quase nove horas e a nossa senhoria falou em servir ervilhas às sete e meia. Com a sua mania de fumar, Watson, e a sua falta de pontualidade às refeições, creio que ouvirá protestos e que sofrerei o mesmo. Mas nunca antes de termos resolvido o problema do nervoso professor, do criado descuidado e dos três audaciosos estudantes.

Holmes não fez mais qualquer alusão ao caso, embora tivesse ficado pensativo após o nosso jantar tardio.

No dia seguinte, às oito da manhã, entrou no meu quarto justamente quando eu acabava de vestir-me.

— Então, Watson, está na hora de irmos para a universidade. Pode passar sem o seu desjejum?

— Claro que sim.

— Soames deve estar sobre brasas, à espera de que eu lhe comunique algo de positivo.

— E tem alguma coisa de positivo para dizer-lhe?

— Creio que sim.

— Chegou a uma conclusão?

— Sim, meu caro Watson. Resolvi o mistério.

— Mas... que novos indícios conseguiu?

— Ah!... Não foi em vão que saí da cama a uma hora tão imprópria: às seis da manhã! Trabalhei arduamente, e caminhei pelo menos cinco quilômetros. Mas o resultado valeu a pena. Olhe para isto!

Holmes abriu a mão e vi nela três torrõezinhos de terra escura.

— Mas, Holmes, ontem você só tinha dois!

— Obtive o outro, esta manhã. Creio que tenho um bom argumento: de onde veio o número três, vieram também os números um e dois. Então, Watson?... Vamos tranquilizar o amigo Soames.

O infeliz professor estava num deplorável estado de agitação quando o vimos no seu quarto. Dali a poucas horas começaria o exame e ele ainda se achava num dilema, sem saber se cancelaria a prova, tornando o fato público, ou se permitira que o culpado concorresse à bolsa de estudos. Mal podia manter-se de pé, tal a sua agitação, e correu para Holmes de mãos estendidas, assim que o viu aparecer.

— Graças a Deus que chegou! Reccei que tivesse desistido, por já não ter esperanças. Que devo fazer? Permito que o exame se realize?

— Sem a menor dúvida.

— Mas... e o patife?

— Esse não concorrerá.

— Já sabe quem é?

— Creio que sim. Para que o caso não se torne público, temos de atribuir-nos certos poderes e organizar um pequeno tribunal marcial. Fique ali, Soames. Você, Watson, aqui! Vou instalar-me na poltrona do centro. Creio que estamos suficientemente imponentes, para assustarmos uma consciência culpada. Faça o favor de tocar à campainha.

Bannister apareceu, mas recuou, surpreso e amedrontado perante a nossa aparência de juízes.

— Faça o favor de fechar a porta — indicou Holmes. — Agora, Bannister, quer ter a bondade de contar a verdade sobre o incidente de ontem?

O homem empalideceu.

— Já contei tudo, senhor.

— Nada tem a acrescentar?

— Nada, senhor.

— Então, vou fazer algumas sugestões. Quando você, ontem, se sentou naquela cadeira, não o fez para esconder um objeto que teria denunciado quem estivesse no quarto?

Bannister estava simplesmente lívido.

— Não, senhor! Claro que não.

— É apenas uma sugestão — prosseguiu Holmes suavemente. — Confesso que nada poderia provar. Mas é o que parece admissível. Logo que o Sr. Soames virou as costas, você libertou o homem que estava escondido no outro quarto.

Bannister umedeceu com a língua os lábios secos.

— Não havia homem algum, senhor.

— É pena, Bannister. Até aqui, você falou a verdade, mas agora tenho certeza de que mentiu.

O homem arvorava, agora, um ar de desafio sombrio.

— Não havia homem nenhum, senhor.

— Então, Bannister, confesse.

— Não, senhor, não havia ninguém.

— Nesse caso, não pode prestar-nos qualquer informação? Quer fazer o favor de ficar nesta sala? Agora, Sr. Soames, gostaria que fosse até o quarto do estudante Gilchrist, para pedir-lhe que venha até aqui.

Dali a momentos, o professor regressou com o aluno. Era um rapaz simpático, alto, ágil, de andar vivo e rosto franco. Os olhos azuis viram-nos de relance, parecendo perturbado e, finalmente, com expressão consternada, detiveram-se em Bannister, que se achava num canto.

— Feche a porta — indicou Holmes. — Agora, Sr. Gilchrist, estamos sós, e ninguém precisará saber o que aqui se passou entre nós. Podemos

falar com absoluta franqueza. Queremos saber, Sr. Gilchrist, como é que o senhor, um homem honrado, chegou a cometer a ação que ontem praticou.

O infeliz rapaz cambaleou, olhando para Bannister com desalento e censura.

— Não, Sr. Gilchrist! — gritou o criado. — Não disse uma única palavra!

— Não, mas disse agora — sublinhou Holmes. — Então, meu rapaz, pelas palavras de Bannister, pode ver que a sua situação é melindrosa, e que a sua única esperança reside numa confissão franca.

De mão erguida, Gilchrist ainda tentou, durante alguns segundos, dominar-se. Depois, atirou-se ao chão de joelhos, ao lado da escrivaninha, escondendo o rosto nas mãos e soluçando.

— Então, meu rapaz! — animou Holmes, brandamente. — Errar é humano e, pelo menos, ninguém pode acusá-lo de ser reincidente. Talvez prefira ser eu a contar ao Sr. Soames o que aconteceu? Poderá corrigir-me, se eu estiver enganado. Não precisa responder. Escute e veja que não sou injusto.

Holmes dirigiu-se ao professor.

— No momento em que me disse que ninguém, nem mesmo Bannister, poderia saber que as provas se encontravam no seu quarto, Sr. Soames, o caso começou a definir-se na minha mente. Quanto ao tipógrafo, não devia estar implicado, embora tivesse podido deixar o rapaz ver as provas na oficina. Também não pensei no indiano. Se as provas estavam embrulhadas, ele não poderia tê-las reconhecido, quando veio ao seu quarto. Por outro lado, parecia uma coincidência incrível que um rapaz ousasse entrar no seu quarto e, logo por acaso, encontrasse ali as provas, nesse mesmo dia. Afastei esta hipótese. Mas, então, como poderia ele ter sabido?

Quando me aproximei do seu quarto, examinei a janela. O senhor divertiu-me, supondo que eu admitia a hipótese de alguém ter, em pleno dia, à vista dos outros quartos, ousado penetrar aqui. A idéia era absurda. Contudo eu calculava que altura precisaria ter um homem para poder enxergar, ao passar pela janela, que as provas se encontravam na escrivaninha. Tenho um metro e oitenta de altura e só consegui vê-las com dificuldade. Nenhum homem, mais baixo, poderia espreitar para dentro do quarto. Achei, portanto, que se um dos seus estudantes fosse muito alto, era sobre ele que deveriam recair as nossas suspeitas.

Entrei no seu quarto, Sr. Soames, e ao descrever-me os estudantes, o senhor disse que Gilchrist era atleta, saltador. Vi imediatamente como tudo ocorrera. Precisava apenas obter provas, o que não me foi difícil.

Eis o que aconteceu. O rapaz passara a tarde no campo de atletismo, treinando-se em saltos. Voltou trazendo os sapatos de desporto que têm solas com pregos. Ao passar pela janela, e por ser muito alto, viu que as provas estavam sobre a escrivaninha. Nada de mal teria acontecido se ele não tivesse visto, ao passar pela porta, a chave de que o criado aí se esquecera. Teve a súbita tentação de entrar, para ver se realmente eram as provas. Não era muito arriscado, pois poderia sempre dizer que entrara para fazer uma pergunta. Pois bem, quando viu que eram realmente as provas, sucumbiu à tentação. Pôs os sapatos na escrivaninha. — Holmes perguntou a Gilchrist: — Que foi que deixou na cadeira perto da janela?

— As luvas — respondeu o rapaz.

Holmes fitou Bannister com ar de triunfo.

— Pôs as luvas na cadeira e levou as provas, uma a uma, para copiá-las, junto da janela. Calculou que o professor voltaria pelo portão principal e que, dali, poderia vê-lo chegar. Mas, como sabemos, Sr. Soames entrou pelo portão lateral. De repente, Gilchrist ouviu-o à porta. Não podia fugir. Esqueceu-se das luvas, mas agarrou os sapatos e escondeu-se no quarto. Podem ver que o risco na escrivaninha é leve de um lado, mas que se aprofunda na direção do quarto. Isto basta para nos provar que foi este o rumo que tomou o culpado. A terra, à volta de um prego, ficou na escrivaninha e um segundo torrão caiu no quarto. Hoje de manhã, fui a pé até o campo de atletismo, vi a argila escura que existe na pista de treinos de saltos e trouxe uma amostra, salpicada de serragem que usam para que os atletas não escorreguem. É isto, Sr. Gilchrist?

O estudante, erguera-se.

— Sim, senhor.

— Santo Deus, nada mais tem a dizer? — exclamou Soames.

— Sim, senhor, tenho, mas o choque deixou-me perturbado. Tenho aqui uma carta, Sr. Soames, que lhe escrevi no meio da noite. Foi redigida antes de saber que o meu crime já fora descoberto. Aqui está:

“Resolvi não fazer o exame. Ofereceram-me um lugar, na Polícia da Rodésia, e sigo imediatamente para a África do Sul.”

— Fico satisfeito por ver que não pretendia aproveitar-se da vantagem que obtive — apreciou Soames. — Mas, por que mudou de idéia?

Gilchrist indicou Bannister.

— Ali está o homem que me pôs no bom caminho — declarou.

— Está vendo, Bannister? — interveio Holmes. — Como previ, a única pessoa que poderia libertar o rapaz seria você, visto que ficou aqui no quarto e fechou a porta depois de sair. Quanto a ele ter saltado pela janela, é inadmissível. Não quer esclarecer este último ponto do mistério e explicar a razão do seu ato?

— Bem, há um fato que, apesar de toda a sua inteligência, o senhor não poderia adivinhar. Durante algum tempo, fui mordomo de *Sir Jabez Gilchrist*, pai do Sr. Gilchrist. Quando ele perdeu a fortuna, empreguei-me aqui na universidade, mas não me esqueci do meu patrão. Cuidei do filho, como pude, por amor aos velhos tempos. Pois bem, senhor, quando ontem entrei aqui, depois do incidente, a primeira coisa que vi foram as luvas do Sr. Gilchrist sobre aquela cadeira. Conhecia as luvas e sabia o que a sua presença significava. Se o Sr. Soames as visse, estaria tudo perdido. Sentei-me em cima delas e ninguém dali me tiraria, até o Sr. Soames sair. Depois, Gilchrist saiu do quarto; ele, que eu carregara no colo, confessou-me tudo. Não era natural que eu o salvasse? Não era também natural que eu lhe falasse como o seu velho pai lhe teria feito, se fosse vivo? Procurei levá-lo a compreender que não poderia aproveitar-se do que fizera. Acha a minha ação censurável?

— Não! — exclamou Holmes, erguendo-se. — Pois bem, Sr. Soames, desvendamos o mistério e o café está à nossa espera. Venha, Watson. Quanto ao senhor, Sr. Gilchrist, espero que tenha um brilhante futuro na Rodésia. Por uma vez caiu; vejamos, no futuro, a que altura poderá subir.



A CICLISTA SOLITÁRIA

N o período compreendido entre os anos de 1894 e 1901 inclusive, o Sr. Sherlock Holmes andou muito ocupado. Pode afirmar-se que não houve caso algum difícil, em que nesses oito anos não fosse consultado, e houve centenas de casos particulares, alguns até extraordinários, em que representou papel importante. Inúmeros grandes sucessos e alguns inevitáveis fracassos encheram esse período de trabalho contínuo.

Como guardei anotações completas acerca desses casos, e até participei em alguns, não me será fácil selecionar os que deva apresentar ao público. No entanto, permanecerei fiel à minha antiga norma, que é dar preferência àqueles que apresentam interesse, não pela violência do crime, mas pelo engenho e dramaticidade da solução.

Assim, passo a expor o caso da Srta. Violet Smith, a ciclista solitária de Charlington, e a curiosa seqüência das nossas investigações que culminaram numa inesperada tragédia. É verdade que as circunstâncias não permitiram uma extraordinária demonstração dos dons que tornaram o meu amigo famoso, mas no caso há pormenores que o colocaram em destaque no meio da série de crimes de que faço a narrativa.

Consultando o meu caderno de 1895, verifico ter sido num sábado, dia 23 de abril, que, pela primeira vez, ouvimos falar da Srta. Violet Smith. Lembro-me de que a sua visita desagradou a Holmes que, naquele momento, se embrenhara num problema relacionado com a estranha perseguição de que fora vítima John Vincent Harden, o conhecido “Rei do Tabaco”.

O meu amigo que, acima de tudo, gostava de precisão e de concentração, aborrecia-se com qualquer coisa que desviasse a sua atenção do assunto em que se empenhava no momento. Mas, sem rudeza estranha ao seu temperamento, dispôs-se a ouvir a história daquela mulher jovem e bela, alta e graciosa, que se apresentou na Baker Street, já muito tarde, implorando a assistência de Holmes. A jovem viera contar a sua história e era evidente que nada a faria sair dali sem realizar o seu intento. Com ar de resignação e um sorriso cansado, Holmes convidou-a a sentar-se e a expor o que a preocupava.

— Pelo menos, não se trata de uma questão de saúde — disse ele, examinando-a com o olhar. — Uma ciclista tão entusiasta deve possuir muita energia.

A jovem relanceou os olhos para os sapatos e notei uma aspereza no lado da sola, causada pela fricção dos pedais.

— Sim, ando muito de bicicleta, Sr. Holmes, e isso relaciona-se com a minha visita.

O meu amigo segurou a mão da jovem e examinou-a com um pouco do romantismo que um cientista demonstra por um espécime.

— Peço-lhe que me desculpe. Faz parte do assunto — disse ele, largando-lhe a mão. — Quase caí no erro de supor que era datilógrafa. Não há dúvida de que se dedica à música. Veja as pontas dos dedos, espatuladas, Watson, consequência de ambas as profissões. Apresenta uma espiritualidade na expressão... — Aqui, virou de leve o rosto da jovem para a luz — ... que não se espera numa datilógrafa. Esta senhora é uma artista.

— É verdade, Sr. Holmes, sou professora de música.

— No campo, suponho eu, pelo seu tom de pele.

— Sim, senhor, perto de Farnham, nos limites de Surrey.

— Um belo lugar, cheio de interessantes recordações. Lembra-se, Watson, que foi aí que apanhamos Archie Stamford, o falsificador? Agora, Srta. Violet, conte-nos o que lhe aconteceu em Farnham?

Com clareza e calma, a jovem relatou:

— Meu pai já morreu, Sr. Holmes. Era James Smith, regente da orquestra do velho “Imperial Theatre”. Minha mãe e eu ficamos sem nenhum parente, a não ser um tio, Ralph Smith, que partira para a África, vinte e cinco anos antes, e de quem jamais tivéramos notícias. Depois da morte de meu pai, ficamos pobres, mas um dia disseram-nos que fora publicado no *Times* um anúncio, indagando nosso paradeiro. Ficamos excitadas, pois imaginamos que alguém nos deixara uma fortuna. Dirigimo-nos imediatamente ao escritório do advogado, cujo nome viera no jornal, e conhecemos dois senhores, Sr. Carruthers e Sr. Woodley, que tinham chegado da África do Sul. Declararam ser amigos de meu tio; que este morrera, meses antes, pobre, em Joanesburgo, e que, à hora da morte, lhes suplicara que nos procurassem e não permitissem que tivéssemos dificuldades monetárias. Pareceu-nos estranho que o tio Ralph, que em vida nunca se preocupara conosco, tivesse decidido interessar-se por nós, na hora da morte, mas o Sr. Carruthers explicou que meu tio acabara de ter notícia da morte de meu pai e que, portanto, se sentia responsável por nós.

— Desculpe-me — interrompeu Holmes. — Quando ocorreu essa conversa?

— Em dezembro, há quatro meses.

— Queira continuar.

— O Sr. Woodley pareceu-me ser uma criatura odiosa. Esteve sempre olhando para mim, de maneira desagradável, e tinha um rosto grosseiro e balofo, bigode ruivo, cabelos empastados de cada lado da testa. Achei-o detestável e tive certeza de que Cyril não gostaria que eu conhecesse aquele sujeito.

— Oh, ele chama-se Cyril! — observou Holmes, sorrindo.

A jovem corou e riu.

— Sim, Sr. Holmes! Cyril Morton. É engenheiro eletrotécnico e esperamos casar-nos no fim do verão. Santo Deus, como me descaí a mencioná-lo! Queria dizer que o Sr. Woodley era profundamente antipático e que o Sr. Carruthers, embora muito mais velho, me deixou melhor impressão. Homem moreno, pálido, bem barbeado, silencioso, mas de maneiras educadas, e com um sorriso simpático. Perguntou-nos como estávamos de finanças e, ao saber que éramos pobres, sugeriu que eu desse lições de música à sua filha, de dez anos de idade. Respondi que não gostaria de deixar minha mãe e ele propôs que eu passasse com ela todos os fins de semana, oferecendo-me cem libras por ano, o que considerei uma ótima remuneração. Acabei de aceitar e fui para Chiltern Grange, a seis milhas de Farnham. O Sr. Carruthers disse que era viúvo, mas empregara uma governanta, Sra. Dixon, senhora já de idade, muito respeitável, para tomar conta da casa. A menina era muito boazinha e tudo corria bem. O Sr. Carruthers era amável e apreciava bastante música, de modo que passávamos noites agradáveis. E, todos os fins de semana, eu ia visitar minha mãe.

O primeiro aborrecimento foi a chegada do Sr. Woodley. Veio apenas por uma semana, mas pareceu-me que se demorou meses! Era muito antipático e queria mandar em toda a gente e, comigo, foi pior ainda. Fez-me a corte de maneira odiosa, gabou-se da sua fortuna e declarou que, se me casasse com ele, teria os mais belos brilhantes de Londres. Finalmente, certo dia após o jantar, como eu não lhe desse importância, agarrou-me com força, ameaçando não me largar enquanto não o beijasse. O Sr. Carruthers apareceu e afastou-o para longe de mim, mas o homem virou-se contra ele e deu-lhe um murro, derrubando-o e ferindo-o no rosto. Como o senhor deve calcular, foi o fim da visita. O Sr. Carruthers pediu-me desculpa, prometendo-me que nunca mais ficaria sujeita a tais insultos. Nunca mais vi o Sr. Woodley.

E agora, Holmes, vou referir-me à ocorrência que me fez vir procurá-lo, para pedir-lhe conselho. Todos os sábados, costumo ir de bicicleta à estação de Farnham, para apanhar o trem das doze e vinte e dois. A estrada é deserta e existe um pedaço ainda mais isolado, de cerca de um quilômetro, que corre entre a charneca de Charlington, de um lado, e a mata que rodeia o solar de Charlington, do outro. Não seria possível encontrar estrada mais solitária e é raro encontrar-se ali uma carroça, ou camponês, até chegar à estrada real, perto de Cooksbury Hill.

Há duas semanas, quando passava por lá, olhei por acaso para trás e vi um homem, também de bicicleta. Parecia de meia-idade, com barba curta e preta. Tornei a olhar, antes de chegar a Farnham, mas o homem desaparecera, de modo que não pensei mais no caso. Contudo, na segunda-feira, voltei a ver o mesmo homem naquele pedaço da estrada. O meu espanto aumentou, quando o fato se repetiu no sábado e na segunda-feira seguintes. Ele mantinha-se sempre afastado, não me incomodando de maneira alguma, mas o fato não deixa de ser estranho! Falei sobre isto ao Sr. Carruthers, que pareceu interessado. Disse-me que encomendara uma charrete e um cavalo, para que, dali em diante, eu não passasse sozinha por aquele lugar.

Tanto o cavalo como a charrete deviam ser entregues naquela semana, mas não chegaram, de modo que, de novo, tive de ir de bicicleta para a estação. Foi hoje de manhã. É claro que, ao chegar àquele lugar, olhei para trás; lá estava o homem, exatamente como nos dias anteriores. Ficava sempre tão distante, que não podia ver-lhe o rosto, mas tenho certeza de que não é pessoa que eu conheça. Sempre de escuro, com boné de pano. A única coisa que podia distinguir-lhe era a barba preta. Hoje não fiquei alarmada, mas curiosa, decidida a ver quem era e o que queria. Parei, e ele parou. Preparei-lhe então uma armadilha. Há uma curva estreita na estrada. Pedalei vivamente até lá e depois parei, à espera de vê-lo passar por mim, sem ter oportunidade de parar. Mas não apareceu. Voltei e olhei do outro lado da curva. Podia abranger um quilômetro de estrada, mas o homem sumira. O mais extraordinário é que não havia atalho por onde pudesse ter-se desviado.

Holmes esfregou as mãos, dando um estalo com a língua, e inquiriu:

— Quanto tempo se passou, entre o momento em que virou a curva e aquele em que voltou, para olhar a estrada?

— Dois ou três minutos.

— Nesse caso, ele não poderia ter desaparecido na estrada, já que afirma não existir um atalho?

— Não há desvio algum.

— Decerto penetrou por alguma vereda, de um lado ou de outro.

— Não podia ser do lado das urzes, pois eu o teria visto.

— Então, por exclusão, chegamos à conclusão de que se dirigiu para o solar Charlington, que, pelo que me consta, fica no meio de um parque, de um lado da estrada. Mais alguma coisa?

— Nada mais, Sr. Holmes, a não ser ter ficado tão perplexa, que não sosseguei enquanto não vim procurá-lo.

Holmes permaneceu em silêncio por alguns segundos. Depois, argumentou:

— Onde está o seu noivo?

— Trabalha na “Midland Electric Company”, em Coventry.

— Não iria ele fazer-lhe uma visitinha, de surpresa?

— Oh, Sr. Holmes! Não é pessoa para isso.

— Tem tido outros admiradores?

— Muitos, antes de conhecer Cyril.

— E depois?

— Há aquele odioso Sr. Woodley, se é que se lhe pode chamar “admirador”.

— Ninguém mais?

A nossa bela cliente pareceu confusa.

— Bem... — balbuciou.

— Quem é ele? — perguntou Holmes.

— Talvez seja imaginação minha, mas, às vezes, parece-me que meu patrão, o Sr. Carruthers, também se interessa muito por mim. Estamos sempre juntos. À noite, acompanho-o ao piano. Ele nunca insinuou coisa alguma, porque é um perfeito cavalheiro. Mas uma mulher sente essas coisas.

— Ah! — exclamou Holmes, gravemente. — Como ele ganha a vida?

— É rico.

— Tem cavalos, ou carruagens?

— Não, mas, em todo o caso, tem meios de fortuna. Vai à cidade duas ou três vezes por semana, pois interessa-se bastante por ações de minas de ouro, da África do Sul.

— A senhora me colocará a par de qualquer novidade, Srta. Smith. Presentemente estou muito ocupado, mas arranjarei tempo para investigar o seu caso. De qualquer maneira, não atue sem me consultar. Adeus. Espero só receber boas notícias a seu respeito.

A jovem saiu.

— Está na ordem natural das coisas uma jovem, com os predicados da nossa cliente, ter admiradores — considerou Holmes, puxando uma fumaça do cachimbo, com ar pensativo. — Mas não namorados de bicicleta, em estradas desertas. Talvez algum apaixonado secreto. Mas, neste caso, emergem pormenores curiosos e sugestivos, Watson.

— O fato de o homem só aparecer naquele lugar?

— Exatamente. O nosso primeiro passo será descobrir quem mora no solar de Charlington. Depois, qual a relação entre Carruthers e Woodley, já que parecem tipos tão diferentes. Por que motivo se mostraram interessados em procurar a sobrinha de Ralph Smith? Mais uma coisa: que espécie de casa é aquela onde se paga a uma governanta o dobro do salário habitual, mas onde não existe um cavalo, embora a casa fique a seis quilômetros da estação? É muito estranho!

— Vai até lá?

— Não, meu caro Watson. Vá você. Talvez seja uma intrigazinha insignificante e, na dúvida, não posso largar casos mais sérios. Na segunda-feira, você chegará cedo a Farnham; ficará escondido perto da charneca de Charlington; observará os fatos e agirá conforme considerar conveniente. Depois de ter indagado quais os moradores da mansão, voltará para apresentar-me o seu relatório. E agora, meu caro Watson, nem mais uma palavra sobre o assunto até termos alguns sólidos pontos de apoio que nos permitam alcançar a verdade.

Tínhamos sabido, pela jovem, que ela costumava apanhar o trem que parte da estação de Waterloo, às 9 e 50, de modo que saí mais cedo e apanhei o das 9 e 13. Ao chegar a Farnham, não foi difícil saber onde ficava a charneca de Charlington. Era impossível enganar-me quanto ao cenário descrito pela jovem, pois a estrada estende-se entre a charneca aberta, de lado, e uma velha cerca de teixos, do outro, circundando um parque cheio de árvores magníficas. Via-se um portão principal, de pedra coberta de líquen, com pilares nos emblemas heráldicos, mas, além desta entrada, notei diversos intervalos na cerca, de onde se abriam veredas. Não se via a casa da estrada, mas tudo insinuava tristeza e decadência.

A charneca estava coberta por douradas manchas de urzes, brilhando ao sol primaveril. Postei-me atrás de uma dessas moitas, de maneira a ver o portão da mansão e um longo trecho de estrada, de cada lado. Estava deserta quando a deixei, mas depois enxerguei um ciclista, dirigindo-se para o lado de onde eu viera. Envergava um casaco escuro e tinha barba preta. Ao chegar aos limites dos terrenos da mansão Charlington, desceu da bicicleta e enfiou-se, com ela, por um dos intervalos na cerca desaparecendo da minha vista.

Um quarto de hora depois, surgiu novo ciclista. Desta vez era a nossa cliente que vinha da estação. Ao chegar àquele local olhou ao redor. Segundos depois, o homem saiu do esconderijo, pulou para a bicicleta e seguiu a jovem. No vasto cenário, apenas se moviam as figuras da jovem graciosa, muito direita na bicicleta, e a do homem, inclinado sobre o guidão, com ar furtivo. Ela olhou para trás e reduziu o ritmo. Também ele abrandou o seu. A Srta. Smith parou e ele parou imediatamente, ficando a duzentas jardas do ponto onde ela se encontrava. O próximo movimento da jovem foi tão inesperado, quanto enérgico. De repente, virou-se e pedalou com vigor em direção ao perseguidor. Mas o homem foi igualmente rápido, fugindo num ápice. Então, a jovem retomou o seu caminho, de cabeça erguida. O homem também se virara, guardando a distância, até que a curva da estrada o escondeu das minhas vistas.

Permaneci no meu esconderijo e o ciclista regressou lentamente pouco depois. Ao chegar aos portões do solar, desceu da bicicleta. Vi-o, por alguns minutos, no meio das árvores. Erguera as mãos e parecia ajeitar a gravata. Depois, tornou a montar a bicicleta e afastou-se pela alameda, na direção do solar. Corri por entre as urzes e espiei através das árvores. Distingui, ao longe, a velha casa cinzenta, com as suas chaminés, mas a alameda estendia-se pelo meio de árvores e perdi o homem de vista.

Pareceu-me que o meu trabalho da manhã fora rendoso e voltei satisfeito para Farnham. O corretor de imóveis da localidade nada pôde dizer-me acerca do solar de Charlington e sugeriu que me informasse numa conhecida firma, da Pall Mal. Dirigi-me para ali, ao voltar para casa, e fui recebido com cortesia. Declararam não poder alugar-me o solar de Charlington, durante o verão, pois acabava de ser alugado, um mês antes, por um tal Sr. Williamson. Era um senhor de idade, respeitável. Infelizmente, o corretor nada mais podia informar, pois a vida dos clientes não era assunto que pudesse discutir.

Sherlock Holmes ouviu com atenção o relatório que lhe apresentei naquela noite, mas não me dirigiu a palavra de elogio que eu esperava. Pelo contrário, o seu rosto austero ainda mais se sombrou, ao comentar as diligências que eu fizera e as que deixara de fazer.

— O seu esconderijo, meu caro Watson, deixou muito a desejar. Devia ter-se escondido atrás da cerca; daí, teria podido ver, mais de perto, o tal sujeito. Postando-se a centenas de metros de distância, viu ainda menos que a Srta. Smith. Ela julga não conhecer o homem mas penso que o conhece. Do contrário, por que evitaria ele, a todo o custo, que a jovem se aproximasse e lhe visse as feições, inclinando-se sobre o guidão. Quando o homem voltou para casa, você procurou saber quem ele era e, para isso, foi “levantar a lebre” numa firma de corretores de imóveis, em Londres.

— Que devia ter feito? — perguntei, enervado.

— Devia ter ido à taberna mais próxima. É o centro de falatórios. Lá lhe diriam os nomes de todos eles, desde o do patrão até o da criada. Williamson! Não me diz nada. Se for um sujeito idoso, não pode ser o enérgico ciclista, que consegue escapar à atlética perseguição daquela jovem. Que ganhamos com a sua excursão? A certeza de que a história da jovem é verídica? Nunca duvidei dela. Que há uma relação entre o ciclista e o solar? Também já o deduzira. Que o atual dono do solar se chama Williamson? Que nos adianta sabê-lo? Bem, meu caro amigo, não fique tão deprimido. Pouco podemos fazer até o próximo sábado e, enquanto isso, procurarei investigar algumas premissas.

Na manhã seguinte, recebemos um bilhete da Srta. Smith, relatando, com exatidão, os incidentes por mim presenciados. Mas o mais importante vinha em *post scriptum*:

“Tenho a certeza de que respeitará a minha confidência, Sr. Holmes, quando lhe contar que a minha posição aqui se tornou delicada, pelo fato do meu patrão ter-me pedido em casamento. Estou convencida de que os seus sentimentos são sinceros e as suas intenções as mais dignas, mas estou noiva de outra pessoa. Ele aceitou a minha recusa com ar grave, mas delicado. No entanto, o senhor deve compreender que a situação se tornou constrangedora.”

— A nossa amiga parece estar navegando em águas agitadas — observou Holmes, pensativo, ao terminar a carta. — O caso apresenta elementos

interessantes e uma maior possibilidade de agravar-se do que, a princípio, me pareceu. Um dia tranqüilo no campo não me faria mal e estou com vontade de ir até lá hoje à tarde, para testar uma ou duas teorias que elaborei.

O calmo dia de Holmes no campo teve um fim singular, pois chegou tarde à Baker Street, com um lábio cortado, um galo na testa e um aspecto de desordem que o teria tornado alvo de investigação na Scotland Yard. Estava muito animado com a aventura e riu gostosamente ao relatá-la.

— Faço tão pouco exercício que é sempre um prazer mexer as pernas! Você não ignora que sou perito no velho desporto inglês, o boxe. De vez em quando, ajuda. Hoje, por exemplo, teria feito um triste papel e sofrido desagradáveis conseqüências, se não fosse um bom pugilista. Encontrei a taberna de que lhe falei e fiz aí umas perguntas discretas. Fiquei no balcão e o dono da taberna, muito falador, deu-me todas as informações que eu desejava obter. Williamson é um homem de barba branca. Murmura-se que é, ou foi padre, mas um ou dois pormenores do seu comportamento no solar pareceram-me pouco eclesiásticos. Já indaguei a esse respeito, no lugar competente, e fiquei sabendo que houve um padre com esse nome, cuja carreira foi singularmente condenável. O dono da taberna contou-me que o homem recebe certas visitas, aos fins de semana (gente de má aparência), principalmente um homem de bigode ruivo, chamado Sr. Woodley, que nunca falta às reuniões. Tínhamos chegado a este ponto, quando o próprio sujeito entrou na sala. Estivera bebendo cerveja na saleta, e ouvira a nossa conversa. Quem era eu? Que queria? Que significavam aquelas perguntas? O seu tom era violento, e soltou alguns impropérios. Acabou por dar-me um soco que não pude esquivar. Os minutos seguintes foram deliciosos. Mande-i-lhe um direto de esquerda. Saí no estado que vê, mas o Sr. Woodley teve de ir para casa de carro. Acabou assim este meu dia no campo e devo confessar que, por mais agradável que tenha sido, não foi muito mais proveitoso do que o seu.

Na quinta-feira, recebemos outra carta da Srta. Smith:

“Vai ficar admirado, Sr. Holmes, por saber que vou deixar a casa do Sr. Carruthers. Nem mesmo o generoso salário poderá compensar o constrangimento gerado pela situação. No sábado, irei para a cidade e não voltarei mais para cá. O Sr. Carruthers tem agora uma charrete, de modo que o perigo na estrada, se é que houve, deixou de existir.

Quanto ao motivo que me leva a partir, não é tanto o pedido de casamento feito por Carruthers, quanto o reaparecimento do odioso

Sr. Woodley. Sempre foi detestável, mas agora está pior, pois parece que sofreu um acidente e está desfigurado. Vi-o pela janela, mas felizmente não nos encontramos. Manteve uma longa conversa com o Sr. Carruthers e este pareceu-me ter ficado muito excitado. Woodley deve estar hospedado nas redondezas, pois não dormiu aqui. Apesar disso, vi-o novamente de relance, hoje de manhã, correndo furtivamente pelas moitas. Eu preferia ver um animal selvagem, à solta, do que encontrar este indivíduo. Detesto-o e temo-o mais do que gostaria de confessar. Como é que o Sr. Carruthers pode suportar tal criatura? Felizmente os meus aborrecimentos terminarão no sábado.”

— Assim o espero, Watson, assim o espero — suspirou Holmes gravemente. — Há uma intriga à volta da nossa cliente e cumpre-nos evitar que a incomodem nesta última viagem. Acho que devemos ir para lá no sábado, para que esta investigação não tenha um epílogo desagradável.

Confesso que, até então, eu não levava o caso a sério, pois parecera-me mais grotesco do que perigoso. Que um homem espere uma bela donzela e a siga, não é novidade em parte alguma, mas o fato de nunca a procurar e mesmo fugir à sua aproximação, indicava que não era adversário que se devesse recear. Quanto a Woodley, o caso era diferente, mas só numa ocasião importunara a nossa cliente e, agora, visitava Carruthers sem impor à jovem a sua presença. O homem de bicicleta era um dos assistentes às reuniões dos fins de semana de que falara o taberneiro, mas não se sabia quem era ou o que desejava. Só o ar grave de Holmes e o fato de introduzir um revólver no bolso me indicaram que o caso poderia terminar em tragédia.

A uma noite de chuva seguira-se uma bela manhã e os campos cobertos de urzes pareciam ainda mais belos aos olhos de quem estava habituado aos tons cinzentos da velha Londres. Holmes e eu caminhamos pela estrada larga, respirando o ar fresco da manhã e ouvindo o chilrear dos pássaros. De uma elevação da estrada avistamos o solar, no meio de velhos carvalhos que, por mais velhos que fossem, eram mais novos do que o edifício que circundavam. Holmes mostrou-me a grande extensão da estrada. Ao longe, vimos uma mancha escura, parecendo um carro que vinha na nossa direção. Holmes soltou uma exclamação de impaciência.

— Eu tinha calculado uma margem de meia hora — observou. — Se for a charrete da jovem é porque vai apanhar um trem mais cedo. Receio, meu caro Watson, que já tenha passado por Charlington, antes que possamos alcançá-la.

Depois de termos passado a elevação, não tornamos a ver o carro, mas caminhamos com tal rapidez, que comecei a notar os efeitos da minha vida sedentária e tive de ficar para trás; mas Holmes, sempre treinado, tinha uma inesgotável reserva de energia. O seu passo nunca abrandou. De repente, quando se encontrava cem metros à minha frente, parou, erguendo a mão num gesto de desespero. No mesmo momento, uma charrete vazia, com o cavalo a trote curto, surgiu na curva, vindo na nossa direção.

— Tarde demais, Watson, tarde demais! — censurou-se Holmes, enquanto eu corria, ofegante, para o seu lado. — Que idiota fui, em não ter pensado num trem mais cedo!... Rapto, talvez assassinato. Faça parar o cavalo! Isso mesmo. Agora pule e vamos ver se consigo reparar o meu erro.

Pulamos para a charrete. Depois de rodar a charrete em sentido inverso, Holmes chicoteou o cavalo e seguimos a galope largo. Quando viramos a curva, vimos à nossa frente a vasta extensão de estrada, entre o solar e a charneca. Segurei o braço de Holmes.

— Lá está o homem! — exclamei.

Um ciclista solitário vinha na nossa direção. Estava de cabeça baixa, inclinado para a frente, pedalando com toda a força, como um corredor. De repente, ergueu o rosto de barba cerrada e parou, saltando da bicicleta. A barba negra contrastava-lhe singularmente com a palidez do rosto e os seus olhos brilhavam, como se tivesse febre.

— Olá, parem! — gritou, obstruindo a estrada com a bicicleta. — Onde arranjaram essa charrete? Pare, homem! — berrou, tirando um revólver do bolso. — Pare, ou meto uma bala no cavalo!

Holmes atirou-me as rédeas e desceu.

— Você é o homem que procuramos. Onde está a Srta. Violet Smith? — perguntou com voz clara e incisiva.

— É o que lhe pergunto. Estão na charrete dela. Devem saber onde ela está!

— Encontramos a charrete na estrada, vazia. Pretendo salvá-la.

— Santo Deus! Que fazer? — exclamou o homem, desesperado. — Seqüestraram-na. O miserável Woodley e o falso padre. Se realmente é amigo dela, venha comigo e a salvaremos, mesmo que morra na mata de Charlington.

De revólver em punho, correu como um desesperado. Holmes seguiu-o. Deixando o cavalo pastar no acostamento da estrada, acompanhei o meu amigo.

— Foi por aqui que entraram — informou o homem, mostrando as pegadas no caminho enlameado. — Olhem ! Que é isto, aqui, na moita?

Vimos um rapaz de polainas, de cerca de dezessete anos, jazendo de costas, com os joelhos para cima, com um ferimento na cabeça. Estava inconsciente, mas vivo. Ao examinar o golpe, notei que o osso não fora atingido.

— É o criado, Peter — informou o desconhecido. — Era quem guiava a charrete. Os miseráveis puxaram-no para fora e feriram-no. Vamos deixá-lo aqui. Por enquanto, nada podemos fazer por ele, mas talvez tenhamos tempo de salvá-la da pior sorte que pode ter uma mulher!

Corremos desesperadamente pela vereda, que serpeava por entre as árvores. Chegando às moitas que circundavam a casa, Holmes parou.

— Não foram para a casa. Aqui estão as pegadas, à esquerda, ao lado dos loureiros. Eu já o imaginara!

Nisto ouvimos um grito agudo de mulher, horrorizado, proveniente da moita à nossa frente. Mas cessou subitamente, como se a pessoa se engasgasse.

— Por aqui!... Estão na clareira — apontou o desconhecido, metendo-se por entre moitas. — Canalhas! Tarde demais, tarde demais!

Penetramos num belo relvado, cercado por velhas árvores. No extremo, à sombra de um grande carvalho, via-se um grupo de três pessoas. A nossa cliente, pálida e quase a desmaiar, amordaçada. Diante dela, um rapaz de bigode ruivo, pernas entreabertas, um braço erguido, a outra mão segurando um chicote, numa atitude furiosa e de desafio. Entre eles, achava-se um homem idoso, de barba grisalha, com uma sobrepeliz, que evidentemente acabara de celebrar um casamento, pois enfiava no bolso o livro de orações e bateu nas costas do sinistro noivo, felicitando-o jovialmente.

— Estão casados! — murmurei.

— Venham! — instigou o nosso guia. — Venham.

Correu pelo relvado, com Holmes e eu no seu encalço. Quando nos aproximamos, a jovem cambaleou, procurando apoiar-se no tronco da árvore. Williamson, o ex-padre, inclinou-se diante de nós, com irônica cortesia, e o brutal Woodley avançou com um grito de velhaca alegria.

— Pode tirar a barba, Bob — disse ao nosso guia. — Reconheço-o perfeitamente. Você e os seus amigos chegaram a tempo de permitir-me que os apresente à Sra. Woodley.

O nosso guia arrancou a barba que lhe servia de disfarce e atirou-a ao chão, deixando-nos ver um rosto comprido, pálido e bem barbeado. Ergueu o revólver, apontando-o para o miserável Woodley que avançava, agitando o perigoso chicote.

— Sim, sou Bob Carruthers e farei com que esta mulher obtenha justiça, nem que eu vá para a forca. Avisei-o do que faria se a incomodasse e, por Deus, cumprirei a minha palavra.

— Chegou tarde demais. Violet já é minha esposa!

— Será a sua viúva.

O revólver disparou e vi o sangue brotar do peito de Woodley que soltou um grito, deu uma reviravolta e caiu de costas, com o rosto terrivelmente pálido. O velho, ainda de sobrepele, rompeu numa torrente de maldições e puxou de um revólver. Mas, antes que pudesse erguê-lo, viu o de Holmes apontado para o adversário.

— Basta! — intimou Holmes. — Largue essa arma! Watson, apanhe-a! Aponte-lhe à cabeça. Você, Carruthers, dê-me o seu revólver. Basta de violências.

— Quem é o senhor? — inquiriu Bob Carruthers.

— Sherlock Holmes.

— Deus seja Louvado!

— Vejo que me conhece de nome. Representarei a polícia, até que ela aqui chegue. Você venha cá! — gritou para o criado assustado que aparecia à beira do relvado. — Leve este bilhete a Farnham, o mais depressa possível.

Holmes rabiscou umas palavras no bloco de notas.

— Entregue isto ao superintendente, na delegacia. Até que ele venha, vejo-me obrigado a mantê-los presos.

A personalidade forte de Holmes dominava a situação. Williamson e Carruthers transportaram o ferido para dentro de casa e eu dei o braço à jovem assustada. O ferido foi colocado na cama. A pedido de Holmes, examinei-o. Depois, na velha sala de jantar, cheia de tapeçarias, encontrei Holmes diante dos dois presos e informei:

— Woodley escapou desta!

— O quê! — exclamou Carruthers, pulando da cadeira. — Vou lá em cima acabar com ele. Quer dizer que Violet vai ficar amarrada ao canalha Jack Woodley, para o resto da vida?

— Não precisa preocupar-se com isso — interveio Holmes. — Há duas razões que a impedem de ser esposa daquele miserável. Em primeiro lugar, creio que podemos contestar o direito do Sr. Williamson de celebrar o casamento.

— Recebi ordens sacras — afirmou o ex-padre.

— Mas foi expulso — replicou Holmes.

— Uma vez padre, continua-se padre.

— Creio que não pode ministrar sacramentos. E que me diz da licença de casamento?

— Está aqui no meu bolso.

— Então, conseguiu-a por fraude. De qualquer maneira, um casamento por meio de coação não é válido e constitui um crime, como não tardará a descobrir. Terá tempo de refletir sobre isso, nos próximos dez anos a que deve ser condenado. Quanto a você, Carruthers, teria sido melhor se tivesse conservado o revólver no bolso.

— Tem razão, Sr. Holmes, mas quando pensei em quanto me esforçara por proteger Violet, fiquei louco, vendo-a à mercê do maior canalha da África do Sul, cujo nome inspira terror, desde Kimberley a Joanesburgo. O senhor talvez não acredite, Sr. Holmes, mas logo que a jovem veio trabalhar em minha casa, apaixonei-me por ela e nunca deixei de vigiá-la, pois sabia que estes bandidos a espreitavam. Usando barba postiça, ficava longe, para que não me reconhecesse. É uma jovem decidida e não teria ficado no emprego se soubesse que eu a seguia pelas estradas, de bicicleta.

— Por que não a avisou do perigo que a ameaçava?

— Porque ela me abandonaria e eu não podia suportar tal idéia. Mesmo que não me amasse, era um prazer vê-la andar pela casa e ouvir o som da sua voz.

— O senhor chama a isso amor, mas eu considero-o egoísmo, Sr. Carruthers — observei.

— Talvez as duas coisas juntas. De qualquer maneira, não pude deixá-la partir. Além do mais, com esses homens por aqui, era preciso que alguém velasse por ela. Depois, quando chegou o cabograma, tive a certeza de que passariam à ação.

— Que cabograma?

Carruthers tirou um papel do bolso.

— Aqui está! O velho morreu.

— Compreendo... — disse Holmes. — Agora abranjo claramente a situação. Essa mensagem forçou-os a agir. Enquanto esperamos, pode contar-me o que sucedeu?

O velho de sobrepeliz desencadeou nova torrente de palavras.

— Com os diabos, Carruthers! Se nos acusar, farei consigo o que você fez a Woodley! Pode babar-se à vontade pela jovem, mas, se acusar os seus companheiros, fará a maior asneira da sua vida.

— Vossa Reverendíssima não precisa ficar excitado — interveio Holmes, acendendo um cigarro. — O caso é claro e só peço explicações para satisfazer a minha curiosidade. Contudo, se não quiserem contar-me, fica o discurso por minha conta. Verão que não há probabilidades de ocultar-me os seus segredos. Em primeiro lugar, chegaram os três da África: você, Williamson, Carruthers e Woodley.

— Primeira falsidade — vociferou o velho. — Há dois meses, ainda não conhecia estes sujeitos e nunca estive na África.

— É verdade — confirmou Carruthers.

— Nesse caso, vieram só dois. O reverendo é produto nacional. Vocês tinham conhecido Ralph Smith, na África. Sabiam que não viveria muito mais tempo. Descobriram que a sua sobrinha lhe herdaria a fortuna. Não foi isso?

Carruthers inclinou afirmativamente a cabeça e o velho blasfemou.

— A Srta. Smith era o parente mais próximo e vocês sabiam que o velho não faria testamento — continuou Holmes.

— Não sabia ler nem escrever — informou Carruthers.

— Então, vocês dois vieram para cá e procuraram a Srta. Smith. Combinaram que, se um de vocês se casasse com ela, o outro teria parte do dinheiro. Por um motivo qualquer, Woodley foi escolhido, entre os dois, para noivo.

— Sim. Jogamos, a bordo, e ele ganhou.

— Compreendo. Você tomou a jovem a seu serviço e Woodley devia cortejá-la em sua casa. A Srta. Smith viu que indivíduo brutal ele era e recusou-o. Entretanto, os planos malograram-se por você ter-se apaixonado por ela. Não lhe foi mais possível suportar a idéia de vê-la nas mãos daquele canalha.

— Foi isso mesmo!

— Brigaram. E ele, furioso, fez os seus próprios planos.

— Parece-me, Williamson, que pouco nos resta contar ao Sr. Holmes — reconheceu Carruthers, com um riso amargo. — Sim, brigamos e ele derrubou-me. Estamos quites. Depois, perdi-o de vista. Foi quando ele se ligou a este despadrado. Descobri que moravam juntos nesta casa, na estrada por onde Violet devia passar para ir para a estação. Comecei a zelar por ela, pois sabia que preparavam qualquer armadilha diabólica. Visitava-os de vez em quando, pois estava ansioso por saber quais os seus planos. Há dois dias, Woodley apareceu-me em casa, com este cabograma, informando que Ralph Smith falecera. Quis saber se eu estava disposto a continuar com o nosso antigo plano. Recusei. Perguntou-me se queria casar-me com Violet e ceder-lhe parte do dinheiro. Respondi que o faria com prazer, mas que ela certamente não me aceitaria. Então Woodley replicou: “Vamos fazer com que se case primeiro e, depois de uma semana, já ela verá as coisas sob outro prisma.”. Respondi que não queria violências. Ele saiu, blasfemando, como homem sem moral que é, jurando que a possuiria. A Srta. Violet Smith ia deixar-me esta semana, definitivamente. Eu tinha uma charrete para levá-la à estação, mas estava tão preocupado, que a acompanhei de bicicleta. Contudo, a jovem saía mais cedo e, antes que pudesse alcançá-la, o mal estava feito. O primeiro alarme foi ver os senhores aparecerem na charrete.

Holmes ergueu-se, atirando a ponta do cigarro para a lareira.

— Fui muito obtuso, Watson — reconheceu. — Quando você me disse que vira o ciclista arranjar a gravata, ao entrar na moita, só esse pormenor devia ter-me elucidado tudo. De qualquer maneira, devemos congratular-nos por termos investigado este caso curioso e, sob certos aspectos, único. Vejo três policiais na alameda e estou satisfeito por verificar que o rapazinho consegue acompanhar-lhes o passo, de modo que parece que nem ele, nem o suposto noivo ficarão permanentemente lesionados pela ocorrência desta manhã. Creio que, como médico, você, Watson, poderá procurar a Srta. Smith e dizer-lhe que, se se sentir bem, estamos prontos a levá-la para a casa de sua mãe. Se achar que ela não se encontra bem, poderá sugerir que pretendemos telegrafar a certo engenheiro eletrotécnico, de Midlands, e isso, provavelmente, completará a sua cura. Quanto ao senhor, Sr. Carruthers, creio que fez o possível para se reabilitar da sua participação num plano diabólico. Aqui está o meu cartão e, se no tribunal, o meu depoimento puder ajudá-lo, estarei à sua disposição.

No torvelinho das nossas investigações, muitas vezes me tem sido difícil terminar as narrativas e apresentar os pormenores finais que os leitores poderiam desejar. Cada caso tem sido o prelúdio de outro e, uma vez passada a ação, os atores desaparecem para sempre do nosso palco. Apesar disso, encontro uma pequena anotação no fim do manuscrito deste caso, onde leio que a Srta. Violet Smith herdou uma grande fortuna e casou com Cyril Morton, o maior sócio da firma “Morton and Kennedy”, famosos eletrotécnicos. Williamson e Woodley foram julgados por rapto e assalto, tendo sido o primeiro condenado a sete anos de reclusão e o segundo, a dez.

Quanto ao destino do Sr. Carruthers, nada sei, mas tenho certeza de que a sua participação no caso foi vista com grande severidade pelo tribunal, uma vez que Woodley tinha a reputação de ser um perigoso bandido. Poucos meses bastaram para que a justiça se cumprisse.



O ARPOADOR MALDITO

Nunca vi o meu amigo Holmes mais em forma, tanto física como mental, como naquele ano de 1895. A fama trouxera-lhe inúmeros clientes — e eu seria considerado indiscreto, se chegasse a aludir aos nomes ilustres daqueles que atravessaram o umbral da nossa porta da Baker Street.

Como todos os artistas, Holmes amava a arte pela arte e, a não ser no caso do duque de Holderness, raras vezes o vi reclamar uma avultada recompensa pelos seus inestimáveis serviços. Tão desprendido — ou caprichoso — se mostrava, que muitas vezes recusava-se a ajudar os ricos e poderosos, enquanto dispndia semanas dedicando-se aos interesses de qualquer cliente humilde que lhe trouxera um caso com características enigmáticas que apelavam para a sua imaginação e lhe desafiavam a argúcia.

No memorável ano de 95, uma incongruente e curiosa sucessão de casos prenderam-lhe a atenção, desde a famosa investigação do assassinato do Cardeal Tosca (a pedido do próprio Papa) até a prisão de Wilson, o famoso criador de canários, prisão esta que acabou com a praga que assolava a zona oriental de Londres.

Logo após esses dois famosos casos, surgiu a tragédia de Woodman's Lee e as obscuras circunstâncias que rodearam a morte do capitão Peter Carey. Nenhum relatório das investigações de Sherlock Holmes seria completo, se não incluísse tão extraordinária ação.

Na primeira semana de julho, o meu amigo ausentou-se tantas vezes de casa, que eu pressenti que algo de insólito ocorria. O fato de, nessa semana, vários homens de má aparência terem vindo perguntar pelo capitão Basil, fez-me compreender que Holmes agia sob algum dos inúmeros disfarces e nomes falsos com que costumava ocultar a verdadeira identidade.

Ele tinha, pelo menos, em Londres, cinco refúgios onde poderia mudar de personalidade. Nada me dissera da sua atividade e não era meu hábito forçá-lo a confidências. A primeira indicação que me deu do rumo que a sua investigação tomava foi, de fato, extraordinária.

Holmes saíra antes do café da manhã e eu sentara-me para dar início ao meu, quando o vi entrar na sala, de chapéu na cabeça e com um enorme arpão debaixo do braço, à guisa de guarda-chuva.

— Santo Deus, Holmes! Não me diga que andou por Londres com isso!

— Fui até o matadouro.

— Ao matadouro?

— E vim com ótimo apetite. Não há dúvida, meu caro Watson, quanto ao valor do exercício, antes do desjejum, Mas, decerto, não adivinha que tipo de exercício foi o meu.

— Nem tento adivinhar.

Holmes soltou uma risadinha, servindo-se de café.

— Se tivesse ido até os fundos do matadouro de Allardyce, teria visto um porco, pendurado num gancho de teto, e um senhor em mangas de camisa golpeando-o furiosamente com esta arma. Essa enérgica pessoa era eu, e certifiquei-me de que, por mais que me esforce, não consigo trespassar o porco com um só golpe. Talvez você queira experimentar?

— Por nada deste mundo. Mas, por que tentou isso?

— Porque me parece que tem relação indireta com o mistério de Woodman's Lee... Ah, Hopkins, recebi ontem o seu telegrama e estava à espera. Venha fazer-nos companhia.

O nosso visitante era um homem muito vivo, de cerca de trinta anos, com um casaco de *tweed*, mas mantinha-se empertigado como quem está habituado a envergar uniforme. Reconheci-o imediatamente como sendo Stanley Hopkins, jovem inspetor da Polícia. Holmes nutria grandes esperanças a seu respeito e, por sua vez, Hopkins tinha verdadeira admiração pelos métodos científicos do meu amigo. Sentou-se, com ar sombrio, muito desanimado, recusando:

— Não, obrigado. Tomei o meu café da manhã antes de sair. Passei a noite, aqui em Londres, pois cheguei ontem, já tarde, para fazer o meu relatório.

— Positivo?

— Não. Foi um fracasso absoluto.

— Não fez qualquer progresso?

— Nenhum.

— Nesse caso, quer que examine o assunto?

— Não desejo outra coisa, Sr. Holmes. É a minha grande oportunidade e não sei o que fazer. Pelo amor de Deus, dê-me uma ajuda.

— Bem... sucede já ter lido com atenção o que se passou no inquérito. Por pensar nisso, que me diz da bolsa de tabaco que foi encontrada na cena do crime? Encontrou nela algum indício?

Hopkins mostrou-se admirado.

— Pertencia à própria vítima. Tinha as iniciais no interior. A bolsa era de pele de foca e ele era um velho pescador de focas.

— Mas não possuía cachimbo.

— Não. De fato não encontramos qualquer cachimbo e sabe-se que fumava muito pouco. Mas podia ter tabaco em casa, para oferecer aos amigos.

— Sem dúvida. Só falei nisto porque, se eu estivesse tratando do caso, seria este o meu ponto de partida na investigação. Mas o meu amigo, o Dr. Watson, nada sabe a respeito do assunto e lhe faria mal ouvir a continuação dos acontecimentos. Faça-nos um resumo dos fatos essenciais.

Stanley Hopkins tirou um papel da algibeira do casaco.

— Tenho aqui umas notas acerca da carteira do morto, capitão Peter Carey. Nasceu em 45: tinha, portanto, cinqüenta anos de idade. Foi um ousado e bem-sucedido pescador de focas e de baleias. Em 1883, comandou a baleeira Sea Unicorn, de Dundee. Fez várias viagens sucessivas e, no ano seguinte, aposentou-se. Depois disso, viajou durante alguns anos e, finalmente, comprou uma pequena propriedade chamada Woodman's Lee, perto de Forest Row, no Sussex. Ali viveu durante seis anos e ali morreu na semana passada. Havia várias circunstâncias curiosas a respeito do homem. Na vida corrente, era um puritano, sombrio e calado. Tinha mulher e uma filha de vinte anos. Em casa, mantinha duas criadas, mas eram constantemente substituídas, pois o ambiente, quase sempre triste, chegava às vezes a tornar-se insuportável. O homem, de vez em quando, embebedava-se e, quando tal acontecia, parecia um demônio. Sabe-se que chegou a expulsar de casa a mulher e a filha, no meio da noite, chicoteando-as no parque, até elas acordarem toda a vila, com os seus gritos.

Stanley Hopkins continuou:

— Certa vez, foi chamado à polícia por ter atacado o padre que fora procurá-lo para repreendê-lo e aconselhá-lo. Em suma, Sr. Holmes, seria difícil encontrar homem mais perigoso do que Peter Carey e ouvi dizer que, no tempo em que comandava o seu navio, não era melhor. Chamavam-lhe Pedro Negro e o nome fora-lhe atribuído, não pela tez escura, nem pela cor da enorme barba, mas sim pelas terríveis histórias que se contavam a

seu respeito. Era naturalmente odiado por todos os vizinhos e não se ouviu uma palavra de pesar pela sua morte.

Após uma pausa, Stanley Hopkins continuou:

— O senhor deve ter lido, no processo, a descrição da cabana de Carey, mas talvez o seu amigo não a conheça. Construíra uma cabana de madeira, a cem metros da casa, e dormia ali todas as noites. Era uma cabana pequena, com um só quarto, de 5,30m por 3,30m. O homem guardava a chave no bolso, fazia a cama, cuidava da limpeza e não permitia que pessoa alguma ali pusesse os pés. Tinha janelinha de cada lado, cobertas por cortinas e que nunca eram abertas. Uma dessas janelas dava para a estrada principal e, quando as luzes estavam acesas, de noite, o povo costumava apontá-la, imaginando o que estaria Pedro Negro fazendo. Foi essa janela, Sr. Holmes, que nos forneceu um pequeno indício.

O senhor deve se lembrar que um pedreiro, chamado Salter, que vinha de Forest Row à uma da manhã, dois dias antes do crime, parou ao passar por ali, e viu o quadrado de luz por entre as árvores. Jura que a sombra da cabeça do homem que avistou, atrás da cortina, não era a de Peter Carey, que ele conhecia muito bem. Era a cabeça de um homem de barbas, mas curtas, espetadas para a frente, de formato diferente da barba do capitão. Mas devemos ter em conta que o pedreiro passara duas horas na taberna e que há uma considerável distância entre a casa e a estrada. Para mais, isto sucedeu na segunda-feira e o crime foi cometido na quarta.

Na terça, Peter Carey estava num dos seus piores dias, completamente embriagado e parecia um animal selvagem. Vagueou pela casa e as mulheres fugiam sempre que o viam aproximar-se. Nessa noite, foi muito tarde para a cabana e, por volta das duas da manhã, a sua filha, que dorme com a janela aberta, ouviu um grito medonho, vindo daquela direção. Contudo, não era novidade ouvi-lo gritar quando estava bêbado, e ninguém deu importância ao fato. Às sete da manhã, uma das criadas notou que a porta da cabana estava aberta, mas era tão grande o terror que o homem inspirava, que só ao meio-dia alguém teve coragem de ir ver o que lhe acontecera. Espreitando pela porta entreaberta, viram um espetáculo que fez com que corressem, apavoradas, para a vila. Uma hora depois, já eu estava a investigar o caso.

Como o senhor sabe, Sr. Holmes, tenho nervos sólidos, mas garanto-lhe que fiquei perturbado quando espreeitei para dentro da cabana. Zumbiam moscas e varejeiras e as paredes e o chão lembravam os de um matadouro.

A cabana parecia um camarote de navio. Havia uma tarimba, num canto; uma canastra, mapas e um retrato do Sea Unicorn e também alguns diários de bordo, numa prateleira: exatamente o que se esperaria encontrar no camarote de um capitão de navio. E, no meio de tudo isto, vi o homem com o rosto contorcido como o de um indivíduo supliciado. No peito, estava atravessado por um arpão de aço, que se cravara na parede, atrás dele. O homem estava espetado como um escaravelho num cartão. Claro que estava morto.

Conheço os seus métodos, Sr. Holmes, e tive o cuidado de aplicá-los. Antes de permitir que mexessem em qualquer coisa, examinei minuciosamente o terreno exterior e também o chão da casa. Não havia pegadas.

— Não viu nenhuma?

— Garanto que não as havia.

— Meu caro Hopkins, tenho investigado muitos crimes, mas até hoje não vi um único que tivesse sido cometido por um ser voador. Enquanto o criminoso se firmar em duas pernas, deve haver qualquer marca que possa ser notada pelo investigador científico. É incrível que esse quarto, todo manchado de sangue, não possa fornecer um indício. Pelo que li, parece-me que havia alguns objetos que você certamente examinou... não?

O jovem inspetor contraiu-se, perante o irônico comentário do meu amigo.

— Fiz mal em não o chamar na ocasião, Sr. Holmes, mas agora já não há remédio. Sim, havia no quarto vários objetos que me chamaram a atenção. Um foi o arpão, instrumento do crime. Fora arrancado de uma prateleira da parede. Estavam lá dois e via-se o lugar vago do terceiro. No cabo estava gravado “S. s. Sea Unicorn, Dundee”. Isto parecia indicar que o crime fora cometido num momento de fúria, tendo o assassino utilizado a primeira arma que encontrara à mão. O fato de o crime ter sido cometido às duas da manhã e de Peter Carey estar completamente vestido, indicava que ele tinha uma entrevista marcada com o assassino, fato que parece confirmado pela presença de uma garrafa de rum e de dois copos sobre a mesa.

— Creio que podemos admitir as duas hipóteses — considerou Holmes.

— Havia, no quarto, outras bebidas, além de rum?

— Sim. Tinha uma garrafa de conhaque e outra de *whisky*. Mas isso não interessa, pois ambas as garrafas estavam cheias e, portanto, ninguém se servira delas.

— Mesmo assim, a presença dessas garrafas é significativa — sublinhou Holmes. — Diga-nos mais alguma coisa a respeito dos objetos que lhe pareceram importantes.

— A bolsa de tabaco, em cima da mesa.

— Em que lugar da mesa?

— Ao centro. Era de pele de foca, vulgar, com uma tira de couro a amarrá-la. Em cima, na parte interior, tinha as iniciais “P. C.” e continha meia onça de tabaco forte.

— Ótimo! Que mais?

Stanley Hopkins tirou do bolso um bloco de notas já muito velho. Na primeira página estava escrito “J. H. N.” e a data “1883”.

Holmes colocou o bloco sobre a mesa e examinou-o cuidadosamente, enquanto Hopkins e eu espreitávamos por cima do seu ombro. Na segunda página estavam as letras “C. P. R.” e depois várias folhas de algarismos. Outras páginas tinham como título “Argentina”, “Costa Rica” e “São Paulo”, cada um deles seguido por páginas e páginas de sinais e algarismos.

— Que me diz disto? — perguntou Holmes.

— Parece que são listas de ações da Bolsa. Pensei que “J. H. N.” fossem as iniciais de um corretor e que “C. P. R.” talvez tivesse sido cliente.

— Experimente “Canadian Pacific Railway” — sugeriu Sherlock Holmes.

Stanley blasfemou por entre dentes e bateu na perna com a mão fechada.

— Que idiota fui! — exclamou. — Claro que é isso mesmo! Portanto, as únicas iniciais que ainda temos de solucionar são “J. H. N.”. Já examinei as velhas listas da Bolsa e, em 1883, não encontrei qualquer corretor cujas iniciais correspondam a estas. Mas considero isto o melhor indício que obtive, até agora. Há de admitir, Sr. Holmes, que há possibilidade de estas iniciais serem da pessoa que estava presente... em outras palavras, o assassino. Posso também afirmar que o aparecimento de um documento relacionado com um grande número de ações nos oferece uma idéia do motivo do crime.

A expressão de Sherlock Holmes indicou que se surpreendia com essa conclusão.

— Admito os seus dois pontos de vista — considerou. — Confesso que o bloco de notas, que não apareceu no inquérito, modifica qualquer hipótese que eu pudesse ter tomado. Tinha uma teoria acerca do crime, onde não há lugar para isso. Tentou investigar essas ações que mencionou?

— Estamos tratando disso, mas creio que o registro dos nomes dos donos das ações sul-americanas esteja na América do Sul e que passe algum tempo, até recebermos qualquer notícia.

Holmes examinava a capa do bloco, com uma lente.

— Não há dúvida de que se nota aqui uma mancha — observou.

— Sim, é uma mancha de sangue. Como lhe disse, apanhei-o no chão.

— A mancha estava do lado de cima, ou do lado de baixo?

— Em baixo, do lado virado para o chão.

— Isso parece indicar que o caderno caiu depois de o crime ter sido cometido.

— Exatamente, Sr. Holmes. Acho que o caderno foi atirado ao chão pelo assassino, na sua fuga apressada. Estava perto da porta.

— Creio que nenhuma dessas ações da Bolsa foi encontrada entre os objetos do morto?

— Nenhuma.

— Tem algum motivo para suspeitar de roubo?

— Não. Parece que não tocaram em nada.

— Com os diabos, o caso é realmente interessante. Mas havia uma faca, não?

— Sim, ainda embainhada. Estava aos pés do cadáver. A Sra. Carey identificou-a como sendo propriedade do marido.

Durante alguns momentos, Holmes permaneceu pensativo. Finalmente decidiu:

— Creio ser conveniente eu ir até lá, para dar uma olhadela.

Stanley Hopkins soltou uma exclamação de entusiasmo.

— Muito obrigado. O senhor tira-me um peso das costas!

Holmes agitou um dedo para o inspetor.

— Teria sido muito mais fácil, há uma semana — censurou. — Mas, mesmo agora, talvez a minha viagem não seja inútil. Você, Watson, se tiver tempo, daria-me muito prazer se me acompanhasse. Se chamar um carro, Hopkins, estaremos prontos para partir dentro de um quarto de hora.

Descemos na estaçãozinha à beira da estrada e atravessamos, durante quilômetros, uma região de matas esparsas que, outrora, tinham feito parte da floresta que detivera os invasores saxões: a impenetrável floresta que, durante sessenta anos, foi o baluarte da Bretanha.

Vastas zonas tinham sido desbravadas, pois situara-se ali o centro dos primeiros trabalhos em ferro do país e as árvores tinham sido derrubadas para se fundir o minério. Agora, os campos mais ricos do Norte tinham absorvido essa indústria e nada (a não ser aquelas pequenas matas devastadas e as grandes cicatrizes rasgadas na terra) indicava o trabalho do passado.

Na limpa encosta de um outeiro, via-se uma baixa casa de pedra, a que dava acesso um caminho curvo, através dos campos. Perto da estrada e cercada em três dos lados por moitas, via-se uma cabana, com uma janela e uma porta. Fora aquele o teatro do crime.

Stanley Hopkins levou-nos primeiro até a casa, onde nos apresentou a uma mulher esquelética, de cabelos grisalhos: a viúva da vítima. O rosto enrugado, de olhos assustados, indicava os anos de sofrimento e sevícias a que estivera exposta. A seu lado, a filha, jovem, pálida e loura olhou-nos com um ar de desafio, ao contar-nos estar satisfeita com a morte do pai e que abençoava a mão que o abatera. Foi com alívio que nos vimos de novo aqui fora, ao ar livre e ao sol, andando pelo caminho que tantas vezes o morto tomara.

A cabana era muito simples, com paredes de madeira, uma janela perto da porta e outra no extremo oposto. Stanley Hopkins tirou a chave do bolso, e já se inclinava para abrir a porta quando parou, com uma expressão atônita, e observou:

— Alguém andou mexendo aqui!

Quanto a isto, não havia dúvida. A madeira estava lascada e, sob a pintura, viam-se os frisos brancos, como se fosse obra recentíssima. Holmes examinou a janela e apontou:

— Alguém tentou forçar isto neste ponto, sem resultado. Deve ter sido um arrombador muito inexperiente.

— É extraordinário! — disse o inspetor. — Estas marcas não estavam aqui ontem à noite.

— Talvez qualquer pessoa curiosa, da vila — sugeri.

— Pouco provável. Raras pessoas ousariam vir aqui e muito menos tentariam entrar à força na cabana. Que pensa disto, Sr. Holmes?

— Acho que o destino quis beneficiar-nos.

— Quer dizer que o assaltante vai voltar?

— Provavelmente. Veio aqui, esperando encontrar a porta aberta. Tentou entrar, servindo-se de um pequeno canivete. Não o conseguindo, que lhe resta fazer?

— Voltar, na noite seguinte, com instrumento mais eficiente.

— É o que penso. Cumpre-nos esperá-lo. Entretanto, deixe-me examinar o interior da cabana.

Tinham sido removidos os vestígios da tragédia, mas a mobília permanecia como na noite do crime. Durante duas horas, Holmes examinou todos os objetos, mas a sua expressão indicava não obter resultados. Só parou uma vez para inquirir:

— Tirou alguma coisa desta prateleira, Hopkins?

— Não mexi em coisa alguma.

— Algo foi retirado. Há menos pó aqui do que nas outras prateleiras. Pode ser a marca de um livro ou de uma caixa. Bem, nada mais posso fazer aqui. Vamos passear por essa linda mata, Watson, e dedicar a nossa atenção aos pássaros e às flores. Encontraremos você mais tarde, Hopkins, para tentarmos ver, de perto, o indivíduo que aqui veio durante a noite.

Pouco passava das onze horas, quando preparamos a nossa emboscada. Hopkins queria que deixássemos a porta aberta, mas Holmes achou que isso iria despertar as suspeitas do intruso. A fechadura era primária e bastaria uma lâmina forte para abri-la. Holmes também sugeriu que esperássemos, não dentro da cabana, mas do lado de fora, no meio das moitas que circundavam a janela do outro extremo. Desta maneira, poderíamos ver o homem, caso este acendesse uma luz, e descobrir qual o motivo da sua visita noturna.

Foi uma vigília morosa, mas trouxe-nos a emoção do caçador que, vigiando a poça de água, espera o animal sedento. Que criatura surgiria da escuridão? Seria um terrível tigre do crime, contra quem só se poderia lutar com garras afiadas, ou algum chagal ardiloso, só perigoso para os fracos e os desprevenidos? Em silêncio, permanecemos acorados no meio das moitas. A princípio, os passos de alguns vizinhos retardatários, ou o som de vozes da vila, perturbaram a nossa vigília. Mas, essas interrupções foram gradualmente emudecendo. Rodeou-nos um silêncio profundo, quebrado de vez em quando pelo sino da igreja distante, que nos indicava o progresso da noite, e pelo murmúrio da chuva fina, caindo sobre a folhagem que nos envolvia.

Ouvimos as duas badaladas que indicavam a hora mais escura que precede a madrugada e, subitamente, sobressaltamo-nos com um estalido seco, vindo do portão. Após novo silêncio, começávamos a pensar que se tratava de falso alarme, quando ouvimos passos furtivos, do outro lado da cabana.

Logo em seguida, um estalido metálico, indicando que alguém tentava forçar a porta. Desta vez, a habilidade foi maior, ou o instrumento mais adequado, pois ouvimos o ranger da porta. Acenderam um fósforo e, no momento seguinte, a luz de uma vela brilhou no interior da cabana. Através da cortina, tentávamos ver o que se passava lá dentro.

O visitante noturno era um jovem, magro e franzino, de bigode preto que lhe acentuava a palidez do rosto. Devia ter pouco mais de vinte anos. Estava terrivelmente assustado, pois os dentes batiam-lhe e todo ele tremia. Estava vestido como um cavalheiro, de jaqueta Morfolk e calças de golfe, usando um boné. Olhou à volta, com ar amedrontado. Depois, pousou a vela na mesa e desapareceu do nosso campo de visão, num dos cantos da sala. Voltou com um dos volumosos diários de bordo que estavam alinhados na prateleira. Enconstando-se à mesa, virou rapidamente as páginas, até chegar ao ponto que procurava. Depois, com um gesto encolerizado, fechou o livro, tornou a colocá-lo na prateleira e apagou a luz. Mal se voltara para sair, a mão de Hopkins agarrou-o pela gola e ouvimos-lhe um grito de pânico, quando compreendeu que fora apanhado. Acendemos a luz e vimos o infeliz prisioneiro, trêmulo, nas mãos do detetive. Sentou-se pesadamente, olhando-nos com ar desamparado.

— Diga quem é e o que faz aqui. — ordenou Hopkins.

— São detetives? Nada tenho a ver com a morte de Peter Carey. Juro que estou inocente.

— É o que veremos — replicou Hopkins. — Em primeiro lugar, como se chama?

— John Hopley Neligan.

Vi Holmes e o detetive trocarem um rápido olhar.

— Posso falar confidencialmente? — perguntou o rapaz.

— Claro que não.

— Então, nada tenho a contar-lhes...

— Se não quiser falar, isso poderá prejudicá-lo no julgamento.

O rapaz contraiu-se.

— Pois bem, vou falar — decidiu-se —, mas tenho horror a ressuscitar um escândalo... Ouviram falar da “Dawson & Neligan”?

Pela expressão de Hopkins percebi que o nome nada lhe dizia, mas Holmes pareceu-me vivamente interessado.

— Refere-se aos banqueiros — elucidou o meu amigo. — Falência de um milhão de libras. Arruinaram a família de Cornwall e Neligan desapareceu.

— Exatamente. Neligan era meu pai.

Finalmente, obtínhamos uma informação concreta, mas ainda era longa a distância entre um banqueiro falido e a morte do capitão Peter Carey que fora espetado na parede com um dos seus próprios arpões. Ouvimos atentamente a história do rapaz.

— O verdadeiro implicado era meu pai, pois Dawson estava aposentado. Eu, então, só tinha dez anos, mas era uma idade suficiente para sentir o horror e a vergonha... Sempre julgaram que meu pai roubara as ações e os títulos e fugira. Não é verdade. Ele acreditava que, se lhe dessem tempo, poderia resolver o caso e pagar a todos os credores. Partiu no seu iate para a Noruega antes que fosse expedido um mandado de captura contra ele. Lembro-me da noite em que se despediu de minha mãe. Deixou-nos uma lista dos títulos que levava e jurou que voltaria com o nome limpo e que nenhum dos que tinham confiado nele sofreriam prejuízos. Nunca mais tivemos notícias suas. Tanto meu pai como o iate desapareceram. Minha mãe e eu acreditamos num naufrágio. Mas um nosso amigo descobriu que, há algum tempo, alguns dos títulos que meu pai levava consigo tinham aparecido no mercado, em Londres. Levei meses à procura de uma pista e, após grandes dificuldades, descobri que haviam sido vendidos por um tal capitão Peter Carey, dono desta cabana. Procurei investigar a vida deste homem. Descobri que comandara uma baleeira e que devia ter voltado do mar Ártico na mesma ocasião em que meu pai se dirigia para a Noruega. Naquela época do ano, o tempo estivera tormentoso, com furacões. Era possível que o iate de meu pai tivesse sido arrastado para o Norte e encontrado o navio do capitão Carey. Se fosse este o caso, que acontecera a meu pai? Eu poderia provar, por intermédio de Peter Carey, que meu pai não vendera tais ações.

Vim ao Sussex, com intenção de visitar o capitão, quando ocorreu a tragédia. Li, no processo, a descrição desta cabana e fiquei sabendo da existência dos diários de bordo. Pareceu-me que, se eu conseguisse saber o que acontecera no mês de agosto de 1883, a bordo do Sea Unicorn, descobriria qual fora a sorte de meu pai. Na noite passada, tentei entrar aqui, mas não consegui abrir a porta. Consegui-o hoje, mas vi que as páginas referentes àquela época tinham sido arrancadas. Foi então que os senhores me prenderam.

— Só isso? — perguntou Holmes.

— Sim, só isso — respondeu Neligan, desviando os olhos.

— Nada mais tem a dizer?

O jovem hesitou.

— Não, nada mais.

— Não estive aqui, na noite de anteontem?

— Não.

— Como explica isto? — inquiriu Hopkins, mostrando o bloco de notas com a mancha de sangue e as iniciais de John Hopley Neligan, na capa.

— Onde o encontraram? — admirou-se o rapaz. — Pensei que o tivesse perdido no hotel, ou...

— Basta — cortou Hopkins. — Seja o que for que tiver a dizer, fará isso no julgamento. Agora, vamos para o posto da polícia. Muito bem, Sr. Holmes, agradeço-lhe, e ao seu amigo, o auxílio que me prestaram. Da forma como as coisas correram a sua presença era desnecessária e eu teria resolvido o caso sozinho, mas mesmo assim, estou-lhes grato. Reservei quartos para os senhores no “Brambletye Hotel” e podemos ir juntos até a vila.

— Então, Watson, que me diz? — perguntou Holmes no dia seguinte, quando viajamos para Londres.

— Vejo que não está satisfeito.

— Estou, sim, meu caro Watson. Mas, ao mesmo tempo, não aprecio os métodos de Hopkins. Depositava nele maiores esperanças. Decepcionou-me. Devemos sempre prever duas hipóteses e tomar precauções contra elas. É a primeira regra, numa investigação.

— Qual é, então, a segunda hipótese?

— O rumo que eu próprio tomei. Pode ser que não resulte, mas quero ir até o fim.

Tinham chegado várias cartas à Baker Street. Holmes pegou uma, abriu-a e soltou uma gargalhada triunfante.

— Ótimo, caro Watson. A hipótese confirma-se. Tem aí alguns impressos telegráficos? Faça o favor de escrever:

“Agência de Navegação Summer, Ratcliff Highway. Mandem três homens para estarem aqui amanhã, às dez horas da manhã. — Basil.”

Holmes esclareceu:

— Basil é o nome que adotei. Mande outro telegrama:

“Inspetor Stanley Hopkins, 46 Lord Street, Brixton. Venha tomar café conosco amanhã, às nove e meia. Importante. Telegrafe, se não puder vir. — Sherlock Holmes.

— Pois bem, Watson, vou afastar agora do meu pensamento este maldito caso que, há dez dias, vem atormentando-me. Espero que amanhã atinja o seu termo.

Hopkins apareceu pontualmente à hora marcada. Sentamo-nos para apreciar o excelente desjejum, preparado pela Sra. Hudson. O jovem detetive mostrava-se satisfeito com o seu sucesso.

— Acha realmente que a solução está certa? — perguntou Holmes.

— Não creio que possa haver caso mais completo.

— Pois não me parece satisfatório.

— O senhor surpreende-me, Sr. Holmes. Que mais poderia esperar?

— Acha que a sua explicação resolve todo o caso?

— Sem dúvida — respondeu Hopkins. — Descobri que o jovem Neligan chegou ao Brambletye Hotel no dia do crime, com o pretexto de ir jogar golfe. O quarto dele ficava no andar térreo e, portanto, poderia sair quando bem entendesse. Nessa mesma noite, foi a Wodmans's Lee, visitou o capitão Carey na cabana, questionaram, e Neligan matou-o com o arpão. Depois fugiu horrorizado, deixando cair o caderno de apontamentos, que trouxera para mostrar a Carey e averiguar o destino das ações desaparecidas. Como sabe, algumas estavam marcadas e outras não. As marcadas são as que apareceram no mercado, mas as outras com certeza ainda estavam em poder do capitão. Neligan ansiava por recuperá-las, para cumprir o desejo do pai. Depois do crime, decidiu-se finalmente a obter as informações desejadas. Não acha óbvio?

Holmes sorriu e sacudiu a cabeça.

— Parece-me que há um obstáculo, Hopkins: é intrinsecamente impossível. Já tentou varar um corpo com um arpão? Não?... Pois precisa dar atenção a esses pormenores. O meu amigo Watson poderá dizer-lhe que dediquei uma manhã inteira a esse exercício... Não é fácil e exige um

braço forte e experiente. Mas o golpe foi dado com tal violência que o arpão penetrou na parede. Acha aquele rapaz anêmico capaz de tal proeza? Será ele o homem que se encheu de rum em companhia de Peter Carey, no meio da noite? Era seu, o perfil que foi visto na janela? Não, Hopkins. Devemos procurar outra pessoa, muito mais forte e resoluta.

A expressão do detetive fora-se tornando cada vez mais sombria, à medida que Holmes falava, mas não queria abandonar, sem luta, a sua posição.

— Não pode negar que Neligan esteve presente na noite do crime, Sr. Holmes. O caderno de apontamentos confirma-o. Creio que temos provas suficientes para apresentá-lo perante o júri. Onde está essa terrível pessoa a que se refere?

— Parece-me que vem subindo a escada — respondeu Holmes, serenamente. — Creio, Watson, que seria bom ter o seu revólver à mão.

Holmes ergueu-se e estendeu um papel escrito, sobre a mesa.

— Estamos prontos — acrescentou.

A porta abriu-se e a Sra. Hudson veio avisar que três homens perguntavam pelo capitão Basil.

— Mande-os entrar, um de cada vez — recomendou Holmes.

O primeiro era um franzino, de rosto corado e suíças grisalhas. Holmes tirara uma carta do bolso.

— Nome? — perguntou.

— James Lancaster.

— Sinto muito, Lancaster, mas já não há vaga. Tome meio soberano, pelo incômodo. Faça o favor de entrar para aquela sala e esperar um pouco.

O segundo era um homem alto e seco, de cabelos ralos e rosto pálido. Chamava-se Hugh Pattins. Também foi despedido, com meio soberano e indicação para que ficasse à espera.

O terceiro era um sujeito de rosto de *bull-dog* no meio uma barba e uma cabeleira emaranhada, com olhos escuros, brilhando sob sobranceiras espessas e negras. Saudou à maneira dos marinheiros, revirando o boné nas mãos.

— Nome? — inquiriu Holmes.

— Patrick Cairns.

— Arpoador?

— Sim, senhor. Vinte e seis viagens.

— Dundee, creio eu?

— Sim, senhor.

— Pronto para partir, nesta viagem de exploração?

— Sim, senhor.

— Quanto quer ganhar?

— Oito libras por mês.

— Pode partir imediatamente?

— Logo que for buscar as minhas coisas.

— Tem documentos?

— Sim, senhor — respondeu, tirando uns papéis enebados do bolso. Holmes examinou-os e devolveu-lhes.

— É justamente o homem de quem preciso. Aqui está o contrato. Basta assinar e está tudo resolvido.

O marinheiro aproximou-se da mesa e pegou a pena.

— Devo assinar aqui? — perguntou, inclinando-se.

Holmes dobrou-se sobre o homem, passando-lhe as mãos por cima dos ombros.

— Pronto — exultou.

Ouvi o ruído de algemas que se fechavam e um berro de touro enfurecido. No momento seguinte, Holmes e o marinheiro rolavam no chão. Era um indivíduo com tanta força que, mesmo algemado, teria vencido o meu amigo, se Hopkins e eu não nos apressássemos a ajudá-lo. Só quando encostei o cano do revólver à testa do homem é que compreendeu que qualquer resistência seria inútil. Amarramos os tornozelos do hércales e erguemo-nos, ofegantes.

Hopkins estava mudo de espanto.

— Não sei o que dizer, Sr. Holmes — exclamou ruborizado. — Parece-me que desde o princípio fiz papel de tolo. Compreendo agora aquilo de que nunca deveria ter-me esquecido: que sou o aluno e o senhor o mestre. Vejo o que fez, mas não entendo como o fez, nem o que tudo isto significa.

— Todos aprendemos com a experiência — observou Holmes, bem humorado. — E a lição, neste caso, é de que nunca devemos esquecer-nos de uma alternativa. Você estava tão obcecado por Neligan, que não pensou em Patrick Cairns, o verdadeiro assassino.

A voz rouca do marinheiro interrompeu a conversa.

— Não me queixo de ter sido tratado desta forma, mas gostaria que o senhor desse às coisas os seus verdadeiros nomes. Disse que assassinei Peter Carey, mas a verdade é que o matei em legítima defesa, o que é diferente. Talvez não acredite em mim...

— Ouçamos, então, o que tem a dizer.

— Quanto mais cedo melhor e, juro por Deus, que é a verdade. Conhecia muito bem Peter Carey e, quando ele puxou pela faca, agarrei no arpão, pois sabia que um de nós tinha de desaparecer. Foi assim que morreu. Não foi um assassinato. De qualquer maneira, prefiro morrer com uma corda no pescoço do que com a faca de Peter Carey enfiada no coração.

— Como apareceu na cabana? — perguntou Holmes.

— Vou contar-lhe tudo, pelo princípio. Deixe-me sentar, para descansar um pouco. Foi em agosto de 83. Peter Carey era capitão do Sea Unicorn e eu era um dos arpadores. Saíamos do meio dos gelos flutuantes, de regresso à casa, com um vento forte, quando demos com uma embarcação que fora empurrada para o Norte. Só continha um homem que não era marinheiro. A tripulação pensara que o barco ia naufragar e fugira no bote salva-vidas para a costa da Noruega. Creio que todos se afogaram. Pois bem, recolhemos o naufrago e ele e o capitão tiveram longas conversas. Ao que me consta, nunca se soube o nome do homem; na segunda noite desapareceu, como se nunca tivesse existido. Carey disse que caíra ao mar devido à ventania. Só sabia o que lhe acontecera, pois vi com os meus próprios olhos o capitão atirá-lo ao mar, na noite escura.

Pois bem, guardei segredo, à espera de ver no que dariam as coisas. Quando voltamos para a Escócia, o caso foi abafado e ninguém fez muitas perguntas. Morrera um estranho, por acidente, o que pouco interessava. Depois, Peter Carey abandonou a vida do mar e levei tempo a descobrir onde morava. Julguei que tivesse feito aquilo pelo que havia na caixa de estanho e que, para eu manter o bico calado, podia dar-me uma boa quantia. Descobri onde morava, por intermédio de outro marinheiro que o encontrara em Londres, e fui até lá, para apalpar o terreno. Na primeira noite, mostrou-se cordato, dizendo estar disposto a dar-me uma quantia que me permitisse abandonar o mar para o resto da vida. Combinamos resolver o assunto, duas noites mais tarde. Quando lá fui, encontrei-o bêbado e de péssimo humor. Bebemos e conversamos sobre os velhos tempos, mas, quanto mais ele bebia, menos eu gostava da expressão do seu rosto. Vi o arpão na parede e pensei que talvez viesse a precisar dele, antes que a noite

acabasse. Finalmente, Peter Carey não se conteve e começou a ameaçar-me, com olhar assassino e a mão na faca. Não chegou a tirá-la da bainha, pois eu já o varara com o arpão. Soltou um berro tremendo! Ali fiquei, com todo aquele sangue à minha volta, à espera. Mas, como não ouvi ruído algum, ganhei coragem. Vi a caixa de estanho. Tinha tanto direito a ela, como Peter Carey. Peguei-lhe e saí da cabana. Como idiota que sou, deixei a bolsa de tabaco em cima da mesa.

Vou agora contar a parte mais estranha da história. Mal saí, ouvi alguém chegar. Escondi-me entre as moitas. Um homem entrou furtivamente, soltou um grito e saiu correndo, como se o diabo o perseguisse. Quanto a mim, palmilhei dez quilômetros, apanhei um trem em Tunbridge Wells e cheguei a Londres, sem que desconfiassem de coisa alguma.

Quando examinei a caixa, vi que não continha dinheiro; apenas títulos, que eu não teria coragem de vender. Perdera o domínio sobre Peter Carey e estava em Londres, sem um níquel. Restava a minha profissão. Vi o anúncio sobre arpadores e o ordenado compensador que ofereciam, de maneira que fui à companhia de navegação e, de lá, mandaram-me aqui. É tudo quanto sei, e repito que, se matei Peter Carey, a Lei deve agradecer-me, pois poupei-lhe o dinheiro da corda que o enforcaria.

— Fez uma clara exposição — apreciou Holmes, erguendo-se e acendendo o cachimbo. — Acho, Hopkins, que não deve perder tempo em mandar o seu preso para um lugar seguro. Esta sala não serve de cárcere, e o Sr. Patrick Cairns ocupa muito espaço.

— Não sei como agradecer-lhe, Sr. Holmes, mas ainda não percebo como chegou a este resultado.

— Por ter tido a sorte de seguir a pista certa, desde o início. É possível que, se soubesse da existência do caderno de apontamentos, também tivesse me iludido. Contudo, a força extraordinária, a habilidade no manejo do arpão, o rum, a bolsa de tabaco em couro de foca, tudo isso indicava tratar-se de um marinheiro, que trabalhara numa baleeira. Convenci-me de que as iniciais “P. C.” na bolsa de tabaco eram uma coincidência e não as iniciais de Peter Carey, pois ele raramente fumava e não se encontrou cachimbo algum na cabana. Lembra-se de que lhe perguntei se tinham encontrado *whisky* ou conhaque na cabana? Você respondeu-me afirmativamente. Quantos homens, entre os que vivem em terra, beberiam rum, podendo beber outra coisa? Portanto, fiquei certo de que se tratava de um marinheiro.

— E como o encontrou?

— Caro amigo, o problema torna-se simples. Se fosse marinheiro, só poderia ser um que tivesse navegado com Peter Carey no Sea Unicorn. Ao que me constava, ele não viajara noutro navio. Levei três dias expedindo telegramas para Dundee e fiquei sabendo quais os tripulantes do Sea Unicorn, em 1883. Quando vi o nome de Patrick Cairns entre os arpoadores, percebi ter encontrado o dono da bolsa de tabaco com essas iniciais. Calculei que estivesse em Londres e que, naturalmente, estaria ansioso por fugir o mais depressa possível. Passei alguns dias no East End, inventei uma expedição ao Ártico, publiquei anúncios tentadores para os arpoadores que quisessem partir com o capitão Basil... e resultou.

— Maravilhoso! — exclamou Hopkins. — Maravilhoso!

— Deve mandar soltar Neligan o mais depressa possível — advertiu Holmes. — Acho que você deve pedir-lhe desculpas. A caixa de metal tem de ser-lhe devolvida. Contudo, as ações vendidas por Peter Carey nunca mais serão recuperadas. Chegou o carro, Hopkins; pode levar o preso. Se precisar de mim, ou de Watson, para o julgamento, o nosso endereço será... um lugar qualquer, na Noruega. Depois lhe darei notícias.

